

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO**

DAIANE APARECIDA TONACO

DE QUIABO A SANTO ANTÔNIO:

**A DIMENSÃO RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DO ESPAÇO URBANO EM SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS (1903 – 2008)**

**GOIÂNIA
2010.**

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E

DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ Dissertação ☐ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Daiane Aparecida Tonaco				
E-mail:	daianetonaco@yahoo.com.br				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	☒ Sim ☐ Não				
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:				Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	De Quiabo a Santo Antônio: A dimensão religiosa na construção e desenvolvimento do espaço urbano de Santo Antônio de Goiás 1903 – 2008.				
Palavras-chave:	Cidade, História, Território Religioso, Identidade e Grupos Sociais.				
Título em outra língua:	From quiabo to Santo Antonio: The religious dimension in the construction and development of urban space in Santo Antonio de Goias, 1903 - 2008				
Palavras-chave em outra língua:	City, history, religious territory, identity, social groups.				
Área de concentração:	Culturas, Fronteiras e Identidades.				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)					
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em História				
Orientador (a):	Leandro Mendes Rocha.				
E-mail:	leandromrocha@uol.com.br				
Co-orientador (a):					
E-mail:					

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?¹ ☒ total ☐ parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

☐ Capítulos. Especifique: _____

☐ Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: ____ / ____ / ____

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

DAIANE APARECIDA TONACO

DE QUIABO A SANTO ANTÔNIO:

A DIMENSÃO RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO
DO ESPAÇO URBANO EM SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS (1903 – 2008)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História do Programa de Pósgraduação em História Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Identidades, Fronteiras e Culturas de Migração.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha.

Goiânia
2010

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

T663d Tonaco, Daiane Aparecida.
De quiabo a Santo Antônio : a dimensão religiosa na construção e desenvolvimento do espaço urbano em Santo Antônio de Goiás (1903 – 2008) [manuscrito] / Daiane Aparecida Tonaco. – 2010.
172 f. : il., figs.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras.
Apêndices.

1. Cidade 2. História 3. Território Religioso 4. Identidade 5. Grupos Sociais. I. Título.

CDU: 94(817.3):911.375

DAIANE APARECIDA TONACO

DE QUIABO A SANTO ANTÔNIO:

A DIMENSÃO RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO
ESPAÇO URBANO EM SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS (1903 – 2008)

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás, Para a obtenção do título de Mestre, aprovada em ____/ ____/ 2010, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha - UFG
Presidente da Banca

Prof. Dra. Gecinair Silvério Gandara - UFG
Membro

Prof. Dra. Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal - UFG
Membro

Prof. Dra. Cristina de Cássia Pereira Moraes - UFG
Suplente

Dedico esta dissertação à minha mãe e ao meu pai,
que sempre apoiaram e acreditaram na execução deste
trabalho.

AGRADECIMENTOS

Visto que a elaboração deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de inúmeras pessoas, reservo este momento para prestar minha estima e gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter concedido força, saúde e discernimento nas horas de tamanha escuridão, as quais não encontrava soluções para tantas dificuldades à enfrentar. Agradeço também ao meu orientador Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha que foi paciente ao realizar preciosas correções e contribuições para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, que sempre apoiaram e acima de tudo acreditaram na conclusão deste trabalho mesmo quando estava desacreditada. Aos meus irmãos, Doliane que ajudou e incentivou e ao meu irmão Dayson.

Ao meu namorado pela solidariedade prestada durante todos os anos ao meu lado.

Aos meus amigos pelo apoio inestimável e também pela paciência em ouvir meus desabafos, de maneira que sempre me deram alento, em especial ao Marcos e à Ítala Amanda.

Agradeço à Prof. Dra. Gercinair Gandara por ter aceito ao convite de participar desta banca. Também agradeço ao professor Geraldo Campos pelas inteligentes correções textuais.

Sou muitíssimo grata à todo povo santoantonense pela acolhida, credibilidade e aceitação, em especial a dona Hosana, à Rosimeire, Nayrana e à Família Freitas.

À Prof. Dra. Cristina de Cássia por oferecer valiosos conselhos teóricos-metodológicos e conceder a sua atenção. Agradeço também à Prof. Dra. Eliesse Scaramal por ter possibilitado desde o início condições teóricas e concretas para o desenvolvimento de minha vida acadêmica.

Por fim, mas não menos importantes a todos aqueles que direta e indiretamente, contribuíram para esta vitória, ou seja, ao programa de pós-graduação em história, aos professores do curso, aos colegas da academia, colegas de trabalho, bem como familiares e funcionários os quais são alvos da minha gratidão e estima.

“De fato, a história da cidade começava pelo ato da fundação, e registrava o nome sagrado do fundador. Depois, enumerava as lendas, os deuses da cidade, os heróis protetores. Ensinava a data, a origem, a razão de cada culto e explicava seus ritos mais obscuros”.

Coulanges

RESUMO

A presente dissertação trata do processo de formação da cidade de Santo Antônio de Goiás e tem como pano de fundo a influência da religiosidade na constituição do espaço urbano e dos grupos sociais. O tema reporta-se ao início do século XX quando os primeiros migrantes se instalaram à beira dos córregos que circundam a região. A partir de então ocorreram diversas transformações. Na década de 1940, com a instalação do Ministério da Agricultura na fazenda Capivara a vila tomou impulso urbano e comercial. E em 1982 esse órgão vendeu essa propriedade a EMBRAPA, que instalou o centro nacional de pesquisa arroz e feijão – CNPAF, atualmente EMBRAPA - Arroz e Feijão. Esta acelerou o processo de urbanização do então distrito. Em 1990, quando este foi emancipado, operaram-se diversas conquistas.

Buscou-se também reconstituir o cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, identificou-se as características dos grupos que se formavam. Nesse sentido, observou-se que as tradições religiosas, traduzidas principalmente nas festas católicas, as quais permeiam a identidade do grupo, não só preservam os valores religiosos dessa comunidade, mas renovam e Mantém a hierocracia católica. Além de consolidarem a cidade e o território religioso.

Palavras-Chave: Cidade, História, Território Religioso, Identidade e Grupos Sociais.

ABSTRACT

This dissertation deals with the process of the city Santo Antônio de Goiás formation and it has as background the religious influence in the constitution of urban space and social groups. The theme refers to the early twentieth century when the first migrants settled on the edge streams that surround the region. Thereafter various changes occurred. In the 1940s, with the installation of the Department of Agriculture in the Capivara's farm, the town took off urban and commercially. And in 1982 that organ sold the property to EMBRAPA, which set up the national research center about rice and beans – CNPAF – nowadays EMBRAPA – Rice and Beans. This accelerated the urbanization process of the district at that occasion. In 1990, when it was emancipated, several achievements happened.

It also sought to reconstruct the daily lives of people and therefore it identified the group's characteristics that were being formed. In this sense, it was observed that the religious traditions, which are translated mainly at Catholic parties, that permeate group's identity, do not only preserve the religious values of this community, but they renew and maintain Catholic hierocracy. In addition to that, they consolidate the city and the religious territory.

KEYWORDS: City, History, Religious Territory, Identity and Social groups.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Estrada que liga Santo Antônio de Goiás à Goiânia, antes de sua pavimentação.....	46
Figura 2: Traçado da estrada que ligava Nova Veneza (Antiga Goianáz) a Campinas.....	47
Figura 3: Em 1954 começaram a surgir as primeiras casas de alvenaria de forma desordenada.....	48
Figura 4: Capela da colônia de trabalhadores.....	52
Figura 5: Construção da igreja católica.....	54
Figura 6: Traçado do primeiro loteamento feito no então povoado de Santo Antônio de Goiás realizado por Antônio Genoveva.....	61
Figura 7: Grupo escolar João Brasil.....	68
Figura 8: Hidrografia do município de Santo Antônio de Goiás.....	70
Figura 9: Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes.....	73
Figura 10: Mapa dos limites geográficos de Santo Antônio de Goiás.....	94
Figura 11: Escola Municipal Santa Rita.....	99
Figura 12: Pavimentação do trecho da GO-462 que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás.....	101
Figura 13: Bandeira do município de Santo Antônio de Goiás.....	103
Figura 14: Hospital Municipal de Santo Antônio de Goiás.....	104
Figura 15: Imagem do padroeiro da cidade, entrada de Santo Antônio de Goiás.....	106
Figura 16: Entrada da cidade.....	108
Figura 17: Símbolos que constituem um cenário logo na entrada da cidade.....	135

Sumário

INTRODUÇÃO	14
------------------	----

1. CAPÍTULO I

Famílias dos sertões de Goiás: Primeiros Contornos	24
--	----

2. CAPÍTULO II

Da Frente de Expansão à Frente Pioneira: As políticas de interiorização no Estado de Goiás.....	35
2.1 A Marcha para o Oeste e suas Configurações.....	35
2.2 Ministério da Agricultura – Criação dos Postos Agropecuários.....	39
2.3 O Ministério da Agricultura e a Fazenda Capivara	41
2.4 Das Fazendas, da Venda – A Formação do Núcleo Urbano.....	44
2.5 A Construção do Patrimônio Religioso	51
2.6 Em Torno da Fé.....	56
2.7 As Diversas Faces e um Nome: Santo Antônio de Goiás, ou... “Quiabo... Assado”	63

3. CAPÍTULO III

Processos de Urbanização do Povoado de Santo Antônio de Goiás	67
3.1 Primeiras Construções do Povoado	67
3.2 Formação dos Primeiros Grupos Políticos.....	71
3.3 Instalação da Embrapa-Arroz e Feijão no Distrito de Santo Antônio de Goiás.....	74
3.4 EMBRAPA – Arroz e Feijão e Santo Antônio de Goiás	78

3.5 Transformações Político Institucional Brasileira e a Constituição de 1988: A Emancipação Política de Santo Antônio de Goiás.....	85
3.6 Consolidação das Lideranças Políticas Locais e a Emancipação	87

4. CAPITULO IV

Expansão Urbana e Legitimação de um Sonho	96
4.1 A Criação da Prefeitura e o Desenvolvimento Urbano	96
4.2 Crescimento Evidente – pontos positivos e negativos	111

5. CAPITULO V

As Comunidades Religiosas e suas Territorialidades em Santo Antônio De Goiás	123
5.1 Os Católicos e seus Espaços.....	123
5.2 Festa Tradicional do Santo Padroeiro.....	127
5.3 As Folias.....	136
5.4 Inserção da Comunidade Evangélica em Santo Antônio de Goiás: Novos Territórios Religiosos	138
5.5 Grupos Espiritualistas.....	148

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
----------------------------------	-----

APÊNDICE

INTRODUÇÃO

Esta dissertação versa sobre a formação da cidade de Santo Antônio de Goiás e o período estudado remonta ao início do século XX, data dos processos de ocupação dessa região.

O município de Santo Antônio de Goiás faz parte da região Metropolitana de Goiânia, localiza-se ao norte da capital, no ponto de encontro das bacias hidrográficas dos rios Meia Ponte e Rio Capivara, está situado a dezoito quilômetros de Goiânia e compreende uma área de 133 km². A população de Santo Antônio de Goiás é uma mistura de mineiros, nordestinos e goianos, com forte tradição caipira.

O estudo do tema iniciou com uma pesquisa vinculada ao projeto ABEREM – Estudos de Comunidades, Religiosidades e Territórios, coordenado pela prof^a. Dra. Eliesse dos Santos Teixeira Scaramal. Criou-se o projeto com o objetivo de pesquisar a presença das religiões de matriz africana no território goiano, levando-se em consideração a presença maciça de comunidades remanescentes de escravos. O mesmo foi aprovado pelo CNPq, conforme resultado do edital 061/2005, cujo objetivo foi estimular e fortalecer linhas de pesquisa, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mediante o financiamento de projetos de pesquisadores, com mérito científico, que contribuam para o desenvolvimento da área no Brasil.

As migrações de mineiros, paraibanos, baianos, bem como goianos engendram essa trama. Assim, algumas questões são pertinentes. Como se deu o processo de formação da cidade e quais são as suas especificidades? Quais atores estavam envolvidos neste processo? A cidade em estudo seguiu os mesmos processos de formação de outras cidades do interior de Goiás? Como esse povo se representa? Qual o papel da igreja católica na constituição da cidade e, depois na formação da identidade do povo santoantoniense? Qual a influência das festas religiosas na construção da identidade desse povo?

Outra questão pertinente é: Sob o signo de “Santo Antônio” a cidade de Santo Antônio de Goiás permaneceu com tradição católica ou no decorrer do seu desenvolvimento e crescimento mudaram as territorialidades? Uma vez constituída, houve a superposição de diferentes territórios religiosos? Na cidade tradicionalmente católica,

como se deu a inserção da comunidade evangélica e das demais religiões? Estas se dividem e/ou compartilham o mesmo território religioso?

Pretende-se nessa dissertação reconstituir a história da construção do espaço urbano de Santo Antônio de Goiás desde quando seu território era uma simples fazenda, uma venda, do surgimento de um núcleo religioso passando aos momentos seguintes e seus desdobramentos.

Para realização dessa dissertação utilizaram-se diversos conceitos relacionados aos processos de formação das cidades², território, territorialidade, território religioso³, e religiosidade⁴, que possibilitaram compreender as particularidades que definem e marcam os espaços, os lugares formadores dos núcleos urbanos.

Vários autores foram analisados para a elaboração da presente dissertação. Park (1973) busca a compreensão da cidade como expressão da natureza humana, pois para ele, existem forças que atuam dentro dos limites da comunidade urbana e que tendem a ocasionar um “agrupamento típico e ordenado” de sua população e instituições.

² Para se compreender os processos de formação da cidade, inspira-se no livro “A Cidade Antiga” de Fustel de Coulanges, o qual caracteriza *cidade* e *urbe* da seguinte forma: “A cidade era a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a *urbe*, o lugar de reunião, o domicílio e sobretudo o santuário dessa sociedade.” Fustel de Coulanges (2002, p. 145) explica que desde os tempos antigos o processo de formação das cidades obrigatoriamente passa por um rito de fundação da *urbe*, que legitima e consolida a cidade. O autor prossegue afirmando que a fundação da urbe foi sempre um ato religioso. A cidade inicia-se antes desta fundação, porém a formação da *urbe* é que a torna reconhecível.

³ Segundo Zeny Rosendahl (1999), o território religioso é entendido como um território demarcado, em que o acesso é controlado e dentro do qual o domínio é monitorado por um profissional religioso, e o território se dota por estruturas específicas, incluindo o modo de distribuição espacial e de gestão do poder do sagrado. Com isso, ela conclui que assim como a comunidade de fiéis pertence ao território religioso, esse por sua vez pertence a ela.

A mesma autora explica acerca da territorialidade religiosa que é o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos religiosos para controlar determinado território. As experiências religiosas, que o grupo mantém no lugar sagrado, fortalecem as territorialidades, e consequentemente, constituem e consolidam o território.

⁴ Tem-se consciência da distinção entre religião e religiosidade, a saber, a religião como um conjunto de práticas estruturadas em torno de um grupo de crenças que normatizam e organizam a vida dos que crêem, enquanto que o conceito de religiosidade tem sido atribuído às acomodações da religião às novas formas societárias definindo o conteúdo deste conceito por uma vivência ou experiência do sagrado e do religioso mais centrada no indivíduo, mais psicologizada e mais autônoma em relação às instituições promotoras da religião, enfim a religiosidade torna-se uma forma de relação com o sagrado mais privatizada e menos dependente das instituições religiosas que no passado eram centrais para tal relação. Para Saber mais sobre a distinção supracitada ver: SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa (Orgs). *Sociologia das adesões: Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, editora Garamond, 2003. Todavia, posta esta distinção anuncia-se nossa escolha por trabalhar com os termos religião e religiosidade como equivalentes não distinguindo-os como tem sido feito na sociologia e como foi anunciado acima por se constatar que tais transformações apesar de serem timidamente percebidas no território religioso santoantoniense não representariam, ainda, uma variável determinante para os propósitos de nosso estudo.

A cidade, como bem observou Park (1973), é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições, isto é, não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial, pois está envolvida nos processos vitais das pessoas que a constituem e é um produto da natureza, sobretudo da natureza humana. Assim, a cidade é um agente transformador e constitutivo do homem, e esse por sua vez age, molda e a classifica.

Cada cidade imprime sua marca e tem uma cultura própria, conseqüentemente, reúne uma multiplicidade de aspectos sobre sua estrutura, suas impressões, em suma, sua vida cotidiana. Assim, a cidade é um fato cultural e um objeto de estudo que demonstra diversas experiências. Para interpretá-la é preciso compreender suas diversas funções e elementos, os quais foram concentrados por ela dentro de uma área específica, e mantidos num ambiente de tensão e interação dinâmica.

Adotam-se também duas obras de Munford (1998), sendo elas “A cidade na história” e “A cultura das cidades”. De acordo com ele, para interpretar a formação das cidades é preciso tratar da técnica, da política e da religião, sobretudo do aspecto religioso da transformação. Todos esses fatores são fundamentais para a cidade, que é entendida como historicamente capaz de explicar e movimentar os indivíduos e suas ações.

Assim, cada cidade possui suas especificidades, bem como suas heranças históricas. Em geral, a cidade enquanto objeto de estudo é difícil de definir, de mensurar e classificar devido ao fato de que ela é resultado de uma mistura de funções, as quais são apreendidas por meio das condições que geram sua diversidade. No entanto, para apreendê-la em sua totalidade fez-se necessário a aproximação pragmática do nosso objeto.

Dois outros autores nortearam a interpretação desse trabalho no que tange ao assunto sobre as cidades brasileiras: Murilo Marx (1945) e Nestor Goulart Reis Filho (1968). O primeiro com seu livro “Cidade brasileira” aborda sobre o processo de formação das cidades, bem como as características que configuram o seu desenho urbano. O segundo analisa os processos de urbanização no Brasil que, segundo ele, contribuem significativamente para o conhecimento dos principais determinantes da arquitetura urbana. Assim, em seu livro *Evolução urbana do Brasil* faz diversos apontamentos sobre as estruturas urbanas brasileiras, as quais estão sujeitas a um processo de origem social, classificado por ele como processo de urbanização. Por fim, utilizou-se o livro *O fenômeno urbano* organizado por Otávio Guilherme Velho (1973), o qual reuniu, a partir de uma

perspectiva antropológica, diversas interpretações sobre as cidades. Para ele a cidade sempre foi considerada como o lócus de convergência das grandes correntes e interesses econômicos, políticos e ideológicos.

Essa pesquisa exigiu estudos interdisciplinares. Ela dialoga com a sociologia, antropologia e com a geografia cultural. Destarte, pensa-se a organização territorial do sagrado e, conseqüentemente, suas representações e adjetivos sobre a cidade como categorias instáveis. Ao tratar da influência do Sagrado e dos modos de vida, Munford (1998), comenta:

A cidade se revelou não simplesmente um meio de expressar em termos concretos a ampliação do poder sagrado e secular, mas, de um modo que passou muito além de qualquer invenção consciente, ampliou também todas as dimensões da vida. Começando por ser uma representação do cosmo, um meio de trazer o céu à terra, a cidade passou a ser um símbolo do possível. Utopia foi uma parte integrante da sua constituição original e, precisamente porque à existência realidades que poderiam ter permanecido latentes durante um tempo indefinido, em pequenas comunidades mais sobriamente governadas, presas a expectativas mais mesquinhas e não dispostas a fazer esforços que transcendessem tanto os seus hábitos de trabalho de trabalho cotidiano quanto as suas esperanças mundanas (MUNFORD, 1998, p.39).

Em várias cidades a questão religiosa deu sentido às ações humanas o que influenciou os processos urbanos. Santo Antônio de Goiás não é uma exceção. Esse fenômeno é um dos norteadores da sociedade. Uma forma de representação básica é a divindade protetora que exprime “fé em Deus e no Santo protetor”. A cidade recebe proteção, como seu próprio nome indica, de Santo Antônio. Por esse aspecto e pela análise da organização do território religioso percebe-se o quanto a religiosidade está presente nessa cidade. Esse território religioso corresponde a um tipo de manifestação de poder. Nesse sentido, partilha-se da idéia de Raffestin (1993), quando diz que o poder, antes de se difundir e antes de se esgotar, se cristaliza em um lugar, o qual marca e transforma profundamente. Geralmente, alguns lugares se tornam centrais, e a partir deles tudo irradia, além de se tornarem locais simbólicos de uma unidade coletiva.

Considera-se, portanto, a cidade de Santo Antônio de Goiás a partir das especificidades e da sua dinâmica cultural, para tanto, concebe-se a cidade como produto histórico e cultural, e, sobretudo, das relações sociais, as quais alimentam a dinâmica e a interação da sociedade.

A organização da cidade traduz uma complexa dinâmica de produção e reprodução das relações sociais estabelecidas cotidianamente. É possível encontrar diversas dimensões da organização da sociedade, conforme se estudam seus processos de formação. Partindo dessa perspectiva, a cidade traduz o caráter humano e a vida cotidiana.

Em geral, adota-se uma maneira particular de olhar a cidade em relação a seu contexto cultural, estabelecendo-se uma ligação entre religião e a organização funcional e espacial das cidades. Para analisar a cidade, em sua complexidade, considera-se o espaço e a produção do mesmo, essencial. A produção do espaço da cidade de Santo Antônio de Goiás segue uma lógica particular, adotando gostos, certos valores, interesses econômicos que, infalivelmente, tendem a segregar e classificar a população da cidade em foco.

O território como organização do espaço responde às necessidades econômicas, sociais, políticas e culturais de cada sociedade e, por esse motivo, sua constituição se dá por meio das relações sociais que o permeiam. No entanto, sua função não se reduz a essa dimensão instrumental, isto é, ele é também produto de operações simbólicas e é nele que os homens projetam suas visões de mundo. A cidade é parte de um território, considerado a partir de uma perspectiva relacional do espaço.

Assim usa-se também o conceito de territorialidade para enfatizar as questões de ordem simbólico-cultural. Porém, ao se considerar o território como mediação espacial do poder não se separam as esferas de análise, ou seja, a dominação política, econômica e simbólica. Desse modo, entende-se que as relações sociais e culturais que determinado grupo mantém com seu território é que determinam as territorialidades.

Em geral, vê-se a territorialidade com parte integrante do território, pois ao considerá-lo em todas as esferas, desde a mais funcional e concreta até a mais simbólica, percebe-se a multiplicidade de territorialidades. Assim, as territorialidades enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existem e se consolidam com estratégia político-cultural. Por esse motivo analisa-se o poder, no seu sentido político e simbólico, tanto para conceituar território bem como territorialidades.

É nesse contexto que se admite que o território se define por meio de suas representações, de sua territorialidade, isto é, pela sua dimensão simbólico-cultural como também pela sua dimensão concreta e funcional que abrangem as questões políticas e econômicas.

Por outro lado, o estudo das representações⁵ e das práticas religiosas em Santo Antônio de Goiás possibilita apreender os processos de constituição do território, em especial do território e das territorialidades religiosas nessa cidade. Tem-se como foco, a formação da cidade em estudo em torno do território religioso. Em outras palavras, analisa-se a organização do território religioso, e as influências exercidas na construção de Santo Antônio de Goiás.

A partir do estudo das práticas religiosas e das representações sociais chega-se aos territórios religiosos e aos lugares considerados sagrados pela sociedade de Santo Antônio de Goiás. Esses locais sagrados revelam a estrutura espacial simbólica que constitui e cria o território religioso. Assim, as comunidades religiosas funcionam pela construção sucessiva de territórios que se avizinham para formar conjuntos culturais e políticos mais vastos.

Diante da diversidade de aspectos e questões que surgem em torno do objeto de estudo, elege-se outro conceito que auxilia e enriquece nossa análise: o território religioso, e o consequente poder do sagrado⁶ sobre a formação da cidade. A análise da formação do território religioso em Santo Antônio de Goiás é substancial para a interpretação à medida que a cidade se tornou reconhecida, a partir disso, ou seja, essa cidade se iniciou com uma venda de pau-a-pique e um pequeno número de casas, porém se estabeleceu como cidade após a construção de um núcleo religioso.

A presença da religiosidade nas cidades é difícil de mensurar, entretanto, o reconhecimento do sagrado é possível por meio da produção do espaço, pois as construções

⁵ Moscovici define representações sociais da seguinte forma: “As representações sociais são entendidas quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito corresponde a uma prática científica ou mítica” (1976, p.40,41). A partir dessa perspectiva as representações não podem ser tomadas como algo dado nem como variáveis explicativas, pois o que interessa é a construção dessas representações.

⁶ Para Zeny Rosendahl (2003), o conceito de sagrado e sua representação simbólica remetem à perspectiva do poder mantido e reproduzido pela comunidade em suas territorialidades religiosas. Desse modo, a cultura cria um território, e é através dele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. O homem religioso é motivado pela fé em sua experiência na vida. A partir disso observa-se o poder do sagrado na construção de territórios religiosos. Por meio da análise da ligação existente entre política e religião, ou da dimensão política do sagrado, conhece-se as múltiplas estratégias espaciais existentes entre religião e espaço.

são moldadas pelas idéias da sociedade, suas formas de organização econômica e social, a distribuição de recursos e autoridade, suas crenças, seus valores. Disse Rosendahl:

Na religião católica, os templos, os cemitérios, os pequenos oratórios à beira da estrada, os caminhos percorridos pelos peregrinos, representam, entre outros, os meios visíveis pelos quais o território é vivenciado e reconhecido como tal. As normas, regras e penalidades, enquadram os limites invisíveis que efetivamente delimitam o território e, ao mesmo tempo, tornam efetivo seu conteúdo que envolve não apenas diretamente as restrições eclesiais, mas também devotos profissionais especializados e instituições religiosas subordinadas hierarquicamente ao poder local, regional, nacional e mundial. (ROSENDAHL, 2006, p.3).

Diante disso, o lugar sagrado possui divisões hierarquizadas e atribuições: graus variáveis de sacralidade. Deste modo, podem-se distinguir e delimitar vários tipos de espaços sagrados, e esses são espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. Porém, a palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem, totalidade e força.

Os rituais, as imagens, as emoções, os símbolos, as práticas religiosas constituem representações sociais, as quais são transmitidas de geração a geração. Esse fato faz com que o grupo se reconheça e coexista quanto uma realidade social. Ao cultivar imagens, santos, entidades espirituais e a Bíblia (ou seja, objetos, símbolos e crenças), os homens constroem representações. A esse respeito Moscovici nos que:

É sobre estes símbolos que as pessoas pensam, é face a face com os símbolos que as pessoas se orientam, como nós fazemos quando diante da bandeira ou da chama no Arco do triunfo. Do mesmo modo, condutas rituais têm como sua finalidade concreta, não tanto fazer chover ou prantear uma morte, mas manter a comunidade, revigorar o sentido de pertencer a um grupo, inflamar crença e fé. Estou longe de sugerir que essa explicação da vida religiosa é a melhor, ou que ela resistiu à crítica do tempo. Mas para mim é suficiente ilustrar o sentido em que representações latentes são expressas através de conteúdos mentais e comportamentos simbólicos (MOSCOVICI, 2003, p.178).

Os símbolos, os mitos e as crenças ganham força e realce quando estão impregnados de afetividade e significação no lugar religioso. Portanto, a representação simbólica se materializa no espaço e existe em si mesma. A construção do lugar sagrado envolve um longo período de tempo, esforço e cooperação da comunidade religiosa, a qual

constrói a igreja, os templos e os centros espíritas, e estes por sua vez, sustentam a própria comunidade.

Diante dessas considerações é ainda pertinente situar esse estudo na produção historiográfica brasileira.

Para tratar dos primórdios de Santo Antônio de Goiás, foram lidos diversos autores. Um primeiro, “Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Trans-Amazônica”, Velho (1972) centra seus estudos nos primeiros processos de ocupação de terras, caracterizado por ele como “frente de expansão”. Nessa perspectiva foram analisadas as primeiras Frentes de Expansão que possibilitaram a ocupação da região. Quanto às características dos primeiros moradores, recorrem-se à obra seminal de Antonio Candido, *Os Parceiros do rio bonito* (1979), na qual se realizou uma pesquisa sobre os meios de subsistência de um grupo denominado “os caipiras paulistas”. Esse autor afirmou que para cada sociedade, num determinado momento, há uma equação necessária entre o ajuste ao meio e a organização social.

Para se tratar dos processos de ocupação dos “vazios demográficos” e da política de interiorização implementada durante o governo de Getúlio Vargas, utilizaram-se os seguintes autores: Alcir Lenharo (1984), Leandro Mendes Rocha (1992), e Lys Elizabeth Amorim Melo Duarte (1999).

A partir da década de 1980, o Brasil passou por um processo de redemocratização. A promulgação da Constituição em 1988 favoreceu à política de descentralização, na qual lideranças locais tinham maior autonomia nas decisões políticas da sua região. Assim, começou a luta dos cidadãos santoantoniezes para a emancipação do município sendo essa efetivada em 1990. Para se elucidar essa questão, se utilizaram Tomio (2002) e Maia Gomes e Macdowell (2000).

Como fonte, utilizou-se também de documentos oficiais encontrados no arquivo pessoal de Antônio Gonçalves Borges, tais como: atas de posses de prefeitos e vice-prefeitos a partir do ano de 1961 (quando o povoado de Santo Antônio se tornou distrito de Goianira) até 2005; requerimentos de administradores; decretos e leis de criação do distrito, bem como da posterior criação das cidades; e, enfim, alguns termos de inventariante. Os documentos oficiais disponíveis no arquivo da prefeitura de Goianira e na de Santo Antônio de Goiás são escassos, e isso se deve ao infeliz fato do desaparecimento do arquivo

referente a Santo Antônio de Goiás. Não havia documentos nas prefeituras de Santo Antônio de Goiás e Goianira, somente atas de doações de terrenos a algumas instituições como igrejas e grupo escolar João Brasil, atual Colégio Estadual Padre Alexandre. Na prefeitura de Santo Antônio de Goiás, encontram-se apenas documentos gerados a partir de 2000, após a instalação definitiva do município.

Existem duas obras sobre Santo Antônio de Goiás. A primeira intitulada “História de Santo Antônio de Goiás”, de Antônio Gonçalves Borges (2005), que trata sucintamente da formação da cidade, das edificações de algumas instituições, algumas famílias e apontamentos políticos. A outra é uma dissertação de mestrado, de Ivone Aparecida Pereira, intitulada “Em Nome dos Santos Reis: uma história de protagonismo em Santo Antônio de Goiás” (2005), a qual trata sobre um grupo de foliões da “Folia dos Meninos” dessa cidade. Existem três Falias de Reis: a Folia dos Meninos, a Folia dos Meninos de dezembro e a Folia dos adultos ou Folia de janeiro. Essa dissertação, portanto, aborda apenas esse caso específico. Quanto à história da cidade restringiu-se a um breve relato.

A partir da leitura desses trabalhos, constatou-se algumas lacunas, como por exemplo acerca da formação do espaço urbano, sobre a constituição e representação dos grupos sociais no contexto sócio-cultural que ali se formou, sobre o desenvolvimento econômico e político e, sobretudo sobre a influência da religiosidade na construção identitária deste povo. Então, este trabalho visa preencher algumas dessas lacunas.

Utilizaram-se também como fontes: fotos, documentos da igreja católica da cidade e relatórios do ministério da agricultura. Devido à escassez de documentos escritos sobre a cidade as fontes orais sedimentam essa dissertação. Os relatos orais foram feitos a partir de entrevistas e depoimentos de moradores mais antigos da cidade, que ajudaram a descrever nosso objeto de estudo.

A metodologia escolhida parte das concepções de Malinowski (1978) e Roberto da Matta (1984) sobre o trabalho de campo. Assim utiliza-se a chamada observação participante que se pauta pela perspectiva dialógica, ou ainda, perspectiva do contato. Portanto, a observação participante, trata-se de um processo que coloca o pesquisador em contato direto com a realidade social que deseja compreender e, concomitantemente, faz essa realidade falar, discordar e emitir opiniões sobre suas explanações (Da Matta, 1984).

Foi escolhida, como método complementar à observação participante, a entrevista de agentes locais como indicado pela teoria da história oral. Para a realização desta, pautou-se pelas indicações feitas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT) 6324 a qual indica que, para a preservação da identidade dos agentes entrevistados, deve-se proceder o registro das transcrições utilizando apenas as iniciais dos nomes dos mesmos, salvo as pessoas que ocupam cargos públicos.

A dissertação está composta por quatro capítulos. No primeiro, descrevem-se as famílias que deram origem ao povo santoantoniense e as frentes de expansão.

No segundo capítulo, analisam-se os efeitos da Marcha para o Oeste no processo de interiorização promovida pelo governo Getúlio Vargas, na década de 1940 e demais ações governamentais desenvolvidas com o intuito de colonizar a região. Trata-se nesse capítulo sobre a instalação do Posto do Ministério da Agricultura nas proximidades do povoado de Santo Antônio, influenciando diretamente a formação e construção do município.

O terceiro capítulo trata dos processos de urbanização do povoado, sua elevação a distrito de Goianira, e a mudança do Posto do Ministério da Agricultura para EMBRAPA- Arroz e feijão. Trata também dos efeitos dessa instituição sobre o crescimento demográfico, econômico e político da cidade. Trata-se ainda nesse capítulo do início da participação ativa dos moradores do então distrito na política e a luta pela emancipação da cidade.

O quarto capítulo aborda a transformação ocorrida a partir da emancipação política de Santo Antônio de Goiás. Esse capítulo descreve ainda o crescimento da cidade, os serviços que oferece, seu comércio e seu crescimento demográfico.

O quinto capítulo trata dos aspectos da dinâmica cultural da cidade de Santo Antônio de Goiás. Aborda também a chegada da comunidade evangélica à cidade e o início da disputa, e a conseqüente perda de espaço da igreja católica, o que reconfigurou o território religioso, antes preponderantemente regido pela hegemonia católica. Bem como, a tímida presença da comunidade espírita no território religioso santoantoniense. A ênfase do capítulo recai sobre os territórios religiosos, como esse é compartilhado pelas diferentes comunidades religiosas e como eles são divididos.

CAPITULO I:

FAMÍLIAS DOS SERTÕES DE GOIÁS: PRIMEIROS CONTORNOS⁷

O nascimento da cidade de Santo Antônio de Goiás se deu em função da crescente migração para essa região, composta pelas fazendas São Domingos, Água Branca e Capivara. Os diversos depoimentos dos moradores pioneiros mostram como a cidade foi construída. Cita nomes de diversas famílias que ali chegaram e realizaram feitos que hoje configuram no município de Santo Antônio de Goiás.

Realizou-se por meio destes depoimentos uma incursão pela cidade de Santo Antônio de Goiás, tendo em vista aspectos gerais, espaços vazios, áreas construídas, costumes e tradições reinventadas. Através dos diversos depoimentos colhidos, percebeu-se que há várias versões para a formação de Santo Antônio de Goiás. Há divergências no que se refere às primeiras famílias que ali chegaram. Essa questão se resolveu por meio do cruzamento de dados e das informações obtidas durante as entrevistas. Todos os depoentes são unânimes em relação à formação do núcleo urbano, os entrevistados apresentaram caminhos reconstituidores do processo de povoação dessa região.

Uma das entrevistadas, Sra. R. M. S.⁸, que nasceu na chácara de seus avós em 1931, conta que sua família “Ferreira da Costa” chegou ali por volta de 1903. Os avós maternos J. F. C. e S. B. S. J. a criaram, pois a mãe havia falecido. Segundo Borges (2005), esse casal se instalou em primeiro lugar nas terras às margens do Córrego do Meio. A entrevistada também informou sobre a família dos seus avós paternos, P. M. F. e M. M. S. A aliança entre essas duas famílias se deu com a união matrimonial de seus pais. A depoente comenta:

Eu fui nascida e criada nesse pedacim de chão [...] Fizeram alguma mudancinha de... Como se diz, mudança de cebola, a gente foi e volto logo, porque meu

⁷ Optou-se por não revelar os nomes reais dos entrevistados nesse trabalho, para a realização das transcrições de trechos de entrevistas utilizou-se, seguindo a convenção, mormente utilizada pela história oral, a abreviatura pelas iniciais dos nomes dos entrevistados.

⁸ R. M. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida. Tonaco em 14.03.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 41 min.

familiar tudo é daqui, então essa parte de terreno daqui pra cá era de um avô, e daqui pra cá do outro⁹.

Também faz parte da história de Santo Antônio de Goiás a família Vaz Machado na região por volta de 1920. O casal M. V. M. e M. M. veio de Ipameri-Go e adquiriu terras na fazenda São Domingos¹⁰, às margens do córrego do Meio. Segundo Borges (2005), o casal trouxe seus filhos: B. V. M., O. V. M., M. V. M., Dona A., Dona P., Dona B. e Dona A. Esses, por sua vez, lembrados pela maioria dos entrevistados, os quais citaram também os nomes dos netos do casal.

Os filhos do Sr. M. V. M. cresceram, casaram-se e tiveram seus filhos que também são lembrados pelo pioneirismo. Os netos são: Sr. S.V. da C., M. de P. M., M. V. M., J. V. M., N., G. V., R. V., A. V. M., W. G., S. G., C., J. G., M. G. M., B. V., G. V., J. C. V., D. L. C. e B. V. M.

Por volta de 1927, segundo o depoente O. L. G.¹¹, o pai P. L. G. veio para a fazenda Água Branca juntamente com seus irmãos e sua mãe, a qual havia ficado viúva recentemente. Seus avós, Sr. L. T. G. e dona M. R. da C. eram de Ipameri-Goiás. O entrevistado conta que o pai e seus oito tios trabalharam no Ministério da Agricultura. Ele informou o nome dos seus tios: A. L., M. L., M. J., T. L., B. L., M. L., Dona F. e J. L. G. Os descendentes dessa numerosa família se espalharam pelo Estado de Goiás, mas muitos ainda residem em Santo Antônio de Goiás, como por exemplo o entrevistado.

Segundo Borges (2005), outra família pioneira na região é a Candido de Jesus Monteiro e Resende. Conforme o autor supracitado, a depoente A. C. de J. chegou a Goiás por volta de 1930. Ela, como muitas outras famílias vieram de Minas Gerais, essa família particularmente da cidade de Pequi. Quando aqui chegaram, adquiriram quatro alqueires de terra na fazenda Água Branca. Durante a entrevista concedida pela V. A. S.¹², o Sr. J. M. e seu irmão A. M. eram os primeiros fornecedores de leite da região.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Fala-se que adquiriu glebas de terra na fazenda São Domingos, uma vez que essa compreendia uma grande área que ia até as divisas do atual setor Curitiba em Goiânia. Informações colhidas em 13.07.08

¹¹ O. L. G., Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 25.07.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 105 min.

¹² V. A. S., Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 06.05.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 35 min.

Prossegue o autor afirmando que esta geração se “misturou” a outras famílias, surgindo então os netos. O autor conclui que, a partir dessa família surgiram outras, atingindo assim a 3º e a 4º gerações dos Candido de Jesus Monteiro e Resende. Vivem ainda, a maioria, em Santo Antônio de Goiás.

Senhor V. M. dos S. e sua esposa A. V. de J., da cidade de Varginha, Minas Gerais, vieram juntamente com os filhos. Eles adquiriram glebas de terra às margens do córrego do Meio, cujas atividades principais eram a agricultura de subsistência e a criação de animais domésticos. Senhor V. M. incentivou diversos de seus conterrâneos e familiares a migrarem para essa região, um deles “primo-irmão” Sr. A. V. de F., pai de um dos entrevistados, o Sr. O. C. De F. A família Moreira dos Santos chegou por volta de 1930. Membros dessa família uniram-se a outras famílias através do casamento e muitos de seus descendentes ainda residem no município.

No ano de 1940 chegou à região, a família “Cardoso de Moura”, segundo Sr. A. C. M.¹³, os pais J. C. de M. e F. da C. C. vieram de Minas Gerais, da cidade Martins Fontes, quando ele tinha apenas seis anos de idade. Inicialmente, eles se instalaram às margens do Rio Meia Ponte. O casal teve quatro filhos, dois deles nascidos em Santo Antônio de Goiás, e os outros dois, A. C. e M. B. vieram ainda pequenos de Minas Gerais. Esses cresceram e por laços matrimoniais deram origem a outras famílias.

Uma das irmãs do Sr. A. C. de M., dona D. C., que se casou com o Sr. W. G. da C., que faz parte da família Vaz Machado.

Concomitante chegou à família Freitas. Segundo Sr. O. C. F.¹⁴ ele veio para essa região em 1942, com o pai Sr. A. V. de F. e seus seis irmãos: J. M. de F., M. L. da G., A. G. de F., O. J. de F., G. dos A. e N. L. do S. Eles vieram da cidade de Pequi (Minas Gerais) por meio do incentivo de seus parentes que aqui já se encontravam, como exemplo o depoente cita um primo-irmão de seu pai o Sr. V. M. No entanto, na região já se encontravam muitos outros proprietários de pequenas áreas como dois irmãos de V. M.: Sr. A. M. e J. M. O entrevistado casou-se em 1952 com uma das irmãs do Sr. A. C. de M., isto

¹³ A.C.M. Entrevista Concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 12. 03.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 26 min.

¹⁴ O. C. F. Entrevista Concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 04. 03.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 30 min.

é, com Dona M. B. da C. e teve 16 filhos, sendo que quinze são vivos e a maioria reside e trabalha em Santo Antônio de Goiás.

O senhor J. M. e sua esposa chegaram à região por volta de 1945, adquiriram glebas de terras nas proximidades do córrego do Meio, também na fazenda São Domingos. Essa família também é de origem mineira da cidade de Santa Juliana. Eles criaram nessa região seus filhos: W. C. M., W. M., S. M., J. M., N. M., S. M., L. M., A. M., N. e L.

A família Navega, também pioneira, segundo o depoente J. de S. L.¹⁵, adquiriu sua fazenda por volta de 1946. Sua propriedade caracterizava por ser de criação de gado. Na fazenda de J. N. havia em média 12 a 15 casas para instalar seus funcionários. Sobre isso o depoente comentou:

Ah, o João Navega tinha muito, nessa época ele mexia mais era com gado, e quem mexe com gado tem menos funcionário, então na parte que ia mexer com lavoura... nessa época ele mexia com lavoura, mas era muito pouco, era mais era com gado, então ele tinha era caboco que mexia com gado, gado bom, que era gado Zebu, então o movimento dele mais era esse... Carreiro, o caboco que morava ali embaixo que é o finado Totó, aí depois foi ficando aí ficou aqueles caseiros mais antigos que ele trouxe de Minas, ficou aí, depois eu entrei e fui mexer com lavoura.¹⁶

Senhor J. N., um dos grandes proprietários de terra dessa região, cuja fazenda (que se chama São Domingos) gerou empregos, significou desenvolvimento para a região e para a própria cidade. Sua propriedade ficou como herança para os netos, sendo que um deles é o cantor O. M., esposo da atriz G.P. No entanto, atualmente essa última comprou toda a propriedade. Nosso entrevistado fala da atual patroa com muita satisfação e enfatiza que essa fazenda muito contribuiu para o crescimento e povoação do município em questão.

Já no fim da década de 1940, chegou a família Coelho da Silva, que segundo a depoente I. C. da S.¹⁷, veio da Bahia da cidade Carinhainha. Ainda de acordo com ela, o pai, J. C. P., a mãe e seus irmãos: E. C. da S., E. C. da S., S., E. e A. se instalaram inicialmente na fazenda Varejeira às margens do Ribeirão Capivara. Quando em 1949 o pai

¹⁵ J. de S. L. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 23.06.08 Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 35 min.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ I. C. da S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 22. 07.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 53 min.

se tornou funcionário da fazenda de criação do Ministério da Agricultura e passou a residir na colônia constituída por esse órgão.

Grande proprietário de terras, Sr. L. B., por sua vez chegou à região em 1950. Ele se destacou por ser grande produtor de leite, de gado de corte e, posteriormente na cultura cafeeira. Muitos dos entrevistados lembram desse fazendeiro. Ele adquiriu a fazenda da Serra, empregando muitos funcionários, os quais vinham de longe para trabalhar, segundo J. S. L.¹⁸, que trabalhou primeiramente para L. B. e depois para o Sr. J. N.

A família Alves da Silva chegou à região por volta de 1952. O primeiro, Sr. J. J. da S., veio do Estado da Paraíba, da cidade de Santo Antônio, município de Cabaceiras. Segundo a depoente V. A. S., a sobrinha e o tio J. J. se instalaram primeiramente nas mediações da fazenda de criação do Ministério da Agricultura, e após alguns anos enviou cartas convidando seus irmãos a virem para os sertões de Goiás, sendo eles: J. A., M. A. e L. M. . Eles ficaram conhecidos na região como “irmãos Paraíba”.

Os Fernandes vieram de Minas Gerais, da cidade de Araguari, em 1958. O casal R. A. F. e T. T. F., primeiramente se instalou na fazenda do Sr. L. A. B. como funcionários. Depois adquiriu, na região, uma pequena propriedade, a qual ficou para os filhos. Da união dos filhos, R. de A. e L. A. F. surgiu a família Almeida Fernandes. Esse casal vive até hoje na fazenda São Domingos, que corresponde a um alqueire de terra às margens do córrego Jaracatiá, onde criaram três filhas: R. de A. F., R. de A. F. e R. de A. F. Essa família muito contribuiu para o crescimento de Santo Antônio de Goiás, inclusive os pais de Dona R. A. F. foram para o núcleo urbano no ano de 1958, instalaram um açougue e construíram moradia.

Da união matrimonial dessas famílias surgiram novas gerações, e muitos membros das famílias, aqui citados, participaram do início da construção do núcleo urbano, com diversas obras, no município de Santo Antônio de Goiás.

Com a chegada das primeiras famílias à região, o processo de ocupação da região se inicia. Esse primeiro movimento de ocupação pode ser denominado frente de expansão.

¹⁸ Ibid. 25

Essa região, como muitas outras do Brasil, passou por movimentos caracterizados como frentes de expansão. Segundo Velho (1981), essas são conceituadas como constituídas dos seguimentos da sociedade brasileira, internados em áreas antes não exploradas ou apenas ocupadas por sociedades indígenas. O autor esclarece que as frentes de expansão são classificadas de acordo com as relações fundamentais estabelecidas com o meio e com o modo de vida prevalente.

Entendem-se, portanto, como frentes de expansão o movimento migratório e, conseqüentemente, o processo de ocupação das famílias oriundas da Bahia, de outras partes de Goiás, Paraíba e, sobretudo, Minas Gerais, na região de Santo Antônio de Goiás. Essa primeira população possuía hábitos singelos, equiparados à cultura caipira¹⁹, na qual prevalecia a economia de subsistência, ou ainda economia fechada. Nesse período a vida dessas famílias era tranquila e os elementos da dieta eram obtidos e preparados em casa.

A cultura caipira, nesse contexto, foi trazida pelos mineiros para Goiás o que, conseqüentemente, ocasionou uma ressignificação e uma transfiguração, através da transposição de costumes e vivências. Essa herança é clara, à medida que se estuda a formação da cidade de Santo Antônio de Goiás. Essas famílias, bem como as populações caipiras descritas por Antônio Candido, viviam em ranchos construídos ao longo dos córregos: Barroso, do meio, Água Branca, Engenho, Leonardo, da Onça, Jaracatiá e Córrego Buracão. O depoente O. L. G. ao ser indagado sobre esse período disse:

Não, não tinha nada, aqui não tinha nada, só tinha as pessoas que moravam nas beira dos córregos, como por exemplo córrego do meio, o córrego barroso e... e vários outros córregos da sé, as pessoas moravam geralmente nas beiras dos córregos, né, a fazenda do Joaquim Diniz aqui, tudo era assim, tinha as fazendas ... as sedes da fazenda com a ... como se chama? Com os seus mesteiros é como se chama as pessoas que trabalhavam com a terra, mas não eram funcionários dos fazendeiros, eram mesteiros, plantava roça na meia, aquela coisa toda²⁰.

Essas famílias viveram da agricultura de subsistência em bairros rurais, nos quais desenvolviam suas formas de sociabilidade e sobrevivência em uma economia quase fechada, e produziam apenas o suficiente para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos pequenos bairros rurais. Esses “caipiras” também, produziam todos os seus alimentos em sua casa no seio familiar e os únicos mantimentos que buscavam em cidades próximas eram

¹⁹ Ver sobre a chamada cultura caipira, Candido (1979).

²⁰ Ibidem p.23.

o sal, o querosene (usado para acender lamparinas) e o macarrão. Os alimentos essenciais também eram o arroz, o milho, o feijão e a mandioca. Sobre os produtos mais cultivados, a depoente explicou:

É, a gente plantava muito era, era o mio, o arroz e o feijão né, e o ramo de mandioca, isso a gente sempre tinha, da [...] mandiocal, tinha cana, moía cana, fazia rapadura, fazia melado né, açúcar de forma, então o trabalho nosso era esse, de roça, toda vida foi, o meu eu nunca, aqui teve muita gente que trabalhava na roça, eu nunca trabalhei, eu trabalhava assim porque, porque a gente tem o terreno plantava semente de algodão, colhia algodão, aí eu pegava ele, preparava ele, fiava, ticia, fazia as calça do esposo, as camisa, que era tudo mo algodão, eu fiava e ticia [...] Era o meu trabalho, eu num ia pra roça não, trabalhava em casa²¹.

Sobre os utensílios utilizados para manipular os alimentos também se encontram monjolos, pilão de pé, colheres de pau, cuia pra beber, feitas de cabaças, gamelas de raízes de figueiras. O depoente recordou a respeito disso:

Era o arroz, o feijão, o milho, esse era agricultura de subsistência, certo! Era o arroz, o feijão e o milho, o único plantador de café era o Didi Barnabé, o restante era agricultura de subsistência mesmo, o pessoal plantava o arroz, plantava o feijão, plantava o milho e tinha os monjolos, que não tinha maquinas de limpar arroz né, aí tinha os monjolos, em quase cada casa tinha o monjolo pra beneficiar o arroz²².

Essas primeiras famílias e seu cotidiano se equivalem à cultura caipira estudada por Candido (1979) e o que se pode notar nesse grupo familiar foi a constante aglutinação em torno do núcleo familiar, no qual o agente é comunitário: a família, representada por este ou aquele indivíduo. Portanto, essas famílias configuraram o movimento das frentes de expansão na primeira fase de povoamento da região que hoje compreende a cidade de Santo Antônio de Goiás. Outro ponto, bastante peculiar nessas populações, são os fortes laços de parentesco (muito marcantes na cultura santoantoniense) o que dificultou definir e classificar as diversas famílias.

Para Candido (1979), o “tipo disperso de povoamento” condicionava a vida do caipira e suas formas de sociabilidade, tanto que, segundo ele, as relações de vizinhança constituíam o chamado Bairro Rural, termo esse que se refere à unidade social e cultural

²¹ Ibidem p. 22.

²² Ibidem p. 23.

mais rica, o que favorecia a convergência dos vizinhos em atividades comuns, ou seja, termo Bairro Rural está intimamente ligada à área caipira. Para ele, o Bairro Rural é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, constituindo no agrupamento de diversas famílias, vinculadas pelo sentimento de localidade, convivência, companheirismo, ajuda recíproca e atividades religiosas. Em geral, o autor define bairro como sendo uma porção do território subordinado a uma povoação onde se encontram grupos de casas afastadas do núcleo do povoado e umas das outras, em distâncias variáveis. Entretanto, o autor salientou:

Naturalmente, o significado acompanhou até certo ponto as características e vicissitudes das diferentes subdivisões, designando ora uma área de povoamento disperso; ora uma fazenda que nela se desenvolveu, atraindo moradores; ora o adensamento destes, em torno geralmente de capela, numa etapa de transformação em arraial, ou “apovoado”, como se diz na fala caipira. (CANDIDO, 1979, p.64).

A partir de então o autor classifica os homens, habitantes desse universo caipira. Em primeiro, ele fala do morador que não tendo títulos legais pode perder a qualquer momento suas terras, o denominado morador transitório. Em segundo, o agregado é aquele que se instala em propriedades alheias por meio da permissão do proprietário para lavrar a terra e morar, sendo que o pagamento é feito através de uma prestação eventual de serviços. Em seguida, o posseiro, que diferentemente do agregado, não possui permissão e habitualmente ignora a situação legal da terra que ocupa. Em quarto e último, os donos de terras que são definidos como sitiantes ou fazendeiros, sendo que essa caracterização depende do tamanho de suas propriedades e, sobretudo, se emprega ou não mão-de-obra estranha à família. Parafraseando Candido (1979):

A importância da vida e trabalho familiares varia segundo cada um destes tipos de ocupação do solo, sendo máxima entre os moradores transitórios, menor na fazenda. Esta, via de regra, é dotada de maior riqueza de relações internas e externas – isto é, pressupõe a coexistência de pessoas não pertencentes à família, em número variável, e o contato mais seguido com os núcleos de população concentrada (CANDIDO, 1979, p. 59).

O fazendeiro pertence a um sistema aberto de compra, venda e participação na vida pública, uma vez que obtém os meios usuais de transporte e mais recursos que possibilitam suas incursões aos povoados mais próximos da região habitada. Devido a esses fatores, eles superam a absorção do meio imediato através dos núcleos de povoamento

condensado, aos quais se dirige o morador do campo. Enquanto os outros têm dificuldades de ir a esses povoados até pra comprar o sal e querosene para suas necessidades básicas.

A cultura caipira, como diz o autor, está ligada às formas de sociabilidade e subsistência que se apoiaram em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos chamados “bairros rurais”. Logo, os sitiantes, posseiros e agregados definiram a economia caipira de subsistência e a vida marcada pela sociabilidade dos bairros.

Conforme Candido (1979), o caipira ao elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, se apegou a elas como expressão da sua própria razão de ser enquanto tipo de cultura e sociabilidade. O autor ao escrever sobre a cultura caipira disse:

A precariedade dos direitos à ocupação da terra contribuiu para manter os níveis mínimos de sobrevivência bio-social. As formas culturais, condicionadas por ela, favoreceram sua permanência naqueles níveis. A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade impressionante, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser. (CANDIDO, 1979, p. 82 e 83).

O autor resume as características da cultura caipira com bases em seis elementos: 1. isolamento; 2. posse de terras; 3. trabalho doméstico; 4. auxílio vicinal; 5. disponibilidade de terras; 6. margem de lazer. O isolamento deve ser entendido como fenômeno referente ao grupo de vizinhança. O autor enfatiza que esse era bastante acentuado, uma vez que se considera não apenas o aspecto geográfico, mas também o cultural. Entretanto, os contatos intergrupais podiam até ampliar a possibilidade de relações, porém dificilmente significariam oportunidade para experiências realmente novas com a difusão de traços. Ele conclui que por toda parte havia as mesmas práticas festivas, a mesma organização de família, a mesma linguagem, os mesmos processos agrícolas e o mesmo equipamento técnico. Em seu dizer:

Ora, semelhante homogeneidade favorece o isolamento cultural e a estabilização das formas sociais, ao contrário das diferenças, que dão lugar a uma situação de vasos comunicantes, onde o contacto torna possível a passagem dos elementos heterogêneos de um grupo para o outro. Tal situação era favorecida pela posse

bastante generalizada de terras, que permitia a estabilidade relativa dos agrupamentos isolados (CANDIDO, 1979, p.83).

O trabalho rural predominava e se enquadrava, do ponto de vista técnico, aos padrões rotineiros e rústicos. Nas fazendas e nas pequenas propriedades não havia produção em larga escala, técnica e economicamente. Muitas fazendas não passaram de sítios, deixando sem exploração de partes consideráveis e principalmente, explorando-as indiretamente, o que levava o proprietário ao arrendamento e à parceria.

A parceria, segundo Candido (1979), é uma prática social pela qual alguém fornece a terra, ficando com direito sobre parte dos produtos obtidos pelo outro. A parceria se desenvolveu em larga medida uma vez que os proprietários forneciam terra roçada, queimada, arada e semente, cabendo ao meeiro o plantio, o trato, a limpeza, a colheita e o repasse de uma porcentagem ao dono da terra.

O conjunto da população era formado pelos fazendeiros, sitiantes, agregados, meeiros, artesãos e posseiros. Salienta Candido (1979), a parte considerável era formada por pequenos proprietários e parceiros, quase sempre equiparados pelo tipo de atividade, recursos econômicos e gênero de vida. Ressalvada a distinção econômica, a distância entre eles era quase nula, ou seja, muito menor do que em outras partes. Assim se conclui, segundo este autor, que é comum ver todos em pé de igualdade em festas e pequenas reuniões.

Do acima exposto pode-se relacionar esse modo de vida ao dos primeiros habitantes de Santo Antônio de Goiás, camponeses, que podem sociologicamente ser considerados como “caipiras”, como fez Candido (1979).

Nesse contexto, os costumes eram “rudes”, os homens “sistemáticos”, valentes e de pouca “prosa”, desconfiavam do estranho, mas ao mesmo tempo eram muito hospitaleiros. Essa rusticidade se deu devido à influência nos modos de viver sob as regras da economia fechada. Em outras palavras, a população pobre dos campos era arisca e mal polida, e isso se devia principalmente ao tipo de povoamento e economia que isolava as choupanas e os bairros pela agricultura de subsistência. Candido (1979) explica que os costumes, ligados à atividade agrícola seminômade e ao povoamento esparsa, não podiam favorecer amenidade e refino no trato. O caipira continua o autor, viveu, na cabana isolada e solitária ou vagamente integrado aos grupos ralos e mais ou menos isolados de

vizinhança. Esses costumes rústicos correspondiam também às técnicas e usos rudimentares, sendo que muitos dos utensílios eram feitos em casa. Por todas essas características e apontamentos, veem-se manifestas condições de vida determinadas por uma economia quase fechada com base no trabalho isolado ou na cooperação ocasional. A sociedade caipira era composta por populações disseminadas que viviam da agricultura de subsistência e da pecuária atrasada.

Percebem-se, portanto, grandes similaridades entre os caipiras paulistas e os camponeses goianos que se estabeleceram na região do futuro Santo Antônio de Goiás. Aproximam-se historicamente dos paulistas, dos quais muitas vezes se originam e com os quais mantiveram contato, por meio das bandeiras.

Viu-se neste capítulo, depoimentos sobre as famílias pioneiras na região de Santo Antônio de Goiás. Por meio das declarações de nossos entrevistados sobre os primeiros migrantes dessa região verificou-se que esses chegaram no início do século XX e se instalaram à margem dos córregos: Barroso, do Meio, Água Branca, Engenho, Leonardo, da Onça, Jaracatiá e Buracão. A maioria desses migrantes vieram de Minas Gerais, outros da Paraíba e da Bahia. Quando chegaram à região construíram ranchos à beira dos córregos supracitados e ali desenvolveram um modo de vida simples e rural. Esse movimento expansionista caracteriza-se como frente de expansão. Viviam da agricultura de subsistência em “bairros rurais” e plantavam, sobretudo, arroz, feijão, milho e mandioca. Utilizavam utensílios como monjolos, pilão de pé, gamela de raízes de figueiras. As relações sociais eram estabelecidas a partir de um senso comunitário, isto é, a partir de uma forma de confiança calcada na proximidade local e na solidariedade, tendo como fator de integração a religiosidade. O que ressalta o conceito de “bairro rural” de Antônio Candido (1979). A partir das concepções e modos de vida desses indivíduos, percebeu-se que embora sejam de diferentes lugares do Brasil, possuíam valores similares, tipicamente camponeses. Dessa forma, os primeiros habitantes de Santo Antônio de Goiás assemelham-se profundamente aos caipiras paulistas descritos por Antonio Candido (1979).

Capítulo II:

DA FRENTE DE EXPANSÃO À FRENTE PIONEIRA: AS POLÍTICAS DE INTERIORIZAÇÃO NO ESTADO DE GOIÁS

2.1 A Marcha para o Oeste e suas Configurações

A “Marcha para o Oeste” trouxe grandes transformações sociais, culturais e econômicas tanto no contexto nacional como regional. Para Duarte (1999), as políticas estabelecidas por Vargas tiveram influência no Brasil como um todo e, particularmente na região centro-oeste.

Segundo Lenharo (1984), a Marcha para o oeste marcou as diretrizes gerais da política de colonização do governo federal e foi sacramentada pelas autoridades estaduais, e um importante fator de mobilização de diferentes segmentos sociais, sobretudo os de extração social mais baixa, para a implementação das políticas de povoamento e ocupação das terras.

O programa de ‘Rumo ao oeste’ é o reatamento da campanha dos construtores da nacionalidade, dos bandeirantes e dos sertanistas, com a integração dos modernos processos de culturas. Precisamos promover essa arrancada, sob todos os aspectos e com todos os métodos, a fim de suprimos os vácuos demográficos do nosso território e fazermos com que as fronteiras econômicas coincidam com as fronteiras políticas. Eis o nosso imperialismo (VARGAS Apud LENHARO, 1984, p.8).

Ao ocupar os espaços considerados vazios através da Marcha para o Oeste, o Presidente Vargas tinha como objetivo viabilizar o aumento da produção agropecuária e desenvolver o setor industrial.

Para Duarte (1999), cabia a Vargas criar mecanismos para propiciar a reorientação da economia do setor agrário. Sobre isso a autora explica:

Para viabilizar em desenvolvimento urbano-industrial, Vargas preocupa-se com a regulamentação das relações entre a capital e trabalho, criando condições para um processo de acumulação na empresa capitalista industrial. Para tanto, intervenção

nos preços, subsídios e atividades produtivas foram medidas de complemento às políticas adotadas (DUARTE, 1999, p.40).

A autora salienta que o quadro político, que se delineou após a década de 1930, demonstrou fraquezas tanto no setor industrial quanto no setor agrário exportador, pois segundo ela o Estado Nacional dinamizou o processo de industrialização no Brasil por meio da criação da indústria de base, da siderúrgica, da petroquímica e da intervenção direta nas relações de trabalho. No dizer de Duarte:

A proposta de colonização se inseriu em uma política mais ampla de desenvolvimento do País, com a integração de regiões desabitadas. Fez parte de uma política de expansão de mercado, tanto em nível de produção como de consumo, bem como de interiorização de populações (DUARTE, 1999, p. 45).

Ao propor um movimento nacionalista por meio da integração nacional e da ocupação dos espaços vazios, o Presidente Getúlio Vargas fundamentou a ideologia da Marcha para o Oeste e, conseqüentemente, legitima o Estado Novo (1937-1945). A partir dos anos 40 a ideologia da Marcha permeia os discursos do Estado. De acordo com Rocha (2003), ocorreu nesse momento o processo de burocratização da intelectualidade por meio de um esforço coordenado de homogeneização do discurso do poder. O autor ainda afirma que se formou “um grupo selecionado de teóricos” que atuavam junto ao Presidente da República, com o fim de manter a “verdade doutrinária do regime”. Um dos ideólogos mais lembrados e citados na historiografia é Cassiano Ricardo. Sobre isso Rocha afirma:

Com efeito, a partir dos anos 40, a idéia de uma nação em marcha incorpora-se nos discursos do Estado, desde a fala presidencial até um simples documento administrativo. Cassiano Ricardo seu ideólogo, membro destacado do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, conscientemente, assume o papel de narrador de um mito, ou na melhor das hipóteses, de narrador de uma nova versão do mito do bandeirante (ROCHA, 2003, p.5).

Segundo ainda Rocha (2003), Cassiano Ricardo cria um itinerário mítico que apresenta um processo de continuidade, das bandeiras paulistas ao Estado Novo, à bandeira moderna, se forjou a imagem da nação em movimento à procura de sua integração, seu acabamento, de seu desenvolvimento, da sua interiorização, enfim, do “progresso” e da “modernidade”.

O governo do Presidente Vargas manipulou toda essa trama, todos esses símbolos que Cassiano Ricardo elaborou para consolidar seu poder e, ao mesmo tempo, legitimar sua proposta política. Ao escrever sobre isso, Duarte disse:

[...] Ele não seria o homem Vargas, mas o chefe da Nação que trazia em si a aspiração, a esperança e a certeza da realização coletiva. Nenhum poder seria muito para esse homem que personificava cada brasileiro. A construção de uma identidade nacional passava pela ação do bandeirismo. Essa identidade nacional estaria em Getúlio, mito que estava fadado a empreender uma nova marcha rumo ao desconhecido, que iria alargar os horizontes da nação, expandindo as possibilidades de trabalho, o desbravamento da natureza e o amansar da terra. Esse homem abriria caminho para a construção de uma vida nova em uma terra prometida (DUARTE, 1999, p. 45).

A partir da construção e legitimação do discurso e da imagem de uma nação em marcha, Vargas se transformou na figura que estava à frente da nação, estabelecendo as políticas de integração territorial, visando a articulação econômica do país e um direcionamento de populações e de atividades agrícolas e agropecuárias para as áreas com baixa densidade populacional. Fica evidente que a proposta de colonização permeou a política de expansão de mercado. No dizer de Duarte:

Essa integração territorial, no sentido estabelecido por Vargas, implicava uma articulação econômica para as áreas mais desabitadas. É nessa perspectiva que pode-se entender a sua proposta de marcha para o oeste, viabilizando programas de colonização, a partir de experiências já realizadas no Brasil, procurando criar camponato nas áreas de fronteira (DUARTE, 1999, p. 43).

Partindo disso, Vargas utilizou um discurso que legitimou a centralização política e, concomitante a isso, intimou as elites nacionais a participar da grande marcha, ou seja, do processo de integração nacional. Para Lenharo (1984) essas ofertas ideológicas mexem com interesses definidos e atingem diretamente pessoas e grupos sociais envolvidos com investimentos, pois a ação colonizadora significava capital investido nos limites territoriais do Estado, valorização de Imóveis, maiores possibilidades de especulação e ativação dos negócios.

Segundo Duarte (1999), a ideologia expressa nos discursos se transformou em projetos de ação. Nesse contexto, vários órgãos oficiais atuaram ativamente para a estruturação das políticas governamentais.

O governo passou a ser exercido por um pequeno círculo composto pelos chefes da burocracia civil e militar, ministros e membros do conselho técnico. O poder pessoal de Vargas se sobrepunha a esse círculo. As suas decisões eram colocadas em prática através de decretos-leis. A opinião pública era controlada pelo DIP. (DUARTE, 1999, p. 50).

A partir da década de 1940, os projetos de colonização foram executados para viabilizar a proposta de integração nacional. A execução das políticas de Vargas seguiu normas ou regras de colonização e ocupação das terras. Vargas iria dar subsídios econômicos e técnicos à aqueles que empreendessem projetos de colonização.

As políticas de povoamento eram executadas por meio da instalação de colônias agrícolas ou até mesmo por instituições vinculadas ao Ministério da Agricultura. Segundo Lenharo (1984), para desenvolver a urbanidade dos vazios demográficos, criaram-se os núcleos agrícolas, núcleos agro-industriais e granjas-modelos. Ao discorrer sobre a execução dessa política, o autor explicou:

Da mesma forma, a lei de colonização entronizada pelo Estado Novo previa a instalação de grandes colônias agrícolas no país, decorrendo as despesas de instalação dos colonos e a abertura de vias de acesso por conta do governo central. Em Mato Grosso surgiram os projetos das colônias de Dourados e São Lourenço. Cada colônia teria uma escola de aprendizado agrícola e seus proprietários protegidos pela assistência estatal (LENHARO, 1984, p.10).

Segundo Lenharo (1984), os núcleos seriam como “pontas de lança” para a colonização, uma vez que ao seu redor seria promovida a agropecuária e, como consequência, estabelecer-se-ia um intercâmbio com as regiões povoadas da retaguarda, as quais passariam a dar apoio a novas expansões.

É, portanto, nesse contexto da Marcha para o Oeste que se pode entender o papel da fazenda mantida pelo Ministério da Agricultura na região de Santo Antônio de Goiás.

2.2 A Unidade do Ministério da Agricultura – Criação dos Postos Agropecuários

Em 1920 ocorreu a implantação de unidades do Ministério da Agricultura no Estado de Goiás, com a instalação de uma de suas representações na cidade de Goiás. Segundo Porto (2004), essa primeira representação do Ministério da Agricultura²³ se denominou de “Inspetoria Agrícola”, subordinando-se diretamente ao Departamento Nacional da Produção Vegetal (DNPV) do Ministério da Agricultura, com sede no Rio de Janeiro e tinha como objetivo promover o fomento da produção vegetal.

A transferência da capital, com a fundação de Goiânia, gerou novas mudanças para todo o Estado, bem como para o Ministério da Agricultura. Em 1939 criou-se a Seção de Fomento Agrícola em Goiânia, subordinada à Divisão de Fomento Agrícola do DNPV. Assim, os trabalhos propriamente ditos do Ministério da Agricultura em Goiânia se iniciaram a partir da instalação desta Seção, que primeiramente funcionou às margens do Rio Meia Ponte (hoje sede da CONAB em Goiânia) e posteriormente se transferiu para a Praça Cívica.

Em 1947, através da portaria n.º 100/47 (BRASIL, 1947), o então Ministro da Agricultura Daniel Serapião de Carvalho criou, na estrutura organizacional do Ministério, os Postos Agropecuários denominados Postos Agropecuários. De acordo com essa estrutura, os serviços a cargo do Ministério da Agricultura no interior dos estados seriam disponibilizados pelos Postos Agropecuários, que tinha como objetivo auxiliar diretamente os lavradores e criadores, melhorando e defendendo a sua produção. Os serviços prestados pelos postos agropecuários são de revenda de produtos agrícolas, produção de sementes e mudas, animais para remonta, prestação de serviços entre outros.

Os primeiros postos agropecuários, segundo Porto (2004), foram instalados no Estado de Minas Gerais, nos municípios de Sete Lagoas, Ituiutaba e Itabira

Analisando os relatórios das Atividades do Ministério da Agricultura (BRASIL, 2008) elaborados pelo então Ministro da Agricultura João Cleopas, viu-se que a escolha dos locais, para a instalação das sedes dos postos agropecuários, foi feita pelos legisladores ou autoridades administrativas regionais com objetivos eleitorais. Alguns terrenos,

²³ Doravante onde se lê Ministério da Agricultura entenda-se uma unidade do ministério da agricultura em Goiás.

frequentemente imprestáveis, foram aceitos pelos técnicos por indicação, os quais seguiam interesses locais. Esses fatores contribuíram para que alguns postos fossem à falência. No entanto, há exceções de postos que funcionaram regularmente mesmo com esses agravantes. Os postos agropecuários foram, em sua maioria, criados de forma aleatória e tendenciosa. Os postos que conseguiram se estabelecer ou atingir seus fins contaram com a coincidência de terras férteis e com profissionais competentes e produtivos. Desse modo, a localização dos postos em terras que garantissem sua produção, a escolha de servidores competentes e operosos e a construção de instalações que comportassem todas as atividades dos Postos Agropecuários, bem como seus funcionários, eram indispensáveis para o bom funcionamento desses órgãos.

Na década de 1940, consta nos relatórios, que existiam 186 unidades dos Postos Agropecuários implantadas no Brasil, o que cumpriu com os objetivos do projeto que pretendia instalar pelo menos uma instituição nas unidades federadas. Esses postos trataram de mais uma entidade que favoreceu o contato direto entre o Ministério da Agricultura e o agricultor.

No Estado de Goiás esses postos foram implantados a partir de 1948/1950, nas seguintes cidades: Morrinhos, Cidade de Goiás, Formosa, Goiânia, Porto Nacional, Rio Verde, Pedro Afonso e Catalão

Porto (2004) afirma que um dos Postos Agropecuários se instalou na fazenda Capivara (onde hoje funciona a Embrapa - Arroz e Feijão), e esse teve como primeiro chefe o engenheiro agrônomo Dr. Julio Brandão de Albuquerque. Prossegue o autor afirmando que, apesar de o funcionamento do Ministério da Agricultura em Goiás não ser bom (pois a ação do mesmo era pulverizada e a burocracia dominava, as decisões eram tomadas todas no Rio de Janeiro, ou seja, longe das necessidades locais), o Fomento Animal representou uma exceção nesse quadro. O Fomento Animal que era o objetivo do Postos Agropecuários do Ministério da Agricultura na fazenda Capivara teve como finalidade produzir reprodutores de raça, tanto bovinos quanto suínos que melhor se adaptassem à região e multiplicassem os seus plantéis.

2.3 O Ministério da Agricultura²⁴ e a Fazenda Capivara²⁵

O Ministério da Agricultura, foi instalado na fazenda Capivara por volta de 1948, no Governo do Presidente da República Eurico Gaspar Dutra. Sobre isso o Sr. O. L. G. explicou:

O Ministério da Agricultura foi através do presidente da República na época era Eurico Gaspar Dutra, ai ele comprou a fazenda [...] O Ministério da Agricultura, ai comprou a fazenda e colocou como administrador o primeiro chefe, daí foi o doutor Julio Brandão de Albuquerque, entendeu? Ai eles deram origem ao Ministério da Agricultura, que tinha até criação de bicho da seda, era coisa de pesquisa, como a Embrapa, só que era cavalo manga larga, gado chaloleiro, nelore essa coisa toda, certo! Ai vem depois que veio o gado holandês pra poder aumentar o... leite né, que o holandês tem mais leite²⁶.

A instalação do Ministério da Agricultura na fazenda Capivara seguiu o modelo de colonização de terras implementado durante o Estado Novo, no governo Vargas. As novas construções feitas pelo Ministério da Agricultura e posteriormente pela Embrapa - Arroz e feijão foram aos poucos transformando a região.

O Ministério da Agricultura com sede na fazenda Capivara próxima do então povoado de Santo Antônio, com a sua instalação, trouxe também novas concepções de vida, outras formas de lidar com o trabalho, outras gentes que, vindas de terras longínquas, se diferenciaram pelas suas tradições e costumes. Sobre o cotidiano no Ministério, Sr. O. L. G. recordou:

Nossa Senhora, era uma... deixa me ver, assim, era uma... uma... um aglomerado de casa, como ainda tem hoje com a Embrapa né, mas muito diferenciado, porque as pessoas eram mais unidas, entendeu? E era bem mais gente que hoje com a Embrapa, e era um, uma coisa tão gostosa de morar ali, que todos que ainda são vivos que passam ali choram de saudade daquilo²⁷.

A ação do Ministério da Agricultura na fazenda Capivara, incentivou a migração por oferecer trabalho na agropecuária e moradia aos trabalhadores rurais. Santo Antônio de Goiás crescia. A presença do Ministério nessa região levou à criação e

²⁴ Idem nota 22.

²⁵ Esse item foi transliterado do relatório do Ministério da Agricultura (BRASIL, 1952)

²⁶ Ibidem p. 23.

²⁷ Ibidem.

instalação de uma cooperativa-armazém de secos e molhados que abastecia as necessidades dos funcionários. Veja-se o relato da depoente:

Ah, era muita, eu não sei bem não, e lá tinha cooperativa, nois comprava as coisa era no Ministério mesmo, não precisava sair pra comprar [...] Vendia tudo, cereais... só não vendia tecido, calçados, assim não, mas vendia cereais, bebidas, essas coisas[...] De tudo, secos e molhados né!²⁸

O modelo instalado de colônias-agrícolas na região pelo Ministério da Agricultura foi responsável pelo assentamento de significativa parte de migrantes na região. Cabe lembrar que a grande maioria dos migrantes, conforme se constatou por meio de entrevistas e da observação participante, relatadas na primeira parte desse estudo, era composta de mineiros e do próprio interior de Goiás.

Os serviços do Ministério da Agricultura também procuraram dar aos Institutos de Pesquisas a significação que eles deviam ter como auxiliares científicos dos departamentos de produção. As instalações do Ministério da Agricultura eram compostas pelo escritório, por casas que formavam a colônia dos funcionários, pela Serraria (onde se instalou a cooperativa, fornecedora de alimentos – secos e molhados – para os funcionários), pelo estábulo, uma capela e uma área de lazer. Sobre essa estrutura o Dr. R. P. S., atual chefe adjunto de administração da Embrapa – Arroz e feijão comentou:

Pois bem, nós temos dentro da Embrapa duas colônias de moradores e em torno de 40 famílias residem nessa colônia que existia desde que a Embrapa veio pra cá em 75 e perdura até os dias de hoje, o primeiro conjunto habitacional nós denominamos de serraria, alias, não nós né, mas os pioneiros, porque lá tinha uma serraria, onde as madeiras foram serradas para a construção da sede do então Ministério da Agricultura, e um segundo conjunto habitacional esse também do tempo do Ministério, temos uma capela, uma igreja, e onde tínhamos além dos prédios que temos hoje, muitos outros que ao longo do tempo foram demolidos, muitas vezes ate pelo estado de conservação, uma vez que eles tinham mais de 60 anos de edificação, então nessa, nesse condomínio, vamos dizer, chamado centro de treinamento, nos tivemos a Embrapa de arroz e feijão instalada ate que o centro definitivo ficasse pronto, la funcionou biblioteca, restaurante, parte administrativa e hoje pessoas empregadas da Embrapa moram lá com suas respectivas famílias, principalmente motoristas, tratoristas, pessoas que estão mais presentes nos fim de semana seja fazendo uma irrigação numa casa de vegetação, porque fazenda de domingo a domingo tem muita atividade que a gente não pode parar sexta e retornar na segunda. Então nossas atividades aqui muitas vezes necessitam, demandam trabalhos nos sábados, nos domingos, nos feriados, principalmente nas casas de vegetação, nos ambientes controlados, onde

²⁸ Ibidem p. 22.

se faz leituras diárias, o nosso saneamento agroclimático depende de leitura diária, de temperatura, de precipitações, enfim, há uma necessidade de estar residindo dentro da fazenda, uma fazenda de mais de 1000 equitares, diversas pessoas, diversos empregados para acodirem essas demandas de fim de semana e de feriados²⁹.

Sr. O. L. G. também descreveu essa estrutura da seguinte forma:

Nossa Senhora, era uma... deixa me ver assim, era uma... uma... um aglomerado de casa, como ainda tem hoje com a Embrapa ne, mas muito diferenciado, porque as pessoas eram mais unidas, entendeu? E era bem mais gente que hoje com a Embrapa, e era um... uma coisa tão gostosa de se morar ali que todos que ainda são vivos que passam ali choram de saudade daquilo³⁰.

O Ministério assentou diversas famílias e hoje muitos de seus descendentes moram na cidade de Santo Antônio de Goiás. Essas famílias, que primeiramente moraram no Ministério, viveram grandes momentos, como recorda emocionada Dona I. C. da S. que morou desde criança na fazenda de criação do Ministério. Ela contou sobre as festas juninas, as novenas, as missas que ocorreram na capela, os bailes, bem como sobre o início das folias de reis, uma forte tradição na cidade até os dias de hoje. A depoente resumiu: “Era muito bom, tinha muitas casas, tinha muito lazer, era um chefe muito bom, chamava doutor Julio Brandão de Albuquerque, e... era muito animado lá no Ministério, era bom, depois quando eu casei, eu mudei pra Santo Antônio³¹”.

Sr. O. L. G. também recordou e se emocionou com a vida que teve ao lado de seus familiares e amigos no período em que morou na fazenda de criação do Ministério da Agricultura. Desse modo ele descreveu:

Deixa eu te falar, isso ai é muito interessante, o... Julio Brandão de Albuquerque quando chegou aqui, ele construiu um clube, duas pistas de dança, um palco para fazer teatro, colocou umas... é, brinquedo para as crianças lá fora, canoinhas, aquelas coisas toda e todo final de semana ele ia almoçar na casa de um peão, certo, então na segunda feira ele dizia para o peão assim, sábado eu vou almoçar na tua casa, e você vai ter que fazer feijão preto com os ingredientes do porco pra poder fazer a feijoada, porque ele era carioca e não dispensava feijoada, então cada sábado ele almoçava com um peão, isso veio desde funcionário de escritório ate peão de campo mesmo, então ele era uma pessoa muito querida na região, quando isso, tinha as festas, os bailes, todo final do mês ele matava duas vacas,

²⁹ R.P.S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 10.06.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 31 min.

³⁰ Ibidem p. 23.

³¹ Ibidem p. 26.

uma os funcionários adquiriam do próprio ministério e a outra ele doava para fazer um churrasco para todos os funcionários, todo final do mês, todo ultimo sábado do mês era isso aí, a energia não era energia elétrica aqui da cachoeira dourada, era energia tocada a caldeira a locomóvel, era chamado de locomóvel, era tipo caldeira que... movimentava a energia, isso era só até as dez horas da noite, quando tinha festa aí meu pai tinha que ficar até mais tarde, o meu pai, o Teodoro, mantendo ou a caldeira ou depois veio um motor estacionário também pra poder movimentar o gerador, aí eles ficavam esperando até da quatro horas da manhã pra poder eles encerrar a festa, e era muito gostoso, era muito... e outra coisa, as famílias eram muito unidas, ali era cumpade de um, cumpade de outro, naquela época não existia o controle familiar né, então as pessoas dormiam mais cedo e faziam muitos filhos mesmo, não tinha brincadeira com eles não, minha mãe por exemplo deu a luz a quinze filhos³².

Dona I. C. da S. também diz que, nessa época, o Ministério concentrava mais famílias do que no próprio povoado que estava se formando, pois como no Ministério tinha a cooperativa, a capela e a colônia não havia necessidade de ir àquele pequeno povoado. No entanto, quando a cooperativa desse órgão fechou, os moradores dali passaram a ir com mais frequência ao núcleo daquele povoado, onde havia a pequena venda de pau-a-pique do Sr. A. de F.

2.4 Das Fazendas, da Venda – A Formação do Núcleo Urbano

Muitas famílias foram para a região de Santo Antônio de Goiás no início do século XX, porém a formação do núcleo urbano se deu a partir da década de 1940. A construção de uma pequena venda de pau-a-pique à beira da estrada que ligava o município de Nova Veneza (antigo Goianáz), a Goiânia foi o ponto de partida para a construção da nova cidade.

Essa venda foi construída por volta da década de 1940, pelo Sr. A. de F. Segundo Dona R. M. S., no início a região que hoje compreende o município de Santo Antônio era só cerrado. Sobre isso ela comentou:

Bom... quando aqui nessa... nesse tempo tudo aqui era mato né, era mato... aí inclusive nessa chacinha nossa aqui era uma matinha que tinha [...] Quando a gente morava na fazenda da, que era do meu avô, pai do meu pai, que eu fui criada lá, era... a gente vinha... cá... caçar guariroba, naquele tempo então tudo era mato, aí tudo era campo, e aí quando surgiu assim, um amigo que era daqui

³² Ibidem p. 23.

também que morava nessas beradas da, daqui, da, da, Água Branca, que foi morador daqui, então resolveu fa... pô uma venda³³.

O Sr. A. de F. construiu sua casa e na frente instalou uma venda, que fornecia gêneros de primeiras necessidades à população das proximidades. Sobre a construção da venda o Sr. A. C. M., durante a entrevista concedida disse que ajudou construir a casa do Sr. A. de F. Sobre isso, declarou:

A primeira casa foi feita ali assim, eles fizeram o picadão pra riba aqui, ela num tinha patroa, num tinha trator, num tinha nada, então fizeram o picadão e rançaram os tocos, então tinha um cumpade meu chamava Antôim de Freitas, esse Antôim de Freitas morava ali em cima na lagoinha, valia doze mil pra nois, ele viu essa picada aí, ah vô faz minha casa lá, fica na beira da estrada, aí foi feita uma casinha ali, até eu que puxei a madeira pra ele, num carroção que nois tinha sabe, tinha dezessete ano, aí ele fez essa casa, aí essa casa, foi tendo o comercim dele, fez um campo de futebol, foi joga bola, depois vendeu o campo de futebol, vendeu pro Waldivino Gonçalves³⁴.

Vários depoentes mencionaram a estrada onde a cidade se originou, a partir da instalação da pequena venda e do posto do Ministério da agricultura. Assim, descrever-se-ão algumas dessas menções. Segundo Dona R. M. S.:

Ixi, a dificuldade nossa aqui era muito grande, porque não tinha nem, nem estrada, essa estrada aqui, essa linha de, de ônibu aqui hoje, o... o, home que fez essa estrada ele morava aqui na, na cidade Barroso, ele morava em Goiânia e tinha uma fazenda aqui na cidade Barroso, então ele fez essa estrada no enxadão, porque ele tinha um jipe, e pra ele vim, aí pusero gente e fez essa estrada no enxadão até chegar na fazenda, a estrada de Goiânia pra cá, até no Barroso, que é divisa aqui³⁵.

³³ Ibidem p. 22.

³⁴ Ibidem p. 24.

³⁵ Ibidem p. 22



Figura 1: Estrada que liga Santo Antônio de Goiás à Goiânia, antes de sua pavimentação.
Fonte: Acervo EMBRAPA - Arroz e Feijão.

Por meio da descrição que o Sr. O. L. G. fez sobre a estrada e as primeiras construções que houve no então vilarejo, foi possível traçar a estrada. Como disse o depoente:

A estrada que ligava o município de Campinas a Goianases, e com a abertura da estrada aqui com a abertura que o ministério tentou tirar a estrada daqui, aqui o Antônio de Freitas construiu o primeiro buteco de pau a pique e o campo de futebol ele colocou aqui, aqui tinha uma árvore bem grande e aqui assim, e aqui tinha os gols e essa área aqui da praça era o campo de futebol, entendeu, alias a estrada não passava dentro do campo, a estrada passava aqui assim, bem aberaninho o campo assim, e aqui tinha a árvore assim, só tinha um montinho de terra que eles deixaram assim e a estrada passava aqui assim, isso foi o que deu origem a Santo Antônio de Goiás³⁶.

Reconstituiu-se em desenho o traçado inicial da estrada, levando em consideração o traçado da cidade atual, por meio das descrições dos entrevistados e com a ajuda particular do entrevistado Sr. O. L. G.. Cabe lembrar que essa estrada propiciou ao povoado de Santo Antônio condições favoráveis de estabelecimento como local de

³⁶ Ibidem p. 23.

paragens, de fixação e de encontros. Portanto, essa reconstituição é de grande importância, pois essa estrada se tornou ponto de referência geográfica para todos os habitantes. Entretanto, enfatiza-se que não foi pretensão realizar um desenho com critérios cartográficos e sim um esboço da estrada: uma projeção da memória³⁷ do entrevistado.

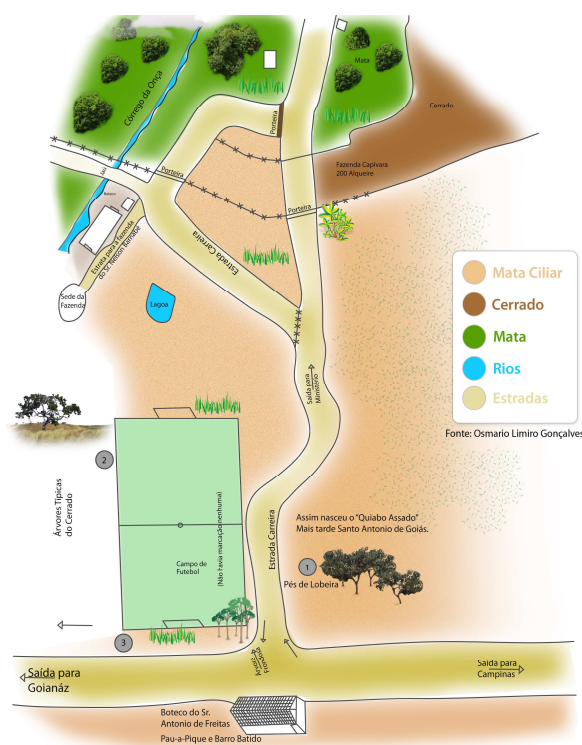


Figura 2: Traçado da estrada que ligava Nova Veneza (Antiga Goianáz) a Campinas.
 Fonte: O. L. G., Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 25.07.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 105 min.

No início o núcleo tinha poucas famílias, porém após o fechamento da cooperativa do Ministério da Agricultura, os funcionários desse órgão passaram a comprar seus mantimentos na venda do então povoado de Santo Antônio. Concomitante a isso muitas pessoas que residiam nas propriedades cedidas pelo ministério perceberam a oportunidade de implantar novos mercados e pontos de venda que abastecessem as muitas famílias que já se concentravam em volta do nascente núcleo urbano.

Assim, algumas famílias construíram as primeiras casas de alvenaria e Sr. J. J. da S. aproveitou a oportunidade para comprar a pequena venda que lá existia e transformá-la em um pequeno supermercado.

³⁷ Inspirado em Gandara, 2004.



Figura 3: em 1954 começaram a surgir as primeiras casas de alvenaria de forma desordenada.
Fonte: plano diretor, Prefeitura de Santo Antônio de Goiás, 1998.

A construção de algumas casas de alvenaria para pequenos proprietários de terras no início do aglomerado urbano, se deu sem nenhum projeto urbanístico, o qual foi caracterizado desde então pelo seu traçado tortuoso e desordenado.

As famílias que moravam em propriedades rurais nos arredores do núcleo viviam, portanto, essa íntima ligação com o campo, pois as fazendas e chácaras mantinham o pequeno comércio da pequena vila, enfim, abasteciam o nascente povoado.

De acordo com um dos nossos entrevistados, Sr. L. A. F. a agricultura na região de Santo Antônio de Goiás era apenas de subsistência, as grandes propriedades eram mantidas substancialmente pela criação de gado e lavoura para consumo próprio. Em seu dizer:

Não, o Didi produzia mais, a função dele mais era leite, leite e gado, e plantava agricultura mais era poca né! A função dele mais era leite, agora esses outros era lavoura né, arroz, feijão, essas coisa, mas era mato mesmo, quais não existia muita lavoura, só os pedacim mesmo³⁸.

Na região de Santo Antônio de Goiás, a fazenda de gado também foi a organização produtiva básica que surgiu no cerne do processo de ocupação e de interiorização dos espaços vazios do Estado. Como exemplo, tem-se a fazenda de J. N., um

³⁸ L. A. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 14.09.2008. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 67 min.

dos maiores criadores de gado Zebu do Estado de Goiás, e a fazenda de L. S. B., de criação, e a maior fornecedora de leite da região, posteriormente essa propriedade passou a constituir-se em lavoura de café. Ambas cultivavam milho, arroz e feijão, em caráter de subsistência.

O processo de ocupação de terras de lavoura e criação, muitas vezes ocorreu através da simples posse, pois era mais comum o lavrador apoderar-se das terras independente da lei. Isso foi muito corrente em Santo Antônio de Goiás e isso se fez notório, pois alguns dos entrevistados passaram por processos de expulsão de suas terras. Tome-se como exemplo dona R. A. F. . Em seu depoimento relatou que durante a década de 50 quando sua família já se encontrava instalada na região denominada Buracão, presenciou expulsões violentas de diversas famílias por parte de fazendeiros do então povoado de Santo Antônio de Goiás.

No interior das fazendas da região também vigorou o processo de agregação, arrendamento e meação. O fazendeiro e aqueles que cultivavam a terra desenvolveram formas recíprocas de trocas e convivência. Portanto, em Santo Antônio de Goiás vigorou por algumas décadas o tradicional modo de vida baseado em um código de honra que caracterizou a mentalidade do sertanejo, que ocupa o grande cerrado goiano. Nesse sentido, em Goiás e nas regiões que hoje se encontra o município de Santo Antônio de Goiás, vigorou um “acerto de contas”, ditando nos parâmetros da sensibilidade aguçada, quase sempre violenta, mesmo entre parentes, amigos e compadres. A luta por terras na região, no local que hoje denomina-se Buracão, é comentada por dois depoentes, que relataram sobre os maus tratos sofridos pelas famílias das pequenas propriedades, as quais eram-lhes vizinhas. Nessa época, eles eram crianças e lembram de seus pais comentarem a respeito das grandes confusões causadas pelos jagunços que estavam cumprindo as ordens de seus patrões. A respeito disso, Dona R. A. F. recordou:

Quando a gente mudou pra Santo Antônio era assim, igual o Buracão, tinha... era... como que fala... era pequenos arrendatários né! Que arrendava na época dos fazendeiros, então aqueles... que trabalhava lá, não era dono né, agora a região da nossa aqui já era pequenos proprietários né, que eles falavam que eram invasor, na época né, que era invasor da terra, aí quando foi futuramente já foram chegando os outros maiores e já foi tirando né, as pessoas, que era como o

Jagunço né, que diz que tinha o jagunço pra derrubar essa turma, esses proprietários.³⁹

A depoente, mais tarde comentou a respeito desse episódio dizendo:

Na época que a gente já conhecia, que veio os comentários, porque eu não lembro, porque era meu pai que comentava isso, e eu não cheguei ver o expulsamento dessas pessoas, mas quem chegou e batia muito no pessoal, ele já até faleceu, ele chama Manoel... Manoel Osente, ele mesmo contava pra gente com a boca dele que ele era um dos jagunço que espancava o pessoal pra expulsar, entendeu? A mando do Didi Barnabé né, mas isso é assim, é uma versão que eu to dando pra você que eu não tenho aquela certeza porque eu não participei desse movimento né, então não tem como eu garantir pra você que foi, que é uma certeza⁴⁰.

No início da construção do núcleo, havia diversas dificuldades: mobilidade, comunicação, transporte e falta de recurso segundo depoimentos dos nossos entrevistados. Assim, os habitantes do então povoado de Santo Antônio de Goiás procuraram driblar esses fatores por meio de recursos próprios de subsistência. A dependência dos moradores do núcleo urbano ao meio rural ou às pequenas e grandes propriedades era grande, o que acarretou a predominância do meio rural sobre o urbano.

Esse processo é claro no início da formação do núcleo urbano em Santo Antônio de Goiás, uma vez que a área rural compunha a maioria dos habitantes dessa região. A busca pela sobrevivência fazia com que os moradores se tornassem habitantes de chácaras, pois assim eles minimizaram a dependência de outras propriedades por meio da agricultura de subsistência. Isso explica em larga medida o fato de haver muitas chácaras ao redor da cidade em estudo. Desse modo, muitos moradores possuem casas, alguns comércio, e ao mesmo tempo mantêm chácaras nos arredores, enquanto outros são donos e residem em chácaras que lhes garantem a sobrevivência.

Observa-se que a produção excedente das pequenas, médias e grandes propriedades garantiu o nascente comércio, bem como o núcleo urbano do então povoado de Santo Antônio.

Os produtos mais cultivados na região de Santo Antônio de Goiás eram o milho, o arroz, o feijão, a mandioca e a cana. Sobre isso, Dona R. M. S. comentou:

³⁹ R. A. F. Entrevista Concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 14.09.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 67 min.

⁴⁰ Ibidem.

É, a gente plantava muito era, era o mio, o arroz, o feijão né, e ramo de mandioca, isso a gente sempre tinha, da... mandiocal, tinha cana, moía cana, fazia rapadura, fazia melado né, açúcar de forma, então o trabalho nosso era esse, de roça, toda vida foi, o meu... eu nunca, aqui teve muita gente que trabalhava na roça, eu nunca trabalhei, eu trabalhava assim, porque a gente tem o terreno, plantava semente de algodão, colhia o algodão, aí eu pegava ele, preparava ele, fiava, ticia, fazia as calça do esposo, as camisa, que era tudo de algodão, as cocha de dormi, o lençol, era tudo no algodão, eu ficava e ticia⁴¹.

A respeito disso, Sr. O. L. G. afirmou:

Era o arroz, o feijão, o milho, esse era agricultura de subsistência, certo, era o arroz, o feijão e o milho, o único plantador que tinha de café era o Didi Barnabé, o restante era agricultura de subsistência mesmo, o pessoal plantava o arroz, plantava o feijão, plantava o milho, e tinha os monjolos, que não tinha máquina de limpar arroz né, aí tinha os monjolos, em quase cada casa tinha um monjolo para beneficiar o arroz⁴².

No decorrer do tempo os moradores foram aumentando em número, e a vida na pequena vila se desenvolveu. Desse modo, as tradições foram reinventadas a partir das trocas desse povo que tinham trazido diversas heranças culturais de suas respectivas terras natais.

2.5 A Construção do Patrimônio Religioso

Segundo alguns santoantonienses que foram entrevistados, desde a época do Ministério, todas as famílias se reuniam para manifestar sua fé e se divertir. Sr. O. L. G. relatou sobre as festas e as rezas que havia no Ministério. Sobre as construções do Ministério o depoente comenta:

As igrejas, a primeira coisa que o Ministério fez foi aquela capelinha [...] Ah, aquilo ali... quando eu me entendi por gente, que eu fiz a primeira comunhão, que a gente chamava de primeira eucaristia né, é... eu fiz em 55, eu fiz sete anos exato, ela já era bem antiga, essas grandes construções foram feitas nos anos de 49 a 53 por aí, que o Ministério deixou a fazenda bem montadinha⁴³.

⁴¹ Ibidem p. 22.

⁴² Ibidem p. 23.

⁴³ Ibidem.

O depoente supracitado explicou também de que forma aconteciam as festas religiosas, as missas e quais eram os padres que iam celebrá-las na capela da fazenda de criação do Ministério da Agricultura. A esse respeito o depoente recordou:

Vinha o padre de Goiânia, inclusive a primeira eucaristia minha foi com o padre Guilherme, entendeu, a pouco tempo a dona Nair trouxe aí o filho dela pra fazer o aniversário de 50 anos da eucaristia aqui e trouxe o padre Guilherme, bem velhinho, ele veio assistir, agora existia muitas festas religiosas como festa de São João, Santo Antônio, São Pedro, certo, e isso aí era quase toda a cidade, pra falar a verdade só tinha um evangélico ali no ministério e um espírita, o resto era tudo católico, certo, o evangélico na época chamava protestante, chamava senhor Ambrosio Tavares e o senhor Teodoro Moreira era espírita, as duas coisas que tem, o restante eram todos católicos, então⁴⁴...

Portanto, percebe-se a construção do território religioso desde a época do Ministério da Agricultura por parte da comunidade católica, como também a presença tímida e inexpressiva dos evangélicos e espíritas na região e, por outro lado a representatividade e a hegemonia católica desse período. Segundo Rosendahl (2000), o território religioso é entendido como um território demarcado, em que o acesso é controlado e dentro do qual o domínio é monitorado por um profissional religioso, e aquele é dotado de estruturas específicas incluindo o modo de distribuição espacial e digestão do poder do sagrado. Com isso, ela conclui que assim como a comunidade de fiéis pertence ao território religioso, e este por sua vez pertence a ela.



Figura 4: capela da colônia de trabalhadores.
Fonte: acervo EMBRAPA-Arroz e Feijão.

⁴⁴ Ibidem.

Assim, o território como organização do espaço responde às necessidades econômicas, sociais, políticas e culturais de cada sociedade e, por isso, sua constituição se dá por meio das relações sociais que o permeiam. No entanto, sua função não se reduz à essa dimensão instrumental, isto é, ele é também produto de operações simbólicas e é nele que o homem projeta sua visão de mundo. Seguindo essa linha de pensamento, o território religioso e suas territorialidades possuem formas e funções sendo que todas elas, incluindo sua criação e gestão, são permeadas por relações de poder.

O primeiro marco do território religioso foi à construção da Igreja Católica, edificada no centro da cidade. Segundo os entrevistados que souberam falar sobre a construção da igreja, a área onde ela foi construída foi doada pelo Sr. A. G., e teve como incentivador, idealizador e condutor da obra Sr. J. J. da S. com a ajuda de todos os moradores da vila.

Como afirma Borges (2005), o Sr. J. J. da S. durante o período já era residente da pequena vila e se dedicava todo tempo ao seu estabelecimento comercial, começou a sentir fortes dores de coluna, o que o levou a fazer uma promessa ao seu santo devoto: santo Antônio. O seu voto correspondia a construir uma igreja no povoado em louvor ao santo se esse lhe concedesse a cura. Nesse período, os moradores realizavam suas reuniões religiosas nas suas próprias casas, e mais tarde em uma sala da escola Água Branca. Os casamentos e os batizados eram realizados em Nova Veneza e em Goianira.

Diante da necessidade de ter uma igreja na vila de Santo Antônio, os moradores iniciaram uma campanha para realizar tal intento. Realizaram festas religiosas, nas quais havia leilões para arrecadação de fundos. A construção dessa capela foi outro passo decisivo para iniciar o povoamento da futura cidade em estudo. Sobre esse fato, Dona R. M. S. declarou:

Foi, a construção dessa igreja foi ate interessante porque naquela época tinha uns dois fazendeiros quem compro aqui, foi uns dois que pego compra a redondeza, comprando as parte de um e de outro, de um e de outro, chamava Antônio Genoveva, e o outro era Nenem, é... Nenem Barnabé, que o sobrenome dele é Barnabé, então quando era um dia eles tava ali reunido, ali em Santo Antônio quando já começaro a...argumentá o povo, ai o Antônio Ginoveva pego e falo assim, oh eu vo doa esse pedaço de chão aqui pra faze uma igreja, e, e... o padroeiro da igreja é Santo Antônio, ai o Nenem Barnabé falo assim, a minha

parte aqui eu vo dá prum campo de bola, porque isso aqui num vai passa dum quiabo assado, (risos)⁴⁵



Figura 5: construção da igreja católica.

Fonte: plano diretor, Prefeitura de Santo Antônio de Goiás, 1998.

Sobre a construção da igreja há muitos detalhes, a maioria citou o nome do Sr. A. G., e o Sr. J. J. da S. Outro ponto em comum entre os entrevistados é acerca da importância desse fato, o valor que esse local tem, assim essa construção foi considerada a primeira de grande valia no povoado. Sr. A. C. M. explicou:

A igreja nois fez assim, pra cima lá tinha uma escolinha, aquela escolinha, pra baixo da igreja ali, o Antoin Genoveva doou a terra pra igreja, aquela parte da frente ali ele doou, aí nois fazia as festa, gritava o leilão, o que gritava leilão aí chamava Cassim, é eu, meu nome é Acássio, mas todo mundo me conhece como Cassim, eu gritava leilão mais o Josia, eu gritava o Josia marcava, aquela influencia, até nois arrumar o dinheiro e fez aquela igrejinha, era pequenininha⁴⁶.

Sobre o tema, Sr. D. X. C. recordou:

A primeira foi essa igreja aqui, a igreja católica[...] Não, eu num lembro bem em que época foi construída não, maisi foi.... quem construiu eu lembro, foi o Inocência, já morreu, a... população era pequena, tinha poca gente né, ele fez uma igrejinha⁴⁷.

⁴⁵ Ibidem. p. 22.

⁴⁶ Ibidem p. 24.

⁴⁷ D. X. C., Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 12/05/08. Santo Antônio de Goiás, Cd-Rom, 26 min.

Dona I. C. da S. também relatou sobre o início da edificação da igreja, assim ela informou:

Era o senhor Dito pedreiro que construiu, meu pai que fez o madeiramento, Joaquim Coelho Primo fez o madeiramento, e a arrecadação era doação que o povo ajudava né! fazia festa, igual faz hoje, mas só que as festas era bonita sabe? Mas hoje não é mais bonita as festas de Santo Antônio⁴⁸.

Nota-se que a depoente faz menção a outro pedreiro, porém outros entrevistados esclareceram que o senhor D., era de Nova Veneza e ia para o vilarejo para ajudar a construir a igreja de Santo Antônio, junto com o senhor I., com o Sr. J. C. P. e outros, os quais formaram o chamado “mutirão”.

A construção contou com apoio e esforço de todos os moradores do povoado de Santo Antônio. Em entrevista, Dona V. A. dos S.⁴⁹ afirmou que, em 1958, a igreja já existia, pois seu casamento foi realizado lá. Ela também cita o primeiro pedreiro do povoado: I. T., que construiu a igreja. A respeito dos esforços empreendidos para arrecadação de fundos para construir a igreja, Dona I. C. da S. relatou:

Fazia aqueles ranchos de palha pro povo dançar, ai no chão na poeira, ai tinha leilão, e inclusive o senhor Acássio ele gritava leilão ate o dia amanhecer de tanto leilão que dava, ate de madrugada ele gritava, nois ia lá pro Ministério e de lá nois escutava ele grita o leilão muito tarde, assim depois da meia noite ne a gente ia embora e de lá ficava escutando ele gritar leilão ainda, através de leilão e doação que ai foi... ai o povo foi fazendo, o cumpade Joaquim Machado ajudou muito, todo mundo ajudou ne, os moradores aqui de perto, os vizinhos, senhor Antônio Moreira, senhor Jose Moreira, senhor Sabino, tinha o senhor Sabino também que ajudou muito na construção da igreja.⁵⁰

E continua dizendo da iniciativa de seu cunhado J. J. da S. em construir a Igreja. Ela explicou que ele teve a idéia e, também apontou o motivo:

J. J. da S., foi uma promessa de que ele tinha que construir uma igreja, ai ele mudou pra cá e chegou aqui e é aqui que eu vou cumprir minha promessa, ai começou, mas com a ajuda do povo né, uma pessoa sozinha não dá conta né, ai

⁴⁸ Ibidem p. 26.

⁴⁹ Ibidem p. 23.

⁵⁰ Ibidem p. 26.

ele com a ajuda do pessoal fez e cumpriu a promessa né[...] Ai começou fazendo as novenas né, pra arrecadar dinheiro e pronto⁵¹.

Edificada a partir de grandes feitos coletivos, a igreja de Santo Antônio de Goiás recebeu seis lotes para sua instalação, sendo que três desses foram deixados para a edificação da Praça Matriz, na qual há uma estátua de Santo Antônio no seu centro.

2.6 Em Torno da Fé

À medida que se intensificou a vida urbana, os moradores do povoado buscaram meios mais adequados e em caráter permanente para conferir ao conjunto urbano as condições de um cenário conveniente para a população que se pretendeu representar. Desse modo, Santo Antônio de Goiás tomou formas, consolidou símbolos, escolheu cores e priorizou um discurso, enfim constituiu-se em um povo. O símbolo por excelência do município é a estátua de Santo Antônio levantada na praça principal.

Quando se fala desses símbolos, do discurso, de todas essas escolhas que representam esse povo, nota-se que todos eles apontam para o alcance da religiosidade na criação desse município. Nesse sentido, partilha-se da idéia do autor Reis Filho (1968), quando trata da prioridade que as igrejas tiveram durante a construção de muitas cidades brasileiras. Segundo ele, percebe-se essa forte influência por meio de muitos pontos, um deles é a localização das igrejas nas cidades e vilas do Brasil. O autor afirmou que a maioria dos núcleos urbanos, sobretudo os menores, no Brasil tinham como centro as igrejas onde eram instaladas as praças, as quais eram alvos de um tratamento especial.

Como ocorre em diversas, se não na maioria, das cidades e vilas do Brasil, as igrejas marcam as posições principais de centros. Em Santo Antônio de Goiás isso não foi diferente, pois a Igreja Católica se situa no centro da cidade, que ainda é considerado assim por causa da Igreja e das primeiras casas ali construídas. A igreja é considerada pela maioria dos entrevistados, como o local de nascimento da cidade como o lugar mais importante, e que todos que visitam Santo Antônio de Goiás, não podem deixar de conhecer, ou ainda visitar.

⁵¹ Ibidem p. 26.

Sobre isso o senhor D. X. C. declarou “Uai, o lugar mais importante é a praça da igreja [...] Não, porque aí eu acho que é importante, toda festa é na igreja né, sempre é na igreja católica, tem o salão paroquial, faz muita festa ali, então eu acho que é importante por isso”⁵².

Sr. O. L. G. comentou:

A igreja é, ali que realmente os pioneiros trabalharam, vinha gente da fazenda lá... Da fazenda Água Branca, com cada espeto, com cada leitoa assada no espeto, escorrendo gordura assim, desmanchando, aquela coisa toda, pra poder fazer a festa, pra poder construir a igreja, então o mais importante é ali porque, porque ali é um conjunto de pessoas que construiu, não foi uma pessoa que construiu, foi um conjunto de esforço que construiu⁵³.

A partir disso, constata-se a relevância das igrejas na construção das cidades brasileiras, como também a importância e o local privilegiado dessa na cidade de Santo Antônio de Goiás. Outro autor que discorreu sobre a importância e o local de destaque das igrejas nas cidades foi Murillo Marx (1980), o qual considera que os conjuntos de cheios e vazios delineiam a personalidade da povoação e lhe conferem uma marca própria.

Ao falar da importância da Igreja na fundação das cidades, Lewis Mumford (1988) e Nelson Omega (1971) partilham a opinião de que as igrejas explicam o surgimento de diversas cidades, através da história e que, a religião demarca e limita as áreas da cidade, como também acrescenta uma nova concepção de vida na terra.

Privada de tais poderes sagrados, a cidade antiga poderia ter sido apenas um montão de lama cozida ou de pedras, sem forma, sem finalidade, sem significado, pois, sem tais ampliações cósmicas, o homem comum podia viver uma vida igualmente boa, ou mesmo muito melhor, na aldeia. Mas, tão logo a vida igualmente boa, ou mesmo muito melhor, na aldeia. Mas, tão logo a vida foi concebida em termos sagrados, como uma imitação dos deuses, passou a própria cidade antiga a ser, e assim continuou até os tempos romanos, um simulacro do céu: até a sua aparente durabilidade, independência de seus edifícios sagrados em relação à decadência à dilapidação da apinhada cabana do camponês, apenas a aproximaram ainda mais do modelo eterno que a crescente consciência que o homem passou a ter do próprio cosmo tornava tão atraente (MUMFORD, 1998, p.82).

Nesse sentido, Santo Antônio de Goiás não foge a essa regra, pois observa-se que, desde os primórdios, a prática religiosa e o sentimento religioso nortearam a formação

⁵² Ibidem p. 53.

⁵³ Ibidem p. 23.

desse povo, e a construção da igreja no centro da cidade só consolidou esse traço característico do povo que ali se constituía. Após a construção da igreja, as casas foram sendo edificadas ao seu redor e as ruas foram sendo delineadas.

Após a edificação da igreja, aumentou o número de casas em seu entorno, e a praça deve sua existência, sobretudo, à igreja. Em torno da Praça Matriz de Santo Antônio também foi concentrado o comércio da cidade. Atualmente, as festas religiosas, festas juninas e outras, as feiras, os bancos e o comércio, se situam ou ainda ocorrem na Praça Matriz.

Reis Filho (1968) fala que as ruas eram utilizadas em conjunto pela população, desde os primeiros anos para algumas formas de recreação e principalmente para as procissões, que se constituíam numa das atividades urbanas mais características. O autor enfatiza ainda que as procissões ocorriam com certa frequência, e a população participava em peso dessas manifestações religiosas, as quais tinham pela sua forma de organização uma evidente função de estimular o contato social, bem como um sentido recreativo que reunia às expressões religiosas diversas manifestações legais. Juntamente com as ruas as praças completavam todo esse arsenal de atividades recreativas e religiosas. Reis Filho ao escrever sobre as praças, disse:

As praças acolhiam, desde o início muitas das principais atividades dos núcleos urbanos, realizavam-se nelas reuniões religiosas, cívicas e recreativas e atividades de comércio, como feiras e mercados. As povoações mais humildes, como as aldeias de índios ou paróquias reunidas em torno de modestas igrejas isoladas, desenvolviam grande parte de suas funções nas praças, as quais, por isso mesmo, eram sempre seus locais de maior importância e muitas vezes a origem das próprias povoações. Em princípio, em frente às igrejas, onde a população se reunia ofícios religiosos, abriam-se largos, capazes de acomodá-la e frequentemente se desenvolvia o comércio, que aproveitava essas reuniões (REIS FILHO, 1968, p. 133).

As construções religiosas e as praças, que acompanham sua exuberância, e na maioria dos casos sua importância, surgiram com as povoações em todo o Brasil. Assim, as construções religiosas atendem a religiosidade dos povos e se impõem em todas as funções da cidade.

De acordo com Marx (1980), as igrejas, diferentemente do que ocorreu na América espanhola, no Brasil definiram a planta e o perfil urbano de diversas cidades. O autor observa que uma igreja, uma praça, se constituem regra geral, nas nossas povoações.

Segundo ele, os templos, as capelas, raramente eram sobrepujadas em importância por qualquer outro edifício, nas vilas ou nas cidades. Nesse cenário congregavam os fieis, e a seu redor construía casas, vendas, enfim, o pequeno comércio.

As praças ostentavam o nome do santo que consagrava a igreja, e esta era favorecida por uma área mais generosa a sua frente, e um espaço condizente com suas práticas. Esse espaço garantia o acesso mais fácil dos fiéis, bem como a saída e o retorno das procissões, ou como disse Murillo Marx, a representação dos autos-da-fé. Outro ponto a observar, a partir dessa estrutura que detinha privilégio e tamanho, é que ali se concentravam também as atividades profanas, como as de mercado, de caráter político, as festas e outras de recreio. Essas construções foram as maiores responsáveis pelas características gerais apontadas modelo para a cidade brasileira. Sobre isso o autor escreveu:

Na composição da nossa paisagem urbana tradicional deram o tom as construções das ordens religiosas e do clero secular. A presença, o porte, o requinte e, sobretudo, a situação privilegiada tornaram-nas balizas das pequenas e grandes aglomerações. Na vida pacata de então, esses prédios variados cumpriam um importante papel, tanto pelas atividades que abrigavam como pelas que irradiavam. Já o culto, a assistência social, o ensino; já as concentrações no adro, as procissões, os autos-da-fé. Quando o xadrez viário se impôs, um Brasil bastante transformado viu-se difundir, principalmente pelo interior, a característica igreja e praça da Matriz. (MARX, 1980, p.91).

Esse modelo cabe à realidade de Santo Antônio de Goiás, pois essa se inicia a partir da construção de uma venda, depois se constroem mais casas, e paralelo a isso ocorre a construção da igreja e em sua frente a praça Matriz, a qual tem a presença pomposa do santo, padroeiro do povoado: Santo Antônio. Nesse sentido observa-se também a formação de um mercado a sua volta e a presença de feiras e o acontecimento de festas, atos políticos e atividades de recreio em épocas comemorativas.

É na Praça da Matriz que se concentra o mercado, a feira e o comércio ambulante, uma vez que essas atividades são de suma importância para o abastecimento da população. E a população por sua vez considera as praças o lugar espacial e historicamente próprio para a prática desse comércio. A relevância dessa função e a incompreensão do seu significado podem ser vislumbrados em diversas cidades brasileiras, como também e

especialmente em Santo Antônio de Goiás. Observa-se que as praças funcionam como elemento de ligação das igrejas, das escolas, dos hospitais e do comércio nessa cidade.

Seguindo essa linha de pensamento as praças concentram também os símbolos que representam a cidade, pois ali estão: as imagens, a igreja, o comércio e ali transitam todos os habitantes da cidade. O cotidiano da população é desenvolvido e muitas vezes realçado nesse cenário. Em Santo Antônio de Goiás, a Praça Matriz (ou ainda o centro) é considerada pela maioria dos habitantes como lugar primordial, tanto para desempenhar tarefas cotidianas, como para os visitantes conhecerem.

Contudo, para o visitante, para o morador acostumado, para o fiel praticante a Igreja e a Praça Matriz constituem as maiores referências da cidade. Essas construções, quer sejam suntuosas catedrais ou simples capelas, de acordo com Murillo Marx (1980) sempre estiveram presentes nas cidades brasileiras e quando elas foram erguidas em zonas rurais promoveram a formação do núcleo urbano. No interior da igreja Santo Antônio de Goiás, a comunidade local vinda das fazendas ao redor da cidade e das circunvizinhanças e do próprio núcleo se reunia para a prática da religião católica, para o acesso à cultura e para o indispensável e gratificante contato social.

Nesse sentido, a igreja conferiu grau de importância à localidade. Essa característica pode ser percebida em diversas cidades do Brasil, pois o destaque das igrejas matrizes é presente não só em Santo Antônio de Goiás, bem como em diversas outras cidades: Caturai (GO), cidade de Goiás, Ipiacu (MG) entre outros. As igrejas com suas praças constituem o marco principal do centro e caracterizam-nas para os visitantes ou estrangeiros. Cabe salientar que as práticas religiosas não ficaram e não são presas ao interior das igrejas, pois essas atingiram seus arredores e ruas mais distantes, o que resultou no envolvimento da cidade com as festas religiosas, com acontecimentos sociais e manifestações artísticas. Durante as manifestações de fé e durante as procissões ocorriam práticas correspondentes às imagens de santos, que serviam de bênção e proteção às ruas. Isso mostra o emergir do rito religioso por todo espaço público da cidade, e por outro lado, deixa claro seu grande alcance político sócio-cultural.

Dentro desse contexto a cidade foi se formando, todos entrevistados se lembram da construção do Ministério da Agricultura, da primeira venda de pau-a-pique, da primeira casa de alvenaria que foi construída pelo pedreiro Sr. I. T., já na década de 50, as

quais só aumentaram. Depois, a construção da primeira escolinha no povoado: escola Água-Branca. Em seguida, a chegada dos irmãos Paraíba na vila que transformaram a venda de pau-a-pique em um supermercado e, paralelamente, um deles montou uma barbearia. Nesse momento também houve a construção da igreja católica no povoado. Em seguida, o Sr. S. A. montou um açougue. E do outro lado o Sr. J. R. M. instalou um supermercado.

Outro fato que não se pode deixar de citar foi a abertura do primeiro loteamento por A. G., a área loteada compreende atualmente a região central do município⁵⁴. Tentou-se esboçar esse primeiro loteamento, com a ajuda particular do entrevistado Sr. O. L. G., procurando reconstituí-lo a partir do traçado atual da cidade⁵⁵.

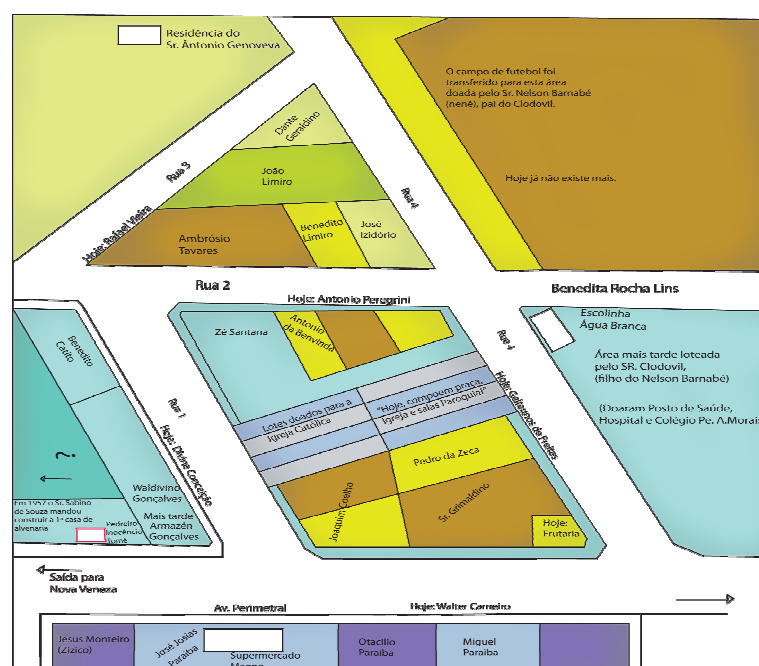


Figura 6: Traçado do primeiro loteamento feito no então povoado de Santo Antônio de Goiás realizado por Antônio Genoveva.

Fonte: O. L. G., Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 25.07.08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 105 min..

⁵⁴ Lembra-se que não foi nosso objetivo realizar um traçado com critérios cartográficos e sim uma projeção da memória do entrevistado.

⁵⁵ Inspirado em Gandara (2004)

Os entrevistados também citam os primeiros “butechos” instalados no povoado. Sobre os primeiros pequenos bares, o Sr. O. L. G. comentou:

Ai já saiu os butequinho ne, o primeiro buteco do senhor... Geraldo Peru, que vendia uma cachacinha, depois veio o Benedito Catito, que era meu tio, veio pra ai também, e a foi... como é que se diz, foi aumentado o comércio né, a primeira panificadora aqui foi inclusive da esposa de um tio da minha esposa, chamado Geraldo... Geraldo que veio de Goiânia para colocar uma panificadora ai⁵⁶.

Sobre o primeiro loteamento Dona R. A. F. explicou:

Antônio Genoveva [...] ele tinha propriedade aqui, quase toda aquela área ali, da pracinha pra baixo ali, quase tudo era dele Antônio Genoveva, ai outros iam lá, igual ele ta falando que não lembra, mas era assim. Ele tipo... agiota, ai vamos supor, meu pai precisa de um dinheiro né, ai meu pai ia lá e arrumava uma quantia, ai dava aquele prazo estipulado pra poder pagar. Se não pagasse ele pegava o nosso pedaço de terra, e foi assim que ele foi adquirindo e se tornou o proprietário da fazenda né, porque ninguém tinha escritura, porque na época que a gente mudou a gente não pegou escritura porque não tinha como pegar, nem em Goianira e nem em nada, e porque era tudo né... Então assim foi, aqueles que pagavam ficavam com seu pedaço, aqueles que não pagavam ele adquiria e tomava pra ele⁵⁷.

Com isso, procura-se demonstrar as facetas da formação do núcleo urbano do então povoado de Santo Antônio, bem como o que a cidade em estudo revela da sua vida típica. Essa cidade como se pode perceber, não nasceu do acaso e sim do esforço de uma coletividade. Cada venda, casa, mercado, campo de futebol teve sua história, o que não foi diferente com sua denominação, pois trata-se de Santo Antônio de Goiás, mas antes disso foi chamado de “Quiabo Assado” e depois povoado de Santo Antônio⁵⁸.

Santo Antônio de Goiás é uma obra complexa, assim como toda cidade, realizada por diversos homens e mulheres que compõem as famílias. Essas tiveram coragem, força e perseverança ao adentrar os sertões de Goiás. Ao contrário de outros municípios que nasceram por mãos de homens importantes ou grandes fazendeiros⁵⁹, Santo

⁵⁶ Ibidem p. 23.

⁵⁷ Ibidem p. 48.

⁵⁸ Ressalta-se, sobretudo, que o surgimento do núcleo urbano não foi consequência de um planejamento deliberado e empreendido pelo grupo de migrantes ou fazendeiros que ali estavam, antes foi uma acomodação daqueles que ali chegavam e se organizavam, limitados pelas possibilidades, em torno do incipiente núcleo que ali estava tendo como fator concatenador o elemento religioso, como tratar-se-a mais adiante.

⁵⁹ Cita-se o caso do município de Uruaçu o qual, segundo GANDARA (2004), foi edificado em função do empenho que o coronel Gaspar Fernandes Carvalho junto com sua família e seus agregados tiveram ao

Antônio de Goiás resultou da força coletiva de famílias simples, em busca do sonho de obter uma fatia de terra para morar, plantar, constituir e criar suas famílias. Construíram seus lares, seu trabalho e se misturaram criando laços e tradições as quais são permeados pela fé e religiosidade aguçada desse povo.

Contribuiu também para que a cidade se concretizasse a doação feita pelo Sr. A. G. para a construção da Igreja, da praça, e como também da abertura do primeiro loteamento realizado por ele e pelo Sr. J. J. da S. A organização do espaço se deu, a princípio, de forma não planejada⁶⁰, sendo que a Igreja e a praça definiram em grande medida o crescimento e a formação da cidade. Nesse sentido, Santo Antônio de Goiás se constituiu fadado a rodear o núcleo eleito pelos moradores do então lugarejo: a capela. O cerne do lugarejo é o núcleo que se constitui em função da fé e por meio do esforço dos moradores que ansiavam a construção da igreja de Santo Antônio. Esse núcleo, atualmente, é formado pela igreja e o largo, o salão paroquial (onde ocorre a maioria das festas religiosas, juninas, bem como as festas profanas), e mais recentemente a casa paroquial.

2.7 As Diversas Faces e um Nome: Santo Antônio de Goiás, ou... “Quiabo... Assado”.

A princípio, o pequeno aglomerado foi denominado de Quiabo, sendo esse primeiro nome hoje explicado por meio de algumas versões. A primeira e mais conhecida é que um senhor de nome desconhecido passou no único mercado do povoado, do Sr. J. J. da S., e por ali comprou alguns mantimentos e bebeu algumas doses de cachaça. Depois quando estava indo embora escorregou, devido seu estado de embriaguez e ao período chuvoso, com lamaçal nas ruas. Diante do ocorrido, o senhor alterado disse: “Isso aqui escorrega que nem quiabo!” Assim o nome espalhou e perdurou até os dias de hoje na cidade bem como fora dela, pois muitas pessoas de fora identificam a cidade como quiabo. E há, no Estado, a cidade Santo Antônio do descoberto, e para não confundir utilizam

migrarem e posteriormente criarem a cidade. Essa família foi para a região e depois convidou diversas outras famílias para o local, formando primeiramente o pequeno povoado, depois a vila, depois o distrito e, por fim a cidade.

⁶⁰ Quando se fala de não planejamento enfatiza-se que a organização do espaço de Santo Antônio não foi planejada nos moldes modernos, como Goiânia e a capital federal que seguiram padrões urbanísticos.

quiabo ou quiabo assado, nome que faz parte da identidade da cidade e que não deixa dúvidas quanto à denominação do lugar.

Essa versão foi contada por Dona I. C. da S, da seguinte maneira:

Porque meu cunhado tava lá com a venda né, aí chegou um bêbado e perguntou assim, como é que chama essa cidade, aí ele falou, ah isso aqui não passa de um quiabo, um quiabo assado, aí ficou, foi desse jeito que minha Irma me contou a história, por isso foi apelidado de quiabo [...] ⁶¹.

Outra versão é relativa às plantações que havia nas pequenas casas existentes no aglomerado, em que se plantavam mandioca, milho e, sobretudo o quiabo. Esse alimento não faltava em nenhum quintal do pequeno lugarejo. Assim, o hábito de plantar quiabo se tornou referência e serviu como denominação, ou ainda caracterização do lugar. Dona R. A. F. explicou:

É porque o quiabo, foi assim, quando a gente mudou pra lá, que foi meu pai e os outros, então a gente começava a plantar... uns quiabim, entendeu? Nos quintal, aí a gente mudou, aí o povo falava, ah é o quiabo assado, aí passava o pessoal ainda implicava a gente, porque era criança, criança você sabe né, ah porque quiabo, nois não assa quiabo, aí era aquela briga entre os imigrantes que vinha com a gente, era os nortistas com a gente que era goiano né, misturado então por devido da gente não gostar aí ficou batizado por Quiabo Assado[...] ⁶².

O apelido, ou ainda a primeira denominação da vila, gerou desconfortos, desavenças e repulsa em alguns moradores. Nem todos aceitam o nome “Quiabo”, não admitindo tal denominação. Outra versão é relatada pelo Sr. O. L. G., que difere muito das outras mais conhecidas. Em seu dizer:

Olha pelo... pelo... tem várias histórias, certo! Que uns falam que o rapaz tava bêbado aí escorregou e falou que isso aqui parece um quiabo assado, mas na verdade quem criou esse nome de Quiabo Assado foi um senhor, Teodoro Foguista, que faleceu agora tem uns dois anos lá na Vila Redenção, ele era um bom goleiro, certo, e um homem muito extrovertido, brincalhão, ele, tudo pra ele... ele levava a vida assim... brincando né, então um belo dia ele disse para o pessoal assim, que ali, aquela coisa no Ministério era Serraria, lá embaixo era avenida das aboboras e na vila... na vilazinha que tinha aqui era quiabo assado, isso é que eu conheço, se tem outra história eu não conheço[...] ⁶³.

⁶¹ Ibidem p. 26.

⁶² Ibidem p. 48.

⁶³ Ibidem p. 23.

Outra versão é apresentada pelo Sr. O. C. F., e diz:

Ai... tanto foi... que Santo Antônio pegou um nome naquela época... de quiabo assado, porque o primeiro vendeiro que tinha... ele não tinha quai nada, e chego lá um viajante... e procurando o de come... ai ele, ah ta mas eu pensei que aqui tinha um quiabo assado. E por quiabo assado perco... percorreu por muito tempo[...]⁶⁴.

Sr. A. C. M. também explicou:

É, nesse jogo de campo de futebol, nois tava jogando bola, tinha uma chuva, escorregava demais, nois tinha uma chuva, escorregava demais, nois tinha um negao bom de bola, escorregava demais, mais era bão, ai tinha um pessoal que veio ali, mais que povo esquisito, igual um quiabo, escorregando igual um quiabo e o Nenem Barnabé achou aquilo bom demais e apelidou de quiabo, ai veio Santo Antoim, ai nois pois Santo Antoim de Goiás né[...]⁶⁵.

Segundo Borges (2005), há duas versões: a primeira já foi contada pelos entrevistados e por nós, é a mais conhecida. A segunda, é a assim descrita:

A segunda é de que o Sr. Antônio Genoveva, morador do aglomerado, homem simples, humilde e tinha o hábito de plantar algumas variedades de horticultura e outras espécies comestíveis em seu quintal na frente de sua casa, para suprir as necessidades de sua família e a produção excedente era distribuída a quem interessasse. Dos seus cultivos, o maior espaço ocupado e a maior produção era sempre o quiabo. Com o passar do tempo a população e os que por ali transitavam passou a ter como ponto de referencia, à casa do quiabo. Ali virou uma parada de ônibus expandindo ainda mais o apelido e mais tarde o povoado ficou generalizado com o nome de “Quiabo” (BORGES, 2005, p.24)

Várias versões e histórias sobre o apelido e o nome inicial do vilarejo permeiam o imaginário popular do santoantoniense. Percebe-se que não há consenso, e muito menos necessidade em proferir e estabelecer uma verdade a esse respeito. Mas o fato é que a vila já foi denominada Quiabo ou Quiabo Assado por muito tempo e que atualmente muitos a conhecem e reconhecem por esse pseudônimo. Todos têm sua história para contar sobre o nome Quiabo Assado, mas em contrapartida todos concordam que a cidade de Santo Antônio de Goiás no início se chamou Quiabo ou Quiabo Assado.

⁶⁴ Ibidem p. 24.

⁶⁵ Ibidem p. 24.

O nome Santo Antônio surgiu após a construção da igreja que foi feita em louvor ao Santo com o mesmo nome. Alguns padres e freiras, que visitavam e organizavam festas religiosas na Igreja de Santo Antônio, tentaram batizar a vila com o nome de Quiabo, o qual era corrente entre eles, porém a população não achou conveniente e escolheram o nome do santo padroeiro. Assim, quando a vila passou a condição de distrito do recém município de Goianira em 1961, já foi nomeada por povoado de Santo Antônio⁶⁶.

Percebe-se neste capítulo que a formação do núcleo urbano se deu primeiramente com a construção de uma venda e esse núcleo foi influenciado pelas políticas públicas da Marcha para o Oeste concretizadas no estabelecimento do Ministério da Agricultura na fazenda Capivara. Esse movimento caracteriza-se como frentes pioneiras.

Neste sentido, a instalação do Ministério da Agricultura incentivou uma leva de migrantes que engrossaram a população do nascente núcleo que deu origem a Santo Antônio de Goiás.

Determinante para o desenvolvimento desse núcleo urbano foi a transformação sócio-econômica do local a partir da dissolução da cooperativa que fornecia mantimentos para os moradores da colônia do Ministério da Agricultura. Tal modificação motivou aos habitantes daquele local a mudarem-se e transformarem a venda existente em um supermercado. Este acontecimento foi crucial para o posterior desenvolvimento econômico concretizado na construção de novos estabelecimentos comerciais como o açougue, a padaria e as primeiras casas de alvenaria, sendo assim, o núcleo urbano foi desenvolvido após o trabalho de uma coletividade.

Este desenvolvimento econômico incipiente não modificou a estrutura comunitária, solidária e religiosa do povoado, antes contribuiu para a construção de uma capela. Diante disso as futuras casas foram construídas na circunvizinhança da igreja. Essa organização da cidade em torno da igreja, por sua vez, simboliza a centralidade da religiosidade dos moradores do novo centro urbano.

⁶⁶ Posteriormente ao período discutido acima, já no processo emancipatório do município, citou-se mais um nome, Walterlândia, o qual foi arrolado no processo de plebiscito para a eleição do nome do município, porém teve pouca importância, pois a maioria dos habitantes não considera este legítimo, pois privilegiaria tão somente um político da época.

Capítulo III:

PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO DO POVOADO DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS

3.1 Primeiras Construções do Povoado

A venda de pau a pique, as primeiras casas de alvenaria, o pequeno comércio, a capela e a primeira escolinha “Água Branca”, constituíram a configuração inicial do povoado, chamado “Quiabo”, ou Santo Antônio de Goiás.

Com o aumento da população houve a necessidade de ampliar os espaços destinados à construção de moradias, comércio e outros equipamentos para atender a população que para ali se dirigia. O primeiro loteamento, aproximadamente no ano de 1952, criou-o os senhores J. J. da S. e A. G., aumentando o número de residências e junto com elas, estabelecimentos comerciais. O senhor W. G. da C. construiu sua casa em anexo um bar, no centro da cidade. Sobre o comércio da cidade senhor O. L. G. recordou:

Aí já saiu os butequinhos né! O primeiro buteco do senhor...Geraldo Peru, que vendia uma cachacinha, depois veio o Benedito Catito, que era meu tio, veio pra aí também, e aí foi, como é que se diz, foi aumentando o comércio né! A primeira panificadora aqui foi inclusive da esposa de um tio da minha esposa, chamado Geraldo... Geraldo sei lá de que meu Deus do céu... Seu Geraldo que veio de Goiânia para colocar uma panificadora aí⁶⁷.

A população cresceu consideravelmente a partir da década de 1960 e com isso as necessidades de benefícios públicos. Assim, em 1961 o prefeito João Augusto Gonçalves (1961-1965), conhecido popularmente como João Brasil, mandou construir um grupo escolar no então povoado. João Brasil foi o primeiro prefeito do recém emancipado município de Goianira.⁶⁸

⁶⁷ Ibidem p. 23.

⁶⁸ Esse município havia adquirido sua emancipação por meio da Lei Estadual nº 2363 de nove de dezembro de 1958. Sobre isto, Borges afirmou: “Inicia-se aí o processo de autonomia administrativa do município de Goianira, realizando sua primeira eleição no dia 3 de outubro de 1960. Neste pleito o Sr. João Augusto Gonçalves se consagrou vencedor nas urnas, se tornando o 1º prefeito do município de Goianira, tomando posse no dia 31 de Janeiro de 1961”. (BORGES, 2005, p. 27).

No seu mandato, houve grandes mudanças sociais e políticas no município de Goianira bem como no distrito de Santo Antônio. Em primeiro cita-se a implantação do grupo escolar João Brasil, substituto da escolinha Água Branca. Sobre esta escola, Borges comentou:

Esta escola foi fechada em 1961, transferindo toda a responsabilidade na área educacional para o recém-emancipado município de Goianira, ao qual o povoado de Santo Antônio passou a pertencer, e junto a esta emancipação política e a transferência de responsabilidade com o desenvolvimento social do município, surge a necessidade de construção de uma nova Unidade Escolar (BORGES, 2005, p. 25).



Figura 7: grupo escolar João Brasil

Fonte: plano diretor prefeitura de Santo Antônio de Goiás

O grupo escolar João Brasil em Santo Antônio foi construído em um terreno cedido por N. B. Essa instituição se iniciou com quatro salas de aula e outras dependências. Concomitante, construiu-se na fazenda do Sr. J. L. uma escola para atender crianças e jovens da área rural.

Em 1962, a rede de energia elétrica chegou à região, o que favoreceu ainda mais seu crescimento. Sobre isso, dona I. C. de S. relatou: “Aí começou a energia elétrica que foi o João Brasil que trouxe né, energia elétrica...”⁶⁹

⁶⁹ Ibidem p. 25.

Em janeiro de 1966 o Sr. Gerson Bento da Costa tomou posse na prefeitura de Goianira após ter vencido as eleições de outubro de 1965. Em seu mandato iniciaram-se mais obras públicas no povoado. A construção da escola municipal Santo Antônio, com noturno e alfabetização de adultos, e a construção da escola municipal Santa Rita na propriedade do Sr. L. B.

Em 1968, promulgou-se a Lei Estadual nº 1.114 de 26 de setembro de 1968 que elevava o povoado à condição de Distrito de Goianira. Sancionada pelo governador do estado de Goiás e publicada no Diário Oficial do Estado em novembro deste mesmo ano.

Pela lei, o município de Goianira ficou constituído dos distritos Sede e Santo Antônio. O primeiro teve como sede a cidade de Goianira, cujo perímetro urbano ficou compreendido pelo antigo Patrimônio da Igreja de São Geraldo e os respectivos loteamentos pela prefeitura municipal. O segundo Distrito teve como sede o povoado de Santo Antônio, com a categoria de vila. Seu perímetro urbano foi compreendido num raio urbano de quinhentos metros lineares de cada lado da igreja católica local, conhecido como centro.

De acordo com a lei nº 1.114/68⁷⁰, a área territorial do segundo Distrito tinha as seguintes divisas intermunicipais: com o município de Brazabrantes que começa na barra do córrego Valentim, no rio Meia Ponte, desce por este rio até a barra do Ribeirão Cachoeira, daí em rumo certo ao Espigão, segue por ele até o ponto confrontante com a cabeceira da vertente do Riachinho; com o município de Nova Veneza que começa no Espigão, no ponto confrontante com a cabeceira da vertente do Riachinho, segue pelo Espigão até o Morro Feio, com o município de Nerópolis que começa no Morro Feio no Espigão e segue em rumo certo à cabeceira do córrego Leonardo, desce por este córrego até a barra do Ribeirão Capivara, desce por ele até a barra do córrego Embira; com o município de Goiânia que começa no córrego Embira, no ribeirão Capivara e desce por esse até a barra do rio Meia Ponte e depois sobe por este até a barra do córrego São Domingos; com Distrito sede de Goianira que começa no rio Meia Ponte, na barra do córrego São Domingos, sobe pelo rio Meia Ponte até encontrar a divisa do município de Brazabrantes.

⁷⁰ Chama-se a atenção do leitor para que perceba que a lei citada acima, bem como o período em que foi promulgada, é diferente da citada na página 88 da presente dissertação. A divisa acima refere-se à elevação de Santo Antônio como distrito de Goianira.

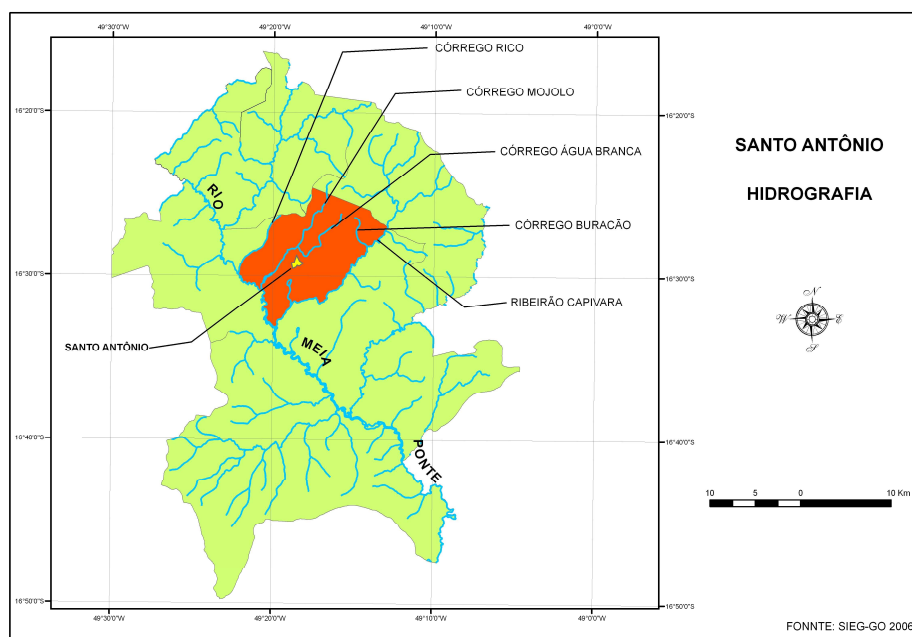


Figura 8: Hidrografia do município de Santo Antônio de Goiás.

Fonte: Lapig (Laboratório de processamento de imagens e geoprocessamento) Elaine Barbosa da Silva, 2007.

Ainda de acordo com a lei nº 1.114/68, concluído com o Art. 6º, oficializa a instalação do Distrito de Santo Antônio no dia 1º de janeiro de 1969, passando todas as responsabilidades desse Distrito à prefeitura Municipal de Goianira.

No 3º pleito de Goianira, o então prefeito o Sr. José Rodrigues Naves Junior, trabalhou na conservação e abertura de novas estradas. Neste mandato oficializaram-se os nomes das escolas, que já existiam na vila de Santo Antônio. Assim, pela Lei nº 198/70 de 20 de julho de 1970, a Câmara Municipal de Goianira sancionou a lei em que as escolas municipais passaram a ter outras denominações, e isso se estendeu para algumas escolas da vila, sendo elas: Escola Municipal Santa Rita da fazenda do Sr. L. B., Escola Municipal Louzandira da fazenda do Sr. J. L., e Escola Municipal Santo Antônio do Distrito de Santo Antônio.

A educação e alfabetização dos moradores da região foram oferecidas por muito tempo por essas instituições, porém apenas a Escola Municipal Santa Rita funciona até hoje e as outras duas seguiram rumos distintos. A Escola Municipal Louzandira foi fechada por volta de 1972, uma vez que suas atividades se inviabilizaram por falta de professores, merenda escolar e verbas da prefeitura de Goianira. Já a Escola Santo Antônio

que era instalada em prédios particulares e seguia os currículos do MOBRAL⁷¹ (movimento particulares de alfabetização), funcionou até 1985, pois neste ano ocorreu a extinção do MOBRAL e, conseqüentemente, encerraram-se as atividades da Escola Santo Antônio.

3.2 Formação dos Primeiros Grupos Políticos

No mandato do Sr. José Rodrigues Naves Junior, houve a participação ativa na política de alguns moradores que eram comerciantes e proprietários de chácaras na região de Santo Antônio. Isto devido ao crescimento populacional da vila, aumentando o número de eleitores alistados, no município de Goianira, o que levou as autoridades políticas deste município a franquear a entrada de representantes desse eleitorado a cargos eletivos. Neste pleito, o Sr. José Quirino e o Sr. Waldivino Gonçalves da Cunha foram eleitos, o primeiro para o cargo de vice-prefeito e o segundo para vereador por Goianira. Ambos iniciaram a luta por representatividade política e benefícios para o povo de Santo Antônio. Sobre isso, Borges explicou:

A partir desta soma eleitoral, os partidos começaram a estimular convites as pessoas de liderança Distrital para se candidatar a cargos e disputarem as eleições no pleito do dia 15 de novembro de 1972. Aceitando os desafios na disputa pelos votos da população de Santo Antonio, registraram candidaturas os seguintes comerciantes: Jose Quirino Filho, para concorrer ao cargo de vice-prefeito de Joaquim Bento da Costa candidato a prefeito de Goianira, e o Sr. Waldivino Gonçalves da Cunha a uma vaga na Câmara Municipal de Goianira. Ambos foram eleitos e tomaram posse no dia 31 de janeiro de 1973 (BORGES, 2005, p. 34).

A partir de então, o povo de Santo Antônio passou a ter oportunidades de escolher seus representantes, bem como de reclamar melhorias para o Distrito. Seus moradores começaram a buscar sua transformação com o objetivo de elevá-lo à categoria de município. Sobre a participação desses primeiros líderes na política, Dona I. P. S. cita alguns e fala do que todos aqueles moradores anseavam:

⁷¹ MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado no ano de 1967, com o objetivo de alfabetizar adolescentes e adultos entre 12 e 35 anos. Esse sistema foi extinto no governo de José Sarney em junho de 1985.

Que pertenceu a Goianira, a... na minha memória que eu lembro, teve o... Valdivino o Moreira, teve o Waldivino Gonçalves, os dois são falecidos que é o Valdomiro e o Waldivino, e teve o... que veio... eleito por Goianira, teve o Seu Oswaldo, isso foi eleito por Goianira, por nós mas pertencia a Goianira, era só um representante acho que perante a lei tinha que ser assim, saía um candidato de Santo Antonio, mas o sonho do santoantoniense era municipal⁷².

Mesmo com a participação direta de membros do Distrito na política, o crescimento econômico ficou reduzido à agricultura de subsistência e a pecuária extensiva que dispensava trabalhadores. As oportunidades profissionais em Santo Antônio eram limitadas à agricultura, ao pequeno comércio e ao Ministério da Agricultura que empregava moradores da vila.

Segundo Borges (2005), a professora Paschoalina Lauria ingressou em seu ofício no grupo João Brasil por volta de 1967 e depois se tornou responsável pela administração do mesmo, uniu-se com a comunidade para mudar o nome desta unidade escolar. Sobre esta professora, Borges explicou:

Paschoalina Lauria (Dona Paina) sempre foi uma pessoa disposta, dedicada e cheia de sonhos para melhoria no campo educacional nesta região, alegre, amiga e muito religiosa. Nunca se casou e dedicou-se o resto de sua vida a esta unidade escolar, falecendo em 1989 (BORGES, 2005, p. 48).

Durante a sua direção no grupo escolar João Brasil ela contou com um padre de Goiânia, muito seu amigo, que a ajudou regularizar a escola na rede de ensino. A esse respeito Borges explicou:

Com a responsabilidade de colaborar no direcionamento dos rumos da educação do povoado, a professora tinha como amigo um Padre em Goiânia, quem muito a ajudou na tarefa de regularizar a escola perante a rede de ensino e muito a aconselhou em suas decisões. O Padre, por sua vez, já conhecia a região do povoado de Santo Antônio, tinha alguns amigos fazendeiros e até mesmo parentes nesta região, e íntimo da família Cascão, onde a professora Paina se instalou como residência (BORGES, 2005, p.48).

Em 1972 essa professora decidiu junto à comunidade, procurar meios legais para mudar o nome da escola para Escola Padre Alexandre de Moraes em homenagem ao seu amigo. No ano de 1973, pela Lei nº 07. 662, de dois de julho de 1973, a Assembléia

⁷² I. P. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 23/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 42 min.

Legislativa do Estado de Goiás decretou e sancionou a Lei, cujo art. 1º regulamentou a denominação do grupo escolar Padre Alexandre de Moraes, o qual é situado no centro da cidade de Santo Antônio de Goiás, nessa época Distrito de Goianira.



Figura 9: Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes
Fonte: acervo particular Daiane Tonaco

A participação de membros do Distrito na política só aumentou. O Sr. Waldivino Gonçalves da Cunha ocupou o cargo de Vice-prefeito do Sr. Edson Soares de Assis e o Sr. Joaquim Coelho dos Santos, ocupou o cargo de vereador. Ambos foram eleitos no ano de 1976.

Nas eleições seguintes, que ocorreram em novembro de 1982, foram eleitos o Sr. Walter Carneiro Machado para Vice-prefeito do Sr. Gerson Bento da Costa. Nesse pleito houve também a entrada no poder legislativo de Goianira, um Santoantonense, onde, o Sr. Aparecido Waldomiro Gonçalves assumiu um posto no poder legislativo a partir de fevereiro de 1983. Nesta década houve a transferência da fazenda capivara do Ministério da Agricultura para a Embrapa, a qual foi responsável por diversas transformações nesta região.

3.3. Instalação da Embrapa-Arroz e Feijão no Distrito de Santo Antônio de Goiás

Em 1980, o Ministério da Agricultura foi retirado da Fazenda Capivara, a qual foi adquirida pelo Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão, hoje denominado EMBRAPA-Arroz e Feijão. Para se entender melhor, faz-se necessário explicar o que é a Embrapa, e descrever os caminhos percorridos por ela em Goiânia até ser instalada definitivamente, em 1981, na fazenda Capivara, ou seja, nas proximidades do então distrito Santo Antônio de Goiás. A EMBRAPA – Arroz e Feijão é uma unidade de pesquisa de referência de produto pertencente à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Essa, por sua vez, é uma empresa pública de direito privado, vinculada ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, com patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira.

A criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) se deu em sete de dezembro de 1972. A primeira diretoria tomou posse em abril do ano seguinte, tendo como primeiro presidente Dr. José Irineu Cabral. Tinha como objetivo executar e coordenar a pesquisa no plano nacional. Cabia a ela ainda, apresentar soluções aos problemas de um produto ou recurso por meio de centros nacionais de pesquisa. O modelo institucional da Embrapa, segundo Castro (2004), pressupôs a implantação de unidades nacionais de execução de pesquisa e, dentre estas, os centros nacionais de pesquisa para os produtos de interesse nacional, que eram responsáveis diretos da execução de trabalhos de geração de tecnologia, por meio da concentração multidisciplinar de pesquisadores. Assim, cada centro Nacional deveria dedicar-se a um número limitado de produtos de interesse nacional. Nesse contexto, criou-se o Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e Feijão (CNPAF).

Para implantar o CNPAF, após estudos feitos sobre locais que atendiam as exigências para executar todas as atividades de pesquisa, experimentação e plantio das culturas de arroz e feijão, escolheu-se Goiânia, pois esse município estava situado no centro da maior região produtora de Arroz do país, e suas características de clima, solo, topografia e hidrografia eram favoráveis. Na riqueza de sua hidrografia, foram encontradas várzeas nas margens dos rios, as quais eram favoráveis ao cultivo do arroz irrigado por inundação, o que permitiria o desenvolvimento de tecnologia para esse sistema de cultivo. Goiânia

também oferecia condições de infraestrutura para atender as necessidades de fornecimento de material, equipamentos de laboratório e de campo, assistência técnica e mão-de-obra qualificada.

A princípio foram apontadas cinco bases físicas no município que poderiam ser utilizadas para a localização do centro Nacional de Pesquisa do Arroz e Feijão: Posto Agropecuário, Fazenda Capivara, Granja Escola Modelo de Goiás, Estação Zootécnica de Itauçu e o Campus da Universidade Federal de Goiás (EMBRAPA, 1999).

Em 1974, com a criação do Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e Feijão, órgão integrante da estrutura descentralizada da Empresa, definiu-se a localização do CNPAF em Goiânia, e nomeou-se Dr. José Francisco Valente de Moraes, o primeiro chefe geral do centro. Devido à política de comunicação empresarial e com objetivo de padronização da identidade visual, regulamentaram-se os nomes sínteses de suas unidades, ou seja, o que antes era denominado Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão passou a ter o nome síntese de Embrapa-Arroz e Feijão (EMBRAPA, 1999).

Diante disso, o CNPAF elaborou um documento que comportava todas as metas, obrigações e atividades do órgão, isto é, esse documento foi o eixo condutor que auxiliou o centro nas suas primeiras atividades por tratar dos seguintes aspectos: estrutura organizacional, equipe técnica em termos de números de pesquisadores e especialistas, treinamento de pessoal, plano de ação, bases físicas (provisória e definitiva), e inventário tecnológico do arroz (EMBRAPA, 1999).

Conforme Castro et al. (2004), quando o CNPAF foi criado em 1974 e Goiânia foi escolhida para sua localização, não havia base física nem local definido para sua instalação. Assim, ocupou-se primeiramente um espaço no prédio do Ministério da Agricultura, no centro de Goiânia, enquanto o Posto Agropecuário que se localizava à margem direita da BR 153 passava por algumas reformas. O CNPAF começou a operar em 1975.

O documento orientador (CASTRO et al, 2004) de implantação do Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e posteriormente do Feijão (pois esse produto foi incorporado às responsabilidades do centro apenas em 1976), já mencionava o fato de o Posto Agropecuário ser apenas provisório, por um período máximo de dois anos. Esse local foi considerado inadequado por se localizar muito próximo ao aeroporto Santa Genoveva e

possuir pouca água para atender a necessidade de irrigação, de suma importância ao desenvolvimento das pesquisas com Arroz irrigado. O documento cita duas áreas que pertenceram ao Ministério da Agricultura para implantar a sede definitiva do CNPAF: o Posto Agropecuário e a Fazenda Capivara, tidas como inviáveis para o fim proposto. A primeira pelas razões já comentadas.

A fazenda Capivara foi dispensada de início por se localizar longe de Goiânia, e por ser uma fazenda do Ministério da Agricultura, que se encontrava em atividade e possuía uma colônia de trabalhadores rurais instalados ali. Todos esses fatores gerariam altos custos, em função da recolocação de pessoal e da manutenção das benfeitorias que seriam subutilizadas pela pesquisa. Esta área foi considerada favorável aos projetos dos centros de pesquisa voltados para bovinos.

Além destas duas sugestões, o documento citado apontou mais opções de áreas que poderiam ser adquiridas, são elas: uma área junto ao córrego João Leite, próxima à BR 060 e a rodovia de Goiânia a Nerópolis, atual fazenda Palmital, ao lado de Brazabrantes (onde hoje são desenvolvidos os trabalhos de arroz em várzeas irrigadas por inundação, pois a área apresentava boa qualidade e extensão adequadas a esse cultivo).

Sugeriu-se também a propriedade da Fundação de Amparo ao Menor Abandonado (FAMA), o qual foi oferecido pelo então governador de Goiás, Dr. Irapuã Costa Junior. Essa área também não era suficiente para abrigar todas as necessidades do CNPAF, o que levou o centro a iniciar uma negociação com a Universidade Federal de Goiás para adquirir uma parte de suas terras, cerca de 70 ha, os quais unidos aos 14,4 ha do Ministério do Exército, formariam uma área no total de 149,8 ha, sendo que 70% dessa área era várzea e o restante de terras altas. No entanto, a Universidade não tinha interesse em vender suas terras e sim emprestá-las por 20 anos, enquanto a EMBRAPA queria a área em caráter definitivo, o que levou ao não fechamento do negócio.

Diante de todas as dificuldades relatadas, o chefe adjunto administrativo, Dr. Adelson de Barros Freire, encaminhou solicitação ao presidente da EMBRAPA, para obter resoluções no que concernia à localização da sede definitiva do centro para a sua construção. Após longas negociações, a diretoria da Embrapa decidiu pela compra da Fazenda Capivara e da Fazenda Palmital no final de 1977. Portanto, a sede do CNPAF ficou localizada na fazenda Capivara, nas proximidades do então distrito Santo Antônio de

Goiás, e a Fazenda Palmital foi adquirida para realizar os trabalhos de pesquisa com arroz irrigado por inundação.

O projeto definitivo da sede ficou pronto em 1978. No ano seguinte, iniciou-se a sua execução, e no segundo semestre de 1980 alguns laboratórios iniciaram os trabalhos de pesquisa. Em 1981 a sede foi transferida do antigo posto Agropecuário de Goiânia, para sua sede atual na fazenda Capivara na GO-462 (Rodovia Goiânia a Nova Veneza), 25 quilômetros do centro de Goiânia. Portanto, para a execução dos trabalhos de pesquisa, a EMBRAPA - Arroz e Feijão conta com a fazenda Capivara (1027 ha), onde são conduzidas pesquisas em condições de sequeiro e de irrigação por aspersão, e a fazenda Palmital (88 ha), a 25 Km da primeira, nas proximidades de Brazabrantes, onde são desenvolvidas pesquisas em várzeas úmidas e irrigadas.

Em entrevista, Dr. Romeu Pereira Santos, atual chefe adjunto da administração da EMBRAPA - Arroz e Feijão, relatou toda essa trajetória da instituição desde sua instalação no antigo Posto Agropecuário na BR-153 até nos dias de hoje. A esse respeito, o atual chefe geral da Embrapa – Arroz e Feijão, explicou:

A Embrapa foi criada por um decreto presidencial em 1973 na época o General Médici e hoje ela conta com 41 centros de pesquisas e um dos principais e um dos maiores é o centro nacional de arroz e feijão que foi um dos primeiros centros a ser criados, em 74 foi criada a Embrapa Arroz e Feijão, a Embrapa Trigo e a Embrapa Gado de Corte, a Embrapa trigo no sul e gado de corte no Mato Grosso, então nós somos um dos centros pioneiros da Embrapa e portanto, a Embrapa completando 35 anos de idade e a Embrapa de Arroz e Feijão basicamente com 35 anos também, e quando iniciou o centro de arroz e feijão, ele funcionava na BR-153 entre a AGETOP e a CEASA em Goiânia e depois migrou para o município de Santo Antônio de Goiás. Em 1975 já algumas pessoas, um técnico agrícola já veio para essa fazenda que foi adquirida, também uma fazenda em Brazabrantes chamada fazenda Palmital que foi adquirida para abrigar o centro de pesquisa de arroz e feijão, e um dos motivos de transferir da BR pra cá foi o barulho dos aviões do aeroporto de Santa Genoveva, pessoa tava escrevendo passava um avião, tava pesando uma amostra, e a pesquisa exige muita concentração, muita precisão, muita exatidão, além de ter rapidamente transformado em uma região urbana, então já tinha sido decidida a transferência pra cá. Quando foi meados de 80, o centro veio totalmente pra cá porque funcionava aqui uma fazenda de criação do Ministério da Agricultura, aí foi aproveitado uma estrutura antiga, como casa, moradia transformada em escritório, biblioteca, restaurante e dessa forma ficou improvisado até meados de 82 quando então ficou pronta a sede definitiva do centro nacional de pesquisa de arroz e feijão e essa sede abriga o centro até os dias de hoje⁷³.

⁷³ Ibidem p. 40.

Ainda segundo Dr. Romeu Pereira Santos a atual sede da EMBRAPA – Arroz e Feijão superou diversos obstáculos, sendo que um deles era a precariedade das estradas, tendo em vista que a maioria dos funcionários morava em Goiânia, inclusive ele. Atualmente ele reside em Santo Antônio de Goiás. Sobre esse fato, o depoente falou que:

Eu diria que uma das empresas que mais atuou reivindicando, cobrando a realização do asfaltamento da estrada que então era de terra, foi a Embrapa, até pela importância que a Embrapa sempre exerceu nessa região aqui, e eu me lembro que até 94, perto da construção desse asfalto, nós tínhamos a viação Maia que vinha praticamente uma vez de manhã e voltava uma vez de tarde entre Goiânia e Nova Veneza, então o público, a população de Santo Antônio era muito prejudicada pela dificuldade de contar até com uma metrópole com Goiânia, em questão de saúde, de compras, enfim, de desfrutar, de usufruir de um dos maiores centros comerciais que era Goiânia, e que já era 10, 12, 15, 20 anos atrás. Eu me lembro que no tempo da seca era um palmo de poeira e no tempo das águas era um metro de lama, de barro, a estrada nunca foi boa, sabe, então o deslocamento dos funcionários da Embrapa pro centro, e do centro pra Goiânia era sempre muito penoso, a Embrapa tinha uns ônibus grandes que não raras vezes ficavam atolados sem condição de chegar aqui ou de voltar no final do expediente, então foi um grande benefício o asfalto e ajudou muito progresso dessa região de Santo Antônio, Nova Veneza, Goianira, Brazabrantes que num passe de mágica ficaram interligados, ficaram 15, 20 minutos de Goiânia⁷⁴

3.4 EMBRAPA – Arroz e Feijão e Santo Antônio de Goiás

Após a instalação da Embrapa na Fazenda Capivara, o distrito de Santo Antônio se desenvolveu econômica, política e infraestrutura. A Embrapa – Arroz e Feijão gerou empregos aos moradores do Distrito e estimulou a população a consolidar sua representatividade política. O depoente ao relatar acerca da então vila de Santo Antônio, quando ele foi trabalhar nessa unidade da Embrapa, disse:

Eu poderia dizer que a partir de 1989 quando eu cheguei aqui, portanto, 7 anos depois que o centro tinha ocupado sua sede definitiva, Santo Antônio se limitava mais a uma avenida, calçadas com bloquetes e pouquíssimas ruas laterais essa avenida, poucas casas e pouca representatividade política, eu me lembro que o município era distrito de Goianira e nós tínhamos vereadores, alguns políticos aqui de Santo Antônio, mas por Goianira representando o município de Santo Antônio. Eu lembro do seu Valdivino que era conhecido como Vito, ele foi vereador, foi vice-prefeito, o Osvaldo da Silva que foi empregado da Embrapa quando eu cheguei em 89, ele ainda estava em nossos quadros, uma pessoa com uma carreira brilhante aqui dentro, foi laboratorista, foi presidente da Associação dos Empregados, o atual prefeito e os outros que passaram, da emancipação de Santo Antônio pra cá, todos passaram pela Embrapa de uma forma ou de outra, o

⁷⁴ Ibidem.

Lourival que é o atual prefeito foi empregado da Embrapa, o Antônio... o Zezé, o prefeito Zezé Cosme, os irmãos praticamente todos trabalharam aqui dentro, ou quase todos. Então há uma interligação muito grande entre a Embrapa e a representatividade política da cidade de Santo Antônio, sem falar da Câmara de Vereadores onde sempre nós temos diversos empregados ou ex-empregados ou ligados a família de empregados que conseguem vencer a eleição, conseguem se estabelecer como político em Santo Antônio. Então de 89 pra cá que eu pude acompanhar, com a inauguração do asfalto entre Goiânia e Nova Veneza, passando por Santo Antônio e entre Goiânia e Brasabrantas interligando com essa GO 462 que vai a Nova Veneza, salve engano em 94 foi concluído esse asfalto, houve assim um crescimento violento eu diria de Santo Antônio, principalmente pro lado da região Sul, hoje eu ando em Santo Antônio e custo a acreditar que tenha crescido tanto nessa direção Sul, com tantas casas boas, com casas bem edificadas, sempre em direção a um condomínio chamado Califórnia, que está ainda sendo comercializado, não está totalmente concluído, mas eu fico surpreso com o crescimento de Santo Antônio, eu acho atípico uma cidade crescer tão rápido quanto Santo Antônio⁷⁵.

Os depoentes foram unânimes em reconhecer a importância da Embrapa – Arroz e Feijão, para o crescimento e consolidação do Município de Santo Antônio de Goiás. A Sr^a. I. P. S. assim se referiu à Embrapa:

A Embrapa é uma fonte em Santo Antônio, praticamente eu falo por onde eu ando que a vida de Santo Antônio de Goiás hoje é a Embrapa, em termos de destaque, em termos de divulgação e até em termos financeiros né, você sabe que a Embrapa tem uma estabilidade muito boa né e pra nós santo antoniense só temos que agradecer a Deus por ter um órgão federal no município de Santo Antônio, a redução destinadas aos impostos são destinados a Santo Antônio, apesar dela pertencer a Goiânia, mas ela é santo antoniense⁷⁶.

Sobre a importância da Embrapa, o Sr. A. F. J. também relatou: “É... muito grande, porque é muita gente daqui trabalha lá na Embrapa né, e ela traz muitas atividades econômicas pra... pro município, renda pro município devido ter pessoas, daqui trabalhando lá⁷⁷”.

Ainda a esse respeito, o Sr. Lourival Vaz da Costa afirmou:

É, após o Ministério veio a Embrapa quer dizer a fazenda do Ministério foi transferida pra Embrapa. A Embrapa pra nós no município de Santo Antonio quer dizer é o espeí por quê? Porque lhe dá, a o pessoal de... De retaguarda são todos de Santo Antônio, quer dizer o pessoal de campo de laboratório é o motorista 90% é de Santo Antonio então isso a mão de obra aqui é desse jeito, bom pra nosso

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Ibidem p. 71.

⁷⁷ A. F. J. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 29/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 120 min.

pessoal e, além disso, é uma parceria que a gente tem lá, quer dizer a Embrapa contribui com o INSS. INSSQN e, além disso, é, as máquinas que nós precisamos, por exemplo, o nosso município precisa hoje mesmo nós estamos com colheita na nossa lavoura comunitária que é da Embrapa, quer dizer uma parceria, nós, é, é trabalhamos pra eles aquilo que eles não tem emprestamos fazemos o serviço e eles também faz a mesma troca com a gente. Então aquilo que nós não temos eles servem pra gente, é uma parceria que pra nós é muito importante né, além, além da divulgação de nós termos uma unidade da Embrapa no Município de Santo Antônio. E a Embrapa inclusive hoje eu tava comentando com um dos meus secretários se não, vi falando sobre a crise que deveria acabar com a Embrapa, acabar não sei o que. Falei se acabar a Embrapa daqui uns dias não vamos ter alimento. Porque hoje quem come feijão sem ser o feijão carioca e quem foi que conseguiu pesquisar e liberar a semente de feijão carioca? Foi a Embrapa. O adubo, então são várias pesquisas feitas pela Embrapa e nós, eu, por exemplo, fui funcionário da Embrapa por dez anos e me sinto orgulhoso de ter sido um embrapiano⁷⁸.

Por fim, Dr. Romeu Pereira Santos constatou que o município cresceu consideravelmente devido à proximidade com a Embrapa – Arroz e Feijão. Ele explicou:

É... O fato é, do centro da Embrapa ter sido construído no município de Santo Antônio de Goiás e de lá praticamente hoje inserido dentro da cidade, dentro do perímetro urbano, essa proximidade eu acho que contribui muito para o desenvolvimento de Santo Antônio, porque as pessoas resolveram construir em Santo Antônio, algumas pessoas que vieram de outros Estados resolveram, escolheram também Santo Antônio para residir, porque se você for observar é possível encontrar um lote bom, bem localizado em Santo Antônio de Goiás a preço de R\$ 7.000,00, aí você anda 10, 12Km em relação a Goiânia você vai achar por 30, 40 no Changrilar ou nesses outros loteamentos que estão começando. Então a pessoa pode morar numa cidade calma, investindo pouco, e a cidade conta com hospital, com pronto socorro, com escola, com creche, bem servida de prestação de serviço público, e a Embrapa que injeta no comércio local um bom dinheiro, principalmente considerando que em torno de umas de 100 pessoas que trabalham na Embrapa, moram no município de Santo Antônio, ou na cidade ou nas duas colônias que nós temos dentro do centro nacional, então essas pessoas praticamente, desde a hora que a padaria abre elas estão gastando em Santo Antônio, no comércio, na parte de lazer, na parte social, na parte esportiva, essas pessoas tem, eu diria, um convívio diário, semanal e anual com a comunidade de Santo Antônio⁷⁹.

A Embrapa propiciou o aumento das migrações para o município de Santo Antônio a partir da década de 1980. Trouxe para essa região o projeto da lavoura comunitária, que segundo Dr. Romeu Pereira Santos, hoje se estende por quase todo o Estado de Goiás, mas em Santo Antônio a lavoura comunitária já existe há mais dez anos. De acordo com ele,

⁷⁸ L. V. C. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 30/03/09. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 65 min.

⁷⁹ Ibidem p. 40.

A lavoura comunitária, que você se refere, é um projeto desenvolvido em quase todo o Estado de Goiás, inclusive semana passada, Piranhas, Goiandira, outras cidades fizeram grandes festas comemorando a colheita da lavoura comunitária e ela tornou-se uma realidade em Santo Antônio a mais de dez anos salve o engano, e tem a participação direta da Embrapa porque a consultoria técnica, a recomendação técnica e até o apoio pra execução da lavoura tem contado com a participação da Embrapa que tem nas atividades filantrópicas um compromisso com a nação porque é uma empresa pública e como tal ela tem que ta presente nessas atividades beneficentes, nessas atividades onde ela coloca a terra a disposição principalmente dos mais necessitados, a tecnologia necessária para obter melhores resultados⁸⁰.

O Dr. Romeu Pereira Santos explicou que a “Lavoura comunitária” conta com uma ampla aliança, isto é, realiza parcerias com a prefeitura do município, com a Associação dos Empregados da Embrapa, com a Agência Rural (antiga EMATER) e a própria Embrapa. Que além de deter tecnologia, sabe conduzir o plantio na localidade, pois geralmente faz agricultura da região e conhece a variedade do solo, qual o melhor cultivo para se desenvolver e sabe, portanto, orientar os condutores da lavoura. A respeito dos representantes desse projeto na Embrapa, o depoente explicou:

No nosso caso, o nosso representante é o Edmar Vieira que é o atual presidente da Associação, ele que foi o vínculo da nossa empresa com a prefeitura, com a Agência Rural, enfim, com os promotores, com os executores da lavoura comunitária⁸¹.

Segundo Sr. Lourival Vaz da Costa, esse projeto foi implantado em Santo Antônio de Goiás no seu primeiro mandato (1993 a 1996), e teve continuidade pelos prefeitos posteriores e está até hoje beneficiando a população carente do município. O depoente afirma que a distribuição do arroz cultivado na lavoura é feita por dia trabalhado. Assim ele explicou.

A distribuição é feita por dia trabalhado, nós temos hoje duzentas e sessenta famílias cadastradas para trabalhar na lavoura comunitária e nós temos quinze alqueires de lavoura. Então a previsão deste ano é de quinze mil sacas de arroz. Quer dizer se você tiver mil dias trabalhados, quinze mil sacas vai dar uma saca de arroz por dia trabalhado isso é muito arroz e é muito bom pras famílias que tão ali trabalhando. Eu acho que tem famílias de pegar 100 sacas de arroz, que tem família que é duas três pessoas, quer dizer pai e dois filhos, e trabalham e chega

⁸⁰ Ibidem.

⁸¹ Ibidem.

atingir aí, ah, vinte dias, trinta dias trabalhados se recebe de três a quatro sacas por dia trabalhado então, da uma quantidade boa e no final ele tira o arroz da despesa e ainda faz algo com o que sobra né?⁸²

Todos os depoentes elogiam o projeto a “Lavoura Comunitária”, como também reconhecem os benefícios trazidos pela Embrapa – Arroz e Feijão bem como pelo Ministério da Agricultura. Sobre a ligação do Ministério da Agricultura e da Embrapa, o depoente comentou:

Não tem como, não tem. Porque eu acho que, se a Embrapa existe hoje em Santo Antonio é porque teve um Ministério aí então uma coisa trouxe a outra, é foi desfeito a Fazenda Capivara, quer dizer não é a Fazenda Capivara era o destino que dava a Fazenda Capivara aí transformou a mesma Fazenda Capivara que era o Ministério da Agricultura que é a Embrapa que ainda continua sendo é, é uma estatal vinculada ao Ministério da Agricultura então⁸³.

Sobre as mudanças ocorridas em Santo Antônio de Goiás, após a instalação da Embrapa, a Sr^a. I. P. S., disse: “Ah, mudança de 80% de melhoria, as casas boas né, padrão de vida das pessoas, as pessoas que trabalham na Embrapa, gera emprego no comércio, rede de construção, emprega as pessoas direto ou indiretamente, Santo Antônio ganhou com isso⁸⁴”.

Sobre os benefícios do Projeto “Lavoura Comunitária”, ela disse:

Ah, isso aí é uma fonte para as pessoas que tem um sonho de ter fartura em casa e melhora a vida da pessoa, porque a pessoa participa e ela ganha pelo trabalho dele, pelo dia trabalhado né, então eu que faço um trabalho voluntário em Santo Antônio eu acho que deveria, esse ano por exemplo foi um grande avanço, a prefeitura da toda cobertura, e as pessoas traz o arroz pra dentro do seu lar né, muito bom⁸⁵.

As melhorias ocorridas na cidade em função da implantação da Embrapa no município são enfatizadas por Dona R. M. S., assim ela se referiu: “Melhoria mais ainda, porque aí a cidade cresceu[...] e vem só crescendo, né!⁸⁶”

A Embrapa Arroz e Feijão, atualmente, possui sua sede, que ocupa uma área construída de aproximadamente 20 ha, nela se encontram o prédio da administração,

⁸² Ibidem p. 79.

⁸³ Ibidem.

⁸⁴ Ibidem p. 71.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ Ibidem p. 22.

auditório e salas de reuniões, bibliotecas, laboratórios e escritórios de pesquisadores, restaurantes, alojamentos, laboratórios de apoio, garagem, usina de álcool, galpões de secagem, beneficiamento e armazenamento de semente e algumas casas de moradia para o pessoal de apoio.

As pesquisas são desenvolvidas na Fazenda Capivara e na fazenda Palmital, sendo que na primeira 150 ha são utilizados na pesquisa e experimentação, 300 ha são destinados à produção de sementes e grãos e os 557 ha restantes a reservas florestais, açudes, estradas, colônias de moradores entre outros. Na fazenda Palmital há 20 ha de várzeas, 10 dos quais são organizados para uso em trabalhos com irrigação por inundação e os outros 10 ha são adequados na forma de tabuleiros de encostas.

A Embrapa, cede máquinas aos pequenos produtores, oferece subsídios à produção e produtividade de arroz, feijão e milho aos pequenos produtores da região. De acordo com Dr. Romeu Pereira Santos o quadro de funcionários da Embrapa é em torno de 303, entre pesquisadores, técnicos agrícolas, motoristas e administrativos. Há um corpo técnico totalmente qualificado, com 53 pesquisadores, a maioria desses com doutorado, e 30 analistas que possuem curso superior. Desses 303 funcionários, aproximadamente 100 são moradores de Santo Antônio.

A Embrapa ajudou também a fomentar o comércio da cidade, através das duas colônias, e os moradores compram seus utensílios básicos na cidade. Sobre essas colônias, o depoente explicou:

Pois bem, nós temos dentro da Embrapa duas colônias de moradores e em torno de 40 famílias residem nessa colônia que existe desde a Embrapa veio pra cá em 75 e perdura até os dias de hoje, o primeiro conjunto habitacional nos denominamos de serraria, aliás, não nós né, mas os pioneiros, porque lá tinha uma serraria, onde as madeiras foram serradas para a construção da sede do então Ministério da Agricultura, uma vez que aqui era uma fazenda de criação do Ministério da Agricultura, e um segundo conjunto habitacional esse também do tempo do Ministério, temos uma capela, uma igreijinha, e onde tínhamos além dos prédios que temos hoje, muitos outros que ao longo do tempo foram demolidos, muitas vezes até pelo estado de conservação, uma vez que eles tinham mais de 60 anos de edificação, então nessa, nesse condomínio, vamos dizer chamado centro de treinamento, nós tivemos a Embrapa de arroz e feijão instalada até que o centro definitivo ficasse pronto, lá funcionou biblioteca, restaurante, parte administrativa e hoje pessoas empregadas da Embrapa moram lá com suas respectivas famílias, principalmente motoristas, tratoristas, pessoas que estão mais presentes nos fim de semana seja fazendo uma irrigação numa casa de vegetação, porque fazenda de domingo a domingo tem muita atividade

que a gente não pode parar sexta e retornar na segunda. Então nossas atividades aqui muitas vezes necessitam, demandam trabalhos nos sábados, nos domingos, nos feriados, principalmente nas casas de vegetação, nos ambientes controlados, onde se faz leituras diárias, o nosso saneamento agroclimático depende de leitura diária, de temperatura, de precipitações, enfim, há uma necessidade de estar residindo dentro da fazenda, uma fazenda de mais de 1000 equitares, diversas pessoas, diversos empregados para acodirem essas demandas de fim de semana e de feriados⁸⁷.

O depoente informa ainda que, nesses dois conjuntos habitacionais não há comércio devido à proximidade de Santo Antônio de Goiás, o que gera lucros ao município. Ele se referiu:

Nesses dois conjuntos habitacionais que nós temos dado a proximidade de Santo Antônio, fora a igreja, fora um campo de lazer, fora um conjunto de piscina, quadra de tênis, biblioteca, da Associação dos Empregados, nós não temos comércio, não temos padaria, não temos supermercado porque estamos apenas a 5 Km de Santo Antônio e com asfalto, então essa proximidade nessa ordem em colônias que tem poucos moradores⁸⁸.

Sobre o cotidiano dos moradores da colônia, o depoente relatou:

Eu morei 12 anos aqui dentro, eu diria que ainda é possível viver num ambiente rural, num ambiente bucólico, mesmo estando muito próximo de Santo Antônio, mesmo estando muito próximo de Goiânia, mas a tendência é que esses espaços desapareçam, hoje nós já estamos com condomínios de chácara circundado o centro da Embrapa por todos os lados, se você andar 12 Km e chegar no campus da Universidade Federal, você já pega diversos bairros que já fecharam em torno do campus da Universidade, e a tendência dentro de muito pouco tempo é o centro se integrar também com a região metropolitana⁸⁹.

Além desses fatores já mencionados a Embrapa influenciou também na emancipação do então Distrito de Santo Antônio.

⁸⁷ Ibidem p. 40.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Ibidem.

3.5 Transformações Político Institucional Brasileira e a Constituição de 1988: A Emancipação Política de Santo Antônio de Goiás.

Antes de se tratar acerca da emancipação de Santo Antônio de Goiás faz-se necessário expor, em linhas gerais, algumas considerações sobre o ambiente político-institucional brasileiro nas décadas de 80 e 90, bem como suas transformações.

Segundo Tomio (2002), durante a década de 1980 o Estado brasileiro passou por um processo de redemocratização que transformou todo o ambiente político-institucional do país. Dentre essas mudanças o autor cita a redefinição do papel institucional dos diversos níveis de poder o que segundo ele favoreceu as unidades subnacionais. Por um lado por meio do restabelecimento de competências, usurpadas pela ditadura, por outro lado por meio da criação, principalmente no caso dos municípios, de novos mecanismos de autonomia política.

A promulgação da Constituição de 1988 representou toda essa transformação política. Sobre isso Tomio escreveu:

O principal marco institucional dessa transformação política foi a promulgação da Constituição de 1988. A partir dela construiu-se todo um arcabouço jurídico que consolidou o novo arranjo democrático. A radicalidade destas transformações gerou um novo ordenamento federativo, isto é, os constituintes não só estabeleceram as bases do Estado democrático, como também instituíram um novo “pacto federativo” (TOMIO, 2002, p.62)

A partir de então, ampliou-se o campo de atuação dos estados e municípios. De um modo geral, Tomio (2002) considera que o processo de fragmentação dos municípios brasileiros até então recebia atenção marginal, porém entre 1988 e 2000 aumentou-se consideravelmente o número de processos emancipatórios no Brasil. Ele constatou que nesse período surgiram 1438 novos municípios, correspondente a 25% de todos municípios existentes atualmente no Brasil. Sobre o aumento da criação de municípios nas décadas de 1980 e 1990 o autor explicou:

Nas duas últimas décadas foram criados milhares de municípios no Brasil, sendo que a grande maioria dessas emancipações ocorreu após a promulgação da Constituição de 1988. A intensa criação de municípios não é um fenômeno recente. Nos últimos cinquenta anos a quantidade de municípios foi quase quadruplicada. No entanto, apesar de constante, as emancipações não aconteceram num mesmo ritmo em todas as décadas (TOMIO, 2002, p.63).

O autor supracitado associou o regime político à criação de municípios. Nesse sentido o autor completou que períodos democráticos, como a república populista, a nova república e o período atual foram definidos por uma descentralização política, institucional e fiscal o que acarretou diversas emancipações municipais. Enquanto em períodos ditatoriais, que primam pela centralização, ocorreu o contrário, ou seja, evitou-se a criação de muitos municípios.⁹⁰

Seguindo essa linha de pensamento a descentralização política se resultou da Constituição de 1988, que determinou a transferência da regulamentação das emancipações da União para os Estados. Conforme Tomio (2002), a autonomia institucional dos Estados, na elaboração e regulamentação e na decisão política, foi o fator determinante para o ritmo diferenciado na criação de novos municípios. Sobre isso Maia Gomes e Mac Dowel afirmaram:

Outra evidência é a proliferação de pequenas cidades, que veio junto com a descentralização política implementada após 1984. Os distritos se convertem em municípios, em primeiro lugar, porque suas populações e elites políticas percebem que podem fazê-lo, ou seja, porque a descentralização política lhes deu uma parcela de poder anteriormente monopolizada por Brasília; e, em segundo, porque isso lhes aumenta o status – e os recursos financeiros. Outra vez, o primado do território, não do número de pessoas (MAIA GOMES; MAC DOWELL, 2000, p.8).

Diante disso, percebe-se que a flexibilidade nas exigências para criar os municípios resultou da descentralização política, e essa por sua vez realçada na constituição de 1988. Outro aspecto relevante desse processo foi a criação de municípios com pequena população. Segundo Tomio (2002), cerca de 74% dos municípios criados e instalados nas décadas de 1980 e 1990 tem menos de 10 mil habitantes. Assim, ele constatou que a emancipação recente envolve os micro e pequenos municípios do interior.

Prossegue o autor afirmando que isso se deve, também, a diminuição de exigências à emancipação municipal pelas Legislações estaduais, aliada a outros componentes institucionais, pois cerca de 75% das novas entidades federativas não

⁹⁰ Tomio (2002), explicou que esse tipo de correlação é genérica e limitada, portanto, não explica por si só todos os mecanismos políticos e institucionais de cada regime político. No entanto, ele afirma que a associação entre regime político e o ritmo emancipacionista é correta quando identifica os períodos ditatoriais com a centralização política administrativa.

existiriam dentro do quadro legal anterior à Constituição de 1988. Maia Gomes e Mac Dowell afirmaram que uma das consequências mais notórias da descentralização política foi a criação de municípios, ou seja, a elevação dos mesmos a membros da federação. A esse respeito eles explicavam:

Como parte do processo de descentralização política no Brasil pós-militar, os municípios não apenas continuaram a angariar mais recursos, mas também foram elevados a membros da Federação. Esses dois fatos são componentes do que será chamado, neste trabalho, de federalismo municipal, fenômeno que constitui um aspecto peculiar ao Brasil, da descentralização. Desde 1988, esse processo de elevação do status dos municípios ganhou sólida base jurídica, estando amparado no primeiro artigo da Constituição (“A República Federativa do Brasil [é] formada pela União indissolúvel dos estados e municípios e do Distrito Federal...”). E tem tido, também, importantes consequências (MAIA GOMES ; MAC DOWELL, 2000, p. 8).

Tomio (2002) explana também acerca do processo de decisão política envolvido nas emancipações municipais e demonstrou as preferências, as escolhas e as estratégias dos atores vinculados à criação de municípios. Para ele os atores envolvidos nos processos emancipatórios são em primeiro lugar, conscientes de suas preferências e agem racionalmente para que os resultados atendam a seus interesses, em segundo, esses atores determinam a natureza de suas escolhas pela perspectiva de ganhos individuais, em terceiro e último os atores definem suas estratégias diante das regras institucionais e de acordo com suas expectativas.

Portanto, a descentralização política e institucional favoreceu em grande medida a ação das lideranças locais que geralmente são apoiadas pelos eleitores e, sobretudo pelos deputados estaduais, que controlam o processo legislativo das emancipações o que, como se viu, resultou num aumento da criação de municípios brasileiros. É nesse contexto que se insere o processo de emancipação do município de Santo Antônio de Goiás.

3.6 Consolidação das Lideranças Políticas Locais e a Emancipação

Durante o pleito de 1983, os santoantonienses consolidaram as lideranças políticas locais por meio da eleição de alguns representantes ao cargo de vereador. Nesse

período os moradores já trabalhavam pela emancipação política, pois os grupos políticos já estavam mais definidos e influentes. Sobre isso dna. I. P. S. recordou:

Que pertenceu a Goianira, ah... Na minha memória que eu lembro, teve o... Waldivino, o Moreira, teve o Waldomiro Gonçalves, os dois são falecidos que é o Waldomiro e o Waldivino, e teve o... que veio... eleito por Goianira, teve o seu Osvaldo, isso foi eleito por Goianira, por nós mas pertencia a Goianira, era só um representante acho que perante a lei tinha que ser assim, saía um candidato de Santo Antônio, mas o sonho do santo antoniense era municipa⁹¹.

No ano de 1987, foi requerido a emancipação política do Distrito na Assembléia Legislativa por meio do processo de nº 1651/87. Neste processo tratou-se de questões relativas à aprovação da emancipação de acordo com as leis, a saber: número de habitantes, de edificações, de eleitores e o resultado do plebiscito realizado para constatar a aprovação dos santoantonienses em relação à emancipação do Distrito.

Outra questão tratada nesse processo refere-se à denominação do Distrito de Santo Antônio no qual deveria ser substituído ou ampliado, pois havia no Estado de Goiás outros municípios com este nome. Sobre isso Borges escreveu:

Quanto ao topônimo do município a ser criado, o nome do Distrito deveria ser substituído ou acrescida, pois já existia no Estado de Goiás, município com esta denominação, e a lei não permitia no mesmo Estado municípios com nomes idênticos. Houve na ocasião, sugestões de alguns moradores, em nomear o município como Walterlandia, homenageando o nome do Sr. Walter Carneiro Machado, que havia ido a óbito durante o seu mandato de vice-prefeito por Goianira, recente à ocasião. No entanto, como tudo havia se iniciado com o nome de Santo Antônio, acrescentou-se apenas “de Goiás” e ficou definitivamente Santo Antonio de Goiás (BORGES, 2005, p.41).

Conforme Borges (2005), no ano de 1987 o Distrito de Santo Antônio foi emancipado pela Lei nº 10507/87, porém essa emancipação foi revogada no mês de julho deste mesmo ano após uma representação realizada pelo procurador geral da República, Dr. Sepúlveda Silveira. Sobre isso Sr. O. L. G. explicou:

É, exatamente. Só que é o seguinte, desses quarenta e um municípios que foram emancipados, quatro caíram e justamente Santo Antônio de Goiás foi o primeiro, porque, porque o prefeito de Goianira o Edson Soares de Assis ficou com medo de perder as eleições, tanto é que ele ganhou por causa de Santo Antônio de Goiás mesmo, ele ia perder essas eleições para um rapaz do PT chamado Edinho, ai o

⁹¹ Ibidem p. 71.

seguinte, ele entrou com uma representação através do deputado federal na época Cunha Junior, Fernando Cunha Junior que hoje é o braço direito desses governadores ai, ele entrou com uma representação 15.555 parece, representação no Supremo Tribunal Federal e o senhor Sepúldes Pertencio da Silveira derrubou nossa emancipação⁹².

Outro depoente que comentou sobre esse fato foi Sr. Lourival Vaz da Costa que disse: “Caiu porque devido não parecer os requisito, e os dados que tinha no documento Santo Antônio não tinha o número de habitantes. Não, não era habitante, era o número de edificação”⁹³.

Negada a emancipação do Distrito de Santo Antônio os moradores e os representantes se uniram em busca da emancipação. Foram realizadas novas eleições, sendo eleitos para representar o povo de Santo Antônio os senhores Osvaldo Santos da Silva e José Cosme de Freitas Antes das eleições de 1988 ocorreu apenas as de 1982, sobre esse prolongado período deste pleito que teve como vice-prefeito o Sr. Waldivino Gonçalves da Cunha, o Sr. O. L. G. comentou:

É vice-prefeito, ele era vereador, foi a vice-prefeito, certo. E o Joaquim Moreira foi a vereador, isso encerrou em 82, ai veio o ciclo do PMDB, o pessoal do Íris Rezende com o arrastão, ai o seguinte em 82 já foi o arrastão do Íris que elegeu todo... todo... quase todo... o Brasil inteiro quase todo foi, PMDB. Na época inclusive, bom ai só elegeu aqui o Sr. Aparecido Valdomiro Gonçalves como vereador e Walter Carneiro Machado parece, que é o nome daquela rua Walter Machado, que era vice-prefeito entendeu. Ai ele faleceu, inclusive na época ainda como vice-prefeito, parece que foi sim, como vice-prefeito, ai quando foi de 82 ate 88, porque começou em 83 mas teve prorrogação de dois anos, ai em 88 que teve novas eleições, bom ai já tinha um grupo bastante grande, como o José Cosme, eu, o Lorival Vaz, é... Jose Lino dos Reis, José Cardoso Peregrine e muitos outros, ai que nos tentamos emancipar Santo Antônio de Goiás⁹⁴.

Nesse mandato criou-se a Subprefeitura no Distrito pelo prefeito de Goianira, Sr. Edson Soares de Assis. A Subprefeitura representou o início da independência política dos santoantonienses, pois muitas decisões passaram a ser tomadas diretamente pelo subprefeito, ou seja, o Sr. Lourival Vaz da Costa, que assumiu seu cargo em janeiro de 1989. Sobre isso ele comentou:

⁹² Ibidem p. 23.

⁹³ Ibidem p. 79.

⁹⁴ Ibidem p. 23.

Edson Soares da Silva. E aí eu assumi a Sub-prefeitura que não tinha nada em Santo Antônio, não tinha telefone, não tinha segurança, não tinha saúde, e eu fiz um bom trabalho construí ponte, construí é o posto telefônico, a sub-delegacia, sub-coletoria e fui graças a Deus com dois anos de trabalho eu consegui fazer isso, com esses dois anos também nós fomos trabalhar junto com o José, Zezé, o vereador Zé Velho e o vereador Osvaldo pra emancipar Santo Antônio e tivemos a felicidade de consegui um deputado estadual Rubens Cosac, que nos ajudou, que foi o autor do projeto de emancipação de Santo Antônio e nos trabalhamos e conseguimos emancipar Santo Antônio⁹⁵.

De acordo com o Sr. Lourival Vaz da Costa a sub-prefeitura durou quatro anos, e foi acordado com o prefeito de Goianira da época que ele ficaria de 89 a 90 e o Sr. Aparecido Valdomiro Gonçalves de 91 a 92. Durante esse período o Sr. Lourival Vaz da Costa relatou que foram encetadas diversas obras com o objetivo de elevar o Distrito a categoria de município. Sobre isso, o depoente comentou:

A Sub-prefeitura ela foi instalada nos anos, no ano de oitenta e nove, então eu fiquei na prefeitura oitenta e nove e noventa. Que foi quando nós conseguimos emancipação eu me afastei da sub-prefeitura, aí assumi o autor do projeto que transformou Santo Antônio em Distrito que é o Valdomiro⁹⁶.

Segundo o Sr. Lourival Vaz da Costa em depoimento, a subprefeitura foi instalada na avenida Walter Carneiro Machado em uma casa alugada do Sr. C. B. Nos dois primeiros anos sob a sua administração foi construída uma ponte sobre o córrego do Meio em uma estrada vicinal para ligar Santo Antônio de Goiás à região do córrego Rico. Essa ponte facilitou o escoamento da produção de grãos, transporte do leite, do gado, por meio da ligação das fazendas ao povoado. Em 1989 também se edificou um prédio para abrigar a Sub-delegacia com dois sub-delegados da polícia civil, este se localizou na Rua João Cardoso de Moura nº 370 na Vila Campos. Neste mesmo local foi instalado o posto telefônico que na época era Telegoiás. Atualmente funciona neste local o Destacamento da polícia militar, o qual conta com oito policiais efetivos, com uma viatura e uma moto. Esse destacamento é do comando da Polícia Militar de Anápolis.

Neste mesmo ano foi construído o Posto de Saúde com aproximadamente oito salas na Rua Benedito Rocha Lins nº 50, setor Central. Este tinha a sua disposição uma ambulância Kombi, que funcionava 24 horas e alguns equipamentos necessários para o

⁹⁵ Ibidem p. 79.

⁹⁶ Ibidem.

funcionamento do mesmo. Os primeiros funcionários trabalharam muito para melhorar os recursos ligados à saúde. Alguns funcionários como Dona V. A. dos S., Dona F. M. P. e o Doutor N. C.

Na gestão do Sr. Lourival Vaz da Costa na sub-prefeitura foi instalado um posto da AGENFA (Agência Fazendária), em Santo Antônio. Sobre isso período Borges (2005), escreveu:

Na área de assistência social já chegavam alguns benefícios para a população mais carentes desta parte do município. Doações de alguns remédios, operações de ligadura, encaminhamento a médicos e laboratórios, houve distribuição de agasalhos para crianças carentes, de enxovais para recém-nascidos e outros (BORGES, 2005, p.44).

Passados dois anos, o Sr. Aparecido Waldomiro Gonçalves. reassumiu a sub-prefeitura e continuou os trabalhos em prol da população e do Distrito. Segundo Borges (2005), neste período construiu-se um alambrado do Estádio Antônio de Freitas e também um gramado. Concomitante, realizou-se a reforma da praça Matriz melhorou o transporte escolar, conservou-se as estradas, ampliou-se a rede elétrica e fortaleceu o apoio ao Colégio Estadual.

Todos esses trabalhos demonstraram o desejo e o esforço dos Santoantonienses e de todos os seus representantes políticos pela conquista da emancipação política. Nesse contexto, os representantes políticos locais contaram com a colaboração do Deputado Estadual Rubens Cosac que auxiliou na elaboração do processo do novo pedido de emancipação. Sobre isso Dona I. P. S. comentou:

Não, envolveu a cidade toda, teve plebiscito, sim o não, depois teve pra escolher o nome da cidade também, Santo Antonio, ou chamava Santo Antonio de Goiás ou chamava Walterlandia, mas aí ficou Santo Antônio porque já era conhecida como Santo Antonio, então essa luta mobilizou toda cidade teve um plebiscito, inclusive aconteceu no salão paroquial, que já existia o salão paroquial né, isso aí o município todo participou, não só a cidade, mas o município todo participou⁹⁷.

Outro passo do processo foi levantar os dados e os documentos exigidos por lei como número de habitante, de edificações e uma certidão do IBGE contendo estimativa de

⁹⁷ Ibidem p. 71.

habitantes por edificações entre outros. A esse respeito Sr. Lourival Vaz da Costa relembrou:

... E eu consegui resolver é,é provar que nós tínhamos através da Sucan, porque a Sucan mandou fazer o senso levantar o número de habi.,de edificação que tinha no município , ai foi que o seguinte quando eu era o sub-prefeito o inspetor da Sucan na época ficava na minha casa né?Quando ele me falou que tinha terminado o senso da edificação eu procurei -Quantas deu? Ele falou deu 1080 um negócio assim eu não me lembro mais,ai eu falou então eu tenho os dados que eu preciso,ai fui até o Rubens o Rubéns falou- É uma luz que nós temos né podemos correr atrás ai nós pegamos esse dado da Sucan que fizeram por escrito e que ta anexo no processo ai com esse em mãos eu peguei também fui no IBGE em Goiânia na Tocantins e consegui também pegar o, o, o, a estimativa de habitantes por edificação na época era cinco habitantes por edificação. Ai nos conseguimos provar que tínhamos cinco mil habitantes e que tínhamos mil casas⁹⁸.

Conforme Borges (2005), o levantamento do número de edificações do município, só foi possível com a ajuda de um funcionário da Sucan, isto é, Sr. N. F., o qual era responsável pela prevenção contra doenças como chagas, malária entre outras. Assim através de seus relatórios de visitas as residências foi comprovado esses dados.

Assim, com os documentos, os representantes políticos locais e a população já contavam antecipadamente com a emancipação. Borges (2005) afirmou que muitos moradores acompanharam o processo marcando presença na Assembléia Legislativa e outros se deslocaram para o Rio de Janeiro e Brasília afim de formalizar as condições necessárias à emancipação. Outro passo realizado, segundo descreveu Borges (2005), foi o novo pedido de desmembramento do Distrito de Santo Antônio junto a Assembléia Legislativa feito pelo deputado Rubens Cosac. Assim, utilizou-se o mesmo processo de 1987, porém acrescentou-se toda a documentação exigida por lei. Sobre isso Borges escreveu:

Diante de tanto esforço de representantes políticos municipais, estaduais e da comunidade local como os fazendeiros, chacareiros, comerciantes e de toda a população de Santo Antônio, chegou-se ao final do tão esperado dia da independência política, pois no dia 5 de dezembro de 1990, o Exmo. Srº Governador do Estado Henrique Santilo sancionou a Lei nº 11.360, elevando à categoria de Município o Distrito de Santo Antônio, que passou a ter o topônimo de Santo Antonio de Goiás, conforme publicação no diário oficial de Goiás, terça-feira, 11 de dezembro de 1990 (BORGES, 2005, p.45).

⁹⁸ Ibidem p. 79.

A partir de então a notícia da emancipação se espalhou pela mais nova cidade do Estado de Goiás e foi motivo de grande alegria para todos os santoantonenses, que passaram desde então a festejar o dia 05 de dezembro. Segundo foi registrado no Diário Oficial nº 16.103, no dia 11 de dezembro de 1990, o município de Santo Antônio de Goiás foi criado no dia 05 de dezembro deste mesmo ano por meio da Lei nº 11.360, tendo as seguintes divisas: com o município de Goianira que começa na barra do Ribeirão Capivara, no Rio Meia Ponte e sobe pelo Rio Meia Ponte até a barra do córrego Rico, depois sobe por este córrego até sua cabeceira seguindo direto ao Espigão; com o município de Brazabrantes que começa no Espigão, no ponto confrontante com a cabeceira do Córrego Rico e segue por este Espigão até o ponto confrontante com a cabeceira da vertente do Riachinho; com o município de Nova Veneza que começa no Espigão no ponto confrontante com a cabeceira da vertente do Riachinho e segue pelo Espigão até o Morro Feio⁹⁹.

⁹⁹ Chama-se atenção novamente, como fez-se na página 66, para que a presente divisa é distinta da anteriormente inserida, nesta trata-se da emancipação do município de Santo Antônio da condição de distrito de Goianira.

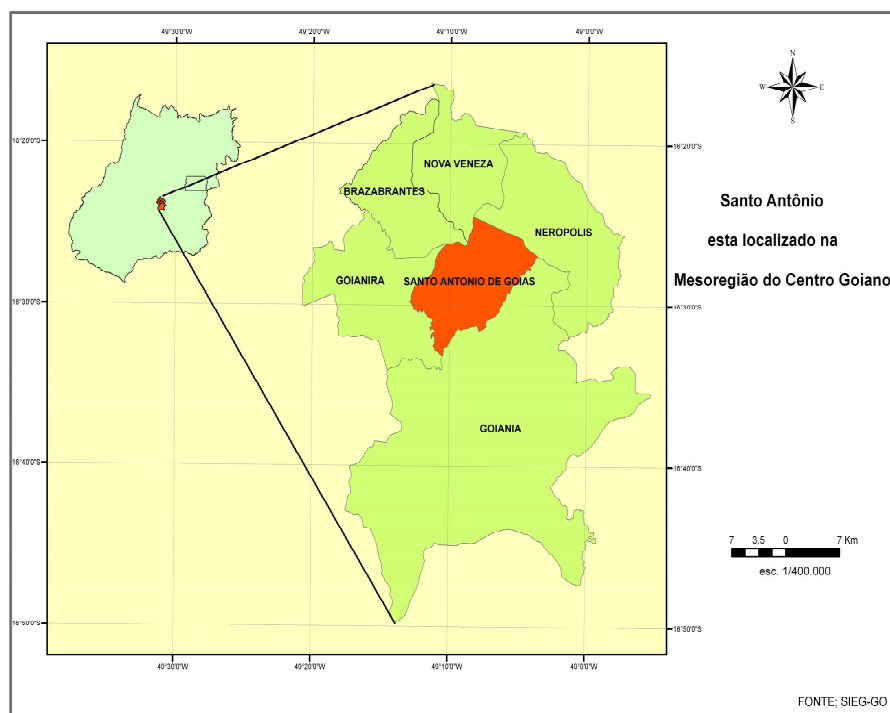


Figura 10: mapa dos limites geográficos de Santo Antônio de Goiás.

Fonte: Lapig (Laboratório de processamento de imagens e geoprocessamento) Elaine Barbosa da Silva, 2007.

Outro ponto citado nessa lei, acerca da zona urbana da cidade, a qual foi formada seguindo alguns limites e confrontações, isto é, estes se iniciam no Marco um, localizado junto à cerca da EMBRAPA, rumo ao Marco dois, dividindo com Uiratã Barnabé Santana, até o Marco três, com a distância de 546 metros desse, limitando-se com Leila Machado até o Marco quatro, com 158 metros, desse, limitando com Leila Machado, Osvaldo Alvarenga Acácio, até o Marco cinco, com 1.136 metros; desse, limitando-se com Antonio Moreira até o Marco sete, com 546 metros; desse limitando-se com Rodoharas até o Marco oito, com 140 metros; desse limitando-se com Rodoharas até o Marco nove, com 661; desse, limitando-se com a EMBRAPA até o Marco um, onde teve início.

Evidencia-se nesse capítulo que Santo Antônio de Goiás se constituiu primeiramente como povoado e posteriormente foi elevado a distrito de Goianira em 1968. Formou seus primeiros grupos políticos ainda como distrito, onde cidadãos residentes em Santo Antônio de Goiás se candidatavam às eleições representando o Distrito, mas com o interesse de elevá-lo a categoria de município. Viu-se também, que com a substituição do Ministério da Agricultura pela EMBRAPA houve uma nova leva de migrantes para a

região. Desse modo, a chegada da Embrapa não só propiciou a migração, mas também o desenvolvimento econômico, político e social da região. Implantou pesquisas para produção de tecnologia agrícola, consequentemente gerou empregos e benefícios sociais como, por exemplo, a lavoura comunitária.

Percebe-se também que os programas governamentais muito contribuíram para a formação e desenvolvimento da cidade de Santo Antônio de Goiás. Nota-se que as ações políticas contribuíram para o crescimento do distrito, principalmente após a promulgação da constituição de 1988, que favoreceu a emancipação política de Santo Antônio de Goiás, bem como de outros municípios. A primeira emancipação política foi promulgada em 1987, todavia, sustentou-se apenas até julho deste ano por falta da documentação necessária. Em 1989 foi instalada a subprefeitura de Santo Antônio de Goiás onde puderam ser realizadas a instalação da polícia militar, de um posto telefônico, de um posto da AGENFA, bem como a construção do Estádio Antônio de Freitas entre outras benfeitorias. Todas essas foram realizadas com o objetivo de emacipar o município, o que se concretizou em dezembro de 1990.

CAPÍTULO IV:

EXPANSÃO URBANA E LEGITIMAÇÃO DE UM SONHO

4.1 A Criação da Prefeitura e o Desenvolvimento Urbano

Depois de conquistada a emancipação política de Santo Antônio de Goiás, a população e os grupos perceberam que havia ainda muitas lutas e obras a conquistar. Ocorria no ano de 1992, a primeira eleição do município. Três chapas concorreram nesta eleição. A primeira do PMDB representada pelo candidato a prefeito Lourival Vaz da Costa, vice-prefeito José Cosme de Freitas demais candidatos a vereadores; a segunda chapa do PPB representada pelos candidatos a prefeito Osvaldo Santos da Silva e vice-prefeita Maria Madalena de Brito e seus respectivos candidatos a vereadores e a terceira e última que tinha como candidato a prefeito o Sr. Clermes Tiago de Freitas e o Sr. João Rodrigues Pereira a vice-prefeito.

Segundo Borges (2005), nessa eleição havia apenas 1645 eleitores inscritos no município de Santo Antônio de Goiás, foram apurados também os votos em Goianira (sede da Comarca desse município). A chapa do PMDB, representada pelo prefeito Lourival Vaz da Costa. e seu vice José Cosme de Freitas., venceu as eleições. Sobre isso o Sr. Lourival Vaz da Costa explicou que após ter se afastado da subprefeitura já iniciou seu trabalho e uma campanha com o objetivo de se tornar o primeiro prefeito de Santo Antônio de Goiás. Ele disse:

E aí eu já fui trabalhar pra me candidatar a prefeito, e felizmente eu tive êxodo né? Fui o primeiro prefeito assumindo sem dívida, mas sem um centavo sem nenhuma cadeira, e aí nem uma can., caneta pra assinar, mas tivemos uma sorte, tivemos um grupo de vereadores que realmente foram companheiros a população entendeu as dificuldades que a gente tinha na época, e, consegui realizar, afastei toda a cidade e quando eu saí quando eu peguei não tinha nenhum palmo de asfalto deixei toda asfaltada cem por cento das rua, consegui equipar o setor de transporte com retoescavadeira, com caminhão, com Kombi, ônibus transporte escolar né? Consegui abrir um hospital 24 horas tai até hoje né?¹⁰⁰

¹⁰⁰ Ibidem p. 79.

Segundo consta em ata (SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS, 1993) foram eleitos os seguintes vereadores: Filmena Moreira Pimentel, José Vaz Machado, Ládio Vaz da Silva, Celmes Francisco Machado, Osmário Limiro Gonçalves, Marildo Vaz Machado, João Batista Arantes, João Cardoso de Moura e Pedro Nunes Espíndola. E. Assim, os candidatos eleitos tomaram posse no dia 1º de janeiro de 1993, em Sessão Solene no Salão Paroquial da Igreja Católica, na praça Matriz. Nesta reunião instalou-se definitivamente o município de Santo Antônio de Goiás, bem como a Câmara Municipal e Legislativa (SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS, 1993).

Após ter tomado posse no dia 1º de janeiro de 1993, segundo Borges (2005), o Sr. Lourival Vaz da Costa nomeou alguns auxiliares para ajudá-lo na administração do município recém emancipado. Sendo eles: M. A. C., secretaria de ação social; Drº N. C. F., secretaria da saúde; Professor A. G. B., secretário da educação; Sr J. C. de M., secretário de finanças; Sr. E. V. M., secretaria de transporte; Sr. R. X. N. da S. N., secretaria da administração. Sobre as primeiras deliberações do Sr. Lourival Vaz da Costa, Borges afirmou:

Ciente das dificuldades que iria enfrentar, diante de tamanha responsabilidade assumida, o prefeito expôs suas metas e os planos emergentes, e deliberou sobre vários assuntos e atitudes a serem tomadas imediatamente. Locou um móvel na Av. Walter Carneiro Machado, Quadra 01, Lote 07 – Centro, onde instalou o Gabinete do Prefeito e acomodou as Secretarias de: Finanças, Administração, Educação e Ação Social. Locou outro imóvel com dois lotes situados na Rua: Jacarandá, onde instalou a Secretaria de Transportes, a Secretaria de Saúde foi instalada no Posto de Saúde do Município (BORGES, 2005, p. 76).

A prefeitura, as secretarias e a câmara municipal funcionaram primeiramente na Av. Walter Carneiro Machado em um imóvel alugado do Sr. C. B. No primeiro momento de emancipação, o município recebeu algumas doações. Conforme Borges (2005), nos primeiros dias foi doado por Goianira ao município um caminhão caçamba e uma camionete A-20. Outra conquista citada pelo autor foi a liberação de três veículos (01 - Elba, 01 - Opala, 01 – Kombi, ambulância) para uso por meio do sistema de comodato.

Ainda segundo o Sr. Lourival Vaz da Costa, a prefeitura também adquiriu: um caminhão Mercedes Benz, caçamba, uma Camionete D-20, uma patrula, uma retroescavadeira e três lotes na Vila Florença para a construção da garagem. Com isso, realizaram a manutenção e terraplenagem das estradas rurais e vicinais, construiu-se

“mataburros”, reformou-se pontes e contratou-se caminhões para realizar a coleta de lixo e entulhos.

Neste mandato também se realizou o asfaltamento de ruas da cidade, construiu-se meio fios, abriu-se a Rua: 4 localizada no Centro da cidade. A respeito disso Sr. Lourival Vaz da Costa afirmou:

Olha, na área do transporte o que nós fizemos foi estruturar a parte da secretaria do transporte da prefeitura, que foi adquirir as máquinas, por exemplo, patrôla, que o município sem uma patrôla não tem como é, manter suas estradas arrumada né, as estrada vi sinais, compramos retro, do primeiro mandato, compramos dois caminhão caçamba, compramos caminhão pipa, compramos dois ônibus, compramos duas Kombi e por aí, quer dizer a estrutura foi montada toda no primeiro mandato. E além disso também a pavimentação asfáltica né, do que a gente tinha na época aqui, que era o centro da cidade antiga a Vila Estrela, Vila Campos, Vila Floresça, é isso que a gente tinha e setor progresso, então nós conseguimos pavimentar todas as ruas da cidade com o meio-fio e além disso a iluminação pública, então quer dizer eu acho que a cidade em termos de transporte de finança ficou naquilo que a comunidade é, esperava¹⁰¹.

Paralelo a isso, realizaram-se também benfeitorias na área da saúde, ou seja, o posto de saúde foi transformado em hospital e reformou-se o prédio do posto de saúde, ambos funcionam juntos até os dias de hoje. Adquiriu-se equipamento básico para o setor da saúde, e no hospital instalou-se o gabinete odontológico público e também firmou-se uma parceria com a SUCAM. Foi realizada também a reforma do prédio da sub-delegacia de polícia e a construção do prédio da Telegoiás na Avenida Bacuri.

No que se refere à educação realizou-se concurso público para contratação de professores, cursos de treinamentos e criou-se a Lei do Estatuto do Magistério Municipal. Concomitante a isso, assinou-se o convênio com a FAE para receber merenda escolar e criou-se o Serviço Municipal da Merenda Escolar (SEMAE).

Ainda na área da educação, no ano de 1993 foi comprado o prédio de uma escola particular para instalação da escola municipal, com Ensino Fundamental. Assim transferiu-se a escola rural para a Zona Urbana em 1993 e esta passou a se chamar Escola Municipal Santa Rita. Móveis e equipamentos foram adquiridos para essa escola. Após a transferência da escola rural surgiu a necessidade de implantar um sistema de transporte escolar que atendesse os alunos da Zona Rural. Para tanto, foram comprados uma Kombi e

¹⁰¹ Ibidem.

um ônibus para o transporte de alunos, não sendo estes veículos suficientes, contratou-se mais veículos para atender todos os alunos da zona rural. Borges (2005) confirma:

Com a elevação do Distrito de Santo Antônio às condições de Município em 1990, ganhando assim sua autonomia administrativa, o prefeito eleito no pleito de 1993, a pedido do Secretário de Educação, chegou a conclusão de que seria mais viável transferir a Escola da Zona Rural para a Zona Urbana do Município e criar o transporte escolar rural, de forma a atender todos os alunos residentes na Zona Rural do Município (BORGES, 2005, p. 55).



Figura 11: Escola Municipal Santa Rita.
Fonte: plano diretor, Prefeitura de Santo Antônio de Goiás, 1998.

Ainda neste mandato, realizou-se parcerias e convênios em outras áreas de grande importância para o desenvolvimento urbano, a saber: Posto dos Correios (E.C.T), Escritório da CELG, Posto de serviço do DETRAN-GO, Escritório da EMATER, Posto do Banco do Estado de Goiás – BEG. Segundo Borges (2005), o Posto dos Correios foi inaugurado no dia 01 de dezembro de 1993, na Avenida Walter Carneiro Machado, no Setor Central, tendo como primeiro chefe o Sr. Belimar José Gomes. A princípio essa agência ofereceu apenas os serviços básicos necessários à população. Atualmente, ela oferece vários serviços: Postagens de cartas, SEDEX, encomendas, inscrições do CPF

(Cadastro de Pessoa Física), recebimento de tarifas públicas e serviços bancários por meio do Banco Postal. Seu atual endereço é na Avenida Modesto Vaz Machado – Centro.

Nesse período também foram construídas trinta casas populares, as quais formaram o Conjunto Morada Nova, localizada na Vila Florença II. Este conjunto foi equipado com a rede elétrica e de água tratada estadual, bem como asfalto e meio-fios. Essas casas foram doadas para famílias carentes.

Concomitante foi adquirido pela prefeitura, meio alqueire de terra para depósito do lixo urbano, oito lotes na Avenida Modesto Vaz Machado para a construção da sede da Prefeitura e Câmara Municipal, e por fim, comprou-se um alqueire de terra próximo a zona urbana com o intuito de construir um clube, porém como esse alqueire foi adquirido no final desse mandato o projeto nunca saiu do papel uma vez que o prefeito posterior o vendeu.

Em 1994 foi aprovado a Lei Orgânica do município de Santo Antônio de Goiás, o qual passou a ter autonomia total no ano seguinte. Sobre isso Borges (2005), afirmou:

O processo legislativo esteve subordinado pela Lei Orgânica Municipal do Município Mãe (Goianira), até o dia 31 de dezembro de 1994. A partir do dia 1º de janeiro de 1995, passou a sua autonomia total com a aprovação da Lei Orgânica do Município de Santo Antônio de Goiás, em Assembléia Constituinte no dia 28 de dezembro de 1994 (BORGES, 2005, p.70).

Neste mesmo ano foi concluída a GO-462 que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás, Nova Veneza e Brazabrantes, passando esta pela Embrapa – Arroz e Feijão. O asfaltamento dessa estrada foi uma grande conquista que contou com o apoio da Embrapa – Arroz e Feijão para lutar junto ao Governador do Estado de Goiás, Ex. Sr. Íris Rezende Machado. Relativo a isso, Dr. Romeu Pereira Santos explicou:

Então de 89 pra cá que eu pude acompanhar, com a inauguração do asfalto entre Goiânia e Nova Veneza passando por Santo Antônio e entre Goiânia e Brazabrantes interligando com isso GO-462 que vai à Nova Veneza, salve o engano em 94 foi concluído esse asfalto, houve assim um crescimento violento, eu diria de Santo Antônio, principalmente pro lado da região Sul. Hoje eu ando em Santo Antônio e custo a acreditar que tenha crescido tanto nessa direção Sul, com tantas casas bem edificadas, sempre em direção a um condomínio chamado Califórnia que está ainda sendo comercializado, não está totalmente concluído.

Mas eu fico surpreendido com o crescimento de Santo Antônio, eu acho atípico uma cidade crescer tão rápido quanto Santo Antônio¹⁰².



Figura 12: pavimentação do trecho da GO-462 que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás.
Fonte: acervo EMBRAPA-Arroz e Feijão.

Diante disso, percebeu-se que após a década de 1990, a cidade cresceu, pois muitas pessoas de regiões vizinhas se mudaram para Santo Antônio de Goiás devido à facilidade de se locomover para a cidade de Goiânia, podendo então morar em uma cidade tranquila, bucólica e hospitaleira e, ao mesmo tempo trabalhar, fazer compras, ir a shows, teatros, na capital. Sobre essa proximidade da cidade e o fato de a maioria dos santoantonienses trabalhar e até mesmo estudar em Goiânia, Dona I. P. S., explicou:

Boa, muita boa, às vezes o pessoal reclama, mas eu vejo Santo Antônio praticamente como um bairro de Goiânia, porque dependendo do bairro que morar em Goiânia, morar em Santo Antônio, somos agraciados de ser santo antoniense, porque uma cidade a cerca do centro aqui em Santo Antonio tem 21 km, da avenida Goiás aqui, a gente tem coletivo toda hora, se você tá de carro próprio é 20 min e não precisa de você correr muito né. Então nós somos agraciados de morar tão perto da capital, tem seu lado bom, mas tem também o seu lado ruim, mas o pessoal tem que conscientizar que o progresso tem seu preço, as mudanças virão junto com o progresso, a radicalização, a violência vem junto com o progresso, porque nos mora perto da capital, uma capital muito

¹⁰² Ibidem p. 40.

desenvolvida, porque Goiânia, ela foi planejada pra 50.000 habitante, hoje ela tem mais de 1.000.000 né, tá caminhando pra 2.000.000 de habitante e não foi planejada pra isso, como Santo Antonio também não foi, porque você pode ver o centro da cidade que praticamente o prefeito futuro de Santo Antônio e desapropriar, assim como nós temos problema com a paróquia era desapropriar os morador, mas como você desapropriava uma pessoa que foi o fundador, como existe aqui pessoas que fundo, que criou sua família, como é que você vai desapropriar uma pessoa dessa, então o progresso tem seu preço, mas a cidade cresce e desenvolve junto com esse progresso¹⁰³.

Nesse período, a prefeitura realizou muitas outras ações para beneficiar a população, dentre estas citam-se: cursos técnicos em parceria com a EMATER, cursos artesanais, distribuição e doação de agasalhos, cobertores, brinquedos natalinos em parceria com a OVG e Assembléia Legislativa. Foram distribuídos também produtos alimentícios por meio de parceria com a Arisco e com a EMBRAPA – Arroz e Feijão. Criou-se e incentivou-se a permanência da Feira-livre na Praça da Matriz.

Nos esportes e lazer realizaram também reforma no Estádio Antônio de Freitas, construindo a arquibancada com capacidade para mil pessoas. Percebeu-se que o município teve um grande avanço nos seus primeiros anos de independência política. Referente a esse primeiro pleito Borges afirmou: “No final desta administração 93/96, viu-se que valeu o esforço de todos os cidadãos santoantonienses na luta pela emancipação diante de tantos benefícios recebidos em apenas quatro anos de independência política” (2005, p. 81).

Segundo Borges (2005), a Secretaria de Educação e Cultura realizou um concurso, em agosto de 1993, para criação da bandeira do município. No mês seguinte vários trabalhos foram inscritos, os quais passaram pela comissão formada por um representante da câmara municipal, um do colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes e outro da Igreja Católica. O trabalho escolhido foi do candidato Cleiton Pereira Melchior, a respeito disso Borges (2005, p.96), explicou: “Após a análise da comissão, foi aprovado o trabalho apresentado pelo jovem Cleiton Pereira Melchior, devido à combinação de cores, das medidas, do tipo do desenho, a regionalização, o espírito cívico e outras intenções predominantes da região”.

Ainda segundo Borges (2005), após escolhida, instituiu-se a Bandeira do município por meio da lei n° 054/93 no dia 19 de novembro de 1993. Conforme a lei a Bandeira possui as seguintes cores: verde, amarelo, azul, branca, preto e azul claro. Sendo

¹⁰³ Ibidem p. 71.

seus símbolos: uma estrela que representa a festa religiosa da folia de Santo Reis; um bovino que representa a importância da pecuária na região; o verde representa a preservação da natureza; arroz representando um dos produtos da agricultura; asfalto que demonstra a importância da conclusão da GO-462, que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás, Nova Veneza e Brazabrantes, para o desenvolvimento da região; e o lago que representa a importância dos córregos para a fixação das primeiras famílias que formaram essa cidade, bem como para a irrigação das plantações.



Figura 13: Bandeira do município de Santo Antônio de Goiás.
Fonte: plano diretor, prefeitura de Santo Antônio de Goiás, 1998.

Em outubro de 1996, novas eleições foram disputadas por duas chapas, sendo uma do PMDB, representada pelo candidato a prefeito o Sr. José Cosme de Freitas e seu Vice Osvaldo Santos da Silva, e a outra do Partido Liberal (PL), que teve como

representantes o Sr. Elmo Inácio da Silva, candidato a prefeito, e o Sr. Lucimar Rodrigues Pereira, candidato a Vice-prefeito.

Os resultados dessas eleições foram divulgados na cidade de Goianira, Comarca do Município de Santo Antônio de Goiás, sendo eleitos para prefeitura o Sr. José Cosme de Freitas e seu Vice Osvaldo Santos da Silva do PMDB. Segundo consta em ata, tanto os vereadores eleitos quanto o prefeito e vice-prefeito eleitos tomaram posse no dia 01 de janeiro de 1997, por meio de uma reunião que ocorreu no Salão Paroquial da Igreja Matriz, ou seja, no Setor Central. (SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS, 1997)

No mandato do Sr. José Cosme de Freitas e de seu vice, muitas obras foram continuadas, outras implantadas e edificadas. Nas ações sociais, por exemplo deram continuidade na distribuição de agasalho, brinquedos natalinos, material didático pedagógico e uniformes para estudantes carentes. Continuaram também os cursos técnicos em parceria com a EMATER, OVG e outras.

Na área da saúde se concluiu o projeto de ampliação do Hospital Municipal Benedito Vaz Machado, reformou-se o Posto de Saúde, ampliou-se o quadro de funcionários especializados na área, adquiriu-se aparelhos, equipamentos hospitalares e odontológicos. Nesta gestão foi criado o Programa de Prevenção à Saúde (P.P.S), e a Farmácia Básica. Por último, ampliou-se o convênio com o Fundo Nacional de Saúde.



Figura 14: Hospital Municipal de Santo Antônio de Goiás.
Fonte: acervo particular Daiane Tonaco.

Segundo Borges (2005), neste período, adquiriu-se um ônibus monobloco, duas Kombis, um caminhão caçamba, dois veículos gol e dois tratores, os quais possibilitaram, não só o transporte universitário e, como também a melhoria do transporte escolar rural. Ainda no setor de transportes, foram construídos mata-burros e estradas rurais. Cabe destacar como grande conquista na área do transporte, nesse pleito: a implantação do transporte coletivo integrado, ligando a cidade de Santo Antônio de Goiás ao terminal da Praça A em Goiânia. Isto facilitou o trânsito de trabalhadores, estudantes, enfim de toda a população da cidade, que passou a ter ônibus de hora em hora para Goiânia consolidando a proximidade, o vínculo, bem como a dependência com a capital.

Por volta de 1998, houve novas reformas no Estádio Antônio de Freitas. Construiu o muro e reformou o vestiário. Neste mesmo ano também se inaugurou o Ginásio de Esportes, construído com o apoio do Governo do Estado. Paralelo a isso, concluiu-se as obras da subestação da CELG, o que favoreceu a ampliação da rede elétrica na cidade. Ainda com o apoio e convênio com o Governo Federal construiu-se um reservatório de água tratada.

Neste período, foi adquirido também terreno na Vila Campus II, para construção de dez casas populares com auxílio do programa “Habitar Brasil”. Foi também adquirido e loteado um terreno, também na Vila Campus II, para doá-los a famílias carentes. Realizou-se também o asfaltamento do Setor Nelson Barnabé e a sede da prefeitura foi transferida para a Rua Bacuri, no Setor Vila Florença.

No âmbito educacional se realizou convênio com a UEG (Universidade Estadual de Goiás), para formar professores leigos. Foram construídas a Creche Municipal e a Biblioteca Pública Municipal Solana Alencar, como também uma unidade escolar com oito salas e outras dependências. Houve concurso público para contratação de professores.

Neste pleito edificou-se a estátua do Santo Antônio na entrada da Cidade. A esse respeito, Dna. I. P. S., comentou: “Foi realizada pelo prefeito José Cosme de Freitas, né. Isso aí tem um projeto que vai pra câmara e é aprovado né, mas a comunidade aceitou muito bem, foi trocado idéias, tanto que a praça da Igreja também tem um né. Que pegou muito bem”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Ibidem p. 71.



Figura 15: imagem do padroeiro da cidade, entrada de Santo Antônio de Goiás.
Fonte: acervo particular, Daiane Tonaco.

A cidade, portanto, tomou novas formas, elegeu seus símbolos, apresentando suas tradições, sua identidade. Ainda sobre a aceitação da estátua na entrada da cidade, Dna. I. P. S. completou dizendo: “Ah! com certeza, aquilo ali é um símbolo muito importante, foi muito bem a idé...a, idéia veio muito bem e você não vê ninguém criticar né. Quando o pessoal não aceita a crítica vem rápido né?”¹⁰⁵”

Nas eleições de 2000 houve um aumento considerável dos eleitores o que demonstra o crescimento populacional do município. Neste ano dois novos partidos disputaram as eleições, sendo eles: o PSDB representado pelo candidato a prefeito Sr. José Cosme de Freitas. e pela Sr^a. Maria Aparecida da Costa Santos, candidata a vice-prefeita, e o PPB, sendo o Sr. Osvaldo Santos da Silva, candidato a prefeito e Sr. Elmo Inácio da Silva seu vice. Nessa eleição, venceram os candidatos do PPB tomando posse, conforme ata de reunião, no dia 01 de janeiro de 2001, no Salão Paroquial na Praça Matriz. (SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS, 2001)

No mandato do Sr. Osvaldo Santos da Silva as obras e benefícios à população continuaram. Ampliou-se a Escola Municipal Santa Rita, com a construção de duas novas salas. Fundou-se o EAJA (Educação de Jovens e Adultos). Investiu-se também no

¹⁰⁵ Ibidem.

transporte escolar rural e universitário com a compra de duas Kombis, uma Van e três ônibus.

Ainda nesse pleito, foram distribuídos quarenta lotes a pessoas carentes¹⁰⁶. A Vila Campus II recebeu rede elétrica e água tratada. Houve a construção da sede da Prefeitura, conclui-se a câmara Municipal¹⁰⁷ e a praça do poder executivo na Avenida Modesto Vaz Machado no Setor Vila Florença.

Concomitante a isso implantou-se a sinalização do trânsito urbano, cerca de 30.000m² no setor Vila Campos III, foram asfaltados com auxílio do Governo Estadual e recapitou-se 2.000m² de outras ruas. Houve a reconstrução da ponte do Córrego do Meio e foi possível construir cerca de 1000 metros de rede fluvial na cidade por meio de um convênio com Governo Federal.

Implantado o Banco Postal junto aos Correios (ECT), outros benefícios sociais foram levados à população tais como: Banco do Povo, Bolsa Escola e Renda Cidadã.

Concluída a terceira ampliação do Hospital Municipal adquiriu-se aparelhos odontológicos, equipamentos e móveis para o mesmo. Em convênio com a OVG duas ambulâncias chegaram. Também foi conquistado um veículo da FUNASA para auxiliar no combate a dengue.

Nesse mandato construiu-se o monumento da Bíblia na entrada da cidade, paralelo à estátua de Santo Antônio. Edificando-se assim o cenário religioso o qual representava quase toda a população da cidade e particularmente Católica¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Esses lotes foram regularizados no mandato seguinte, nos quais o prefeito Lourival Vaz da Costa construiu 28 Casas entregues as famílias no final do ano de 2008.

¹⁰⁷ A câmara Municipal foi construída pelos vereadores, sendo seus principais representantes: Sr. Francisco Teodosio da Silva (administração 1997 a 2000), e Sr. Osmar (administração 2001 a 2004).

¹⁰⁸ Alguns interpretaram tal cenário a partir do conflito, outros apenas vêem a existência e afirmação de ambas comunidades religiosas e outros o percebem através da simples convivência entre elas.



Figura 16: entrada da cidade.

Fonte: acervo particular, Daiane Tonaco.

Vários depoentes expuseram suas opiniões sobre a estátua de Santo Antônio e a Bíblia na entrada principal da cidade. Tentaram explicar seu ponto de vista. D. R. M. S. ao falar do significado desse cenário disse:

É porque a Bíblia, que... na época que eles colocaro aquela estauta, é...foi o catolicismo que coloco a estauta e a Bíblia foi a pessoa crente. Um que morreu agora pouco, Osvaldo, então ele é crente, e ele a bíbrico da Assebréia. Então ele acho por bem coloca a Bíblia na Entrada que tá a estauta de Santo Antônio, que num disfeiz dela né, mas também num aceita né?¹⁰⁹

O Senhor J. Q. assim comentou sobre o trevo da cidade:

É tradição ter essas imagens em todas as cidades, lembrando normalmente o santo padroeiro da cidade, isso numa cultura de alguns anos atrás, uma cultura brasileira, religiosa, quase unicamente católica, hoje já, as cidades são bem diferenciada na opção religiosa, então tem várias igrejas, várias religiões, hoje já, as cidades são bem diferenciada na opção religiosa, então tem várias igrejas, várias religiões, normalmente continua tendo o símbolo católico prevalecendo como o símbolo unitário da cidade, aqui em Santo Antônio, além da imagem que evidentemente é católica, imagem católica, mas tem também na entrada uma bíblia aberta com uma frase que caracteriza mais os evangélicos, então são dois símbolos de acolhida da cidade, é evidente que é importante, o povo precisa se identificar e se apresentar com uma certa honra, pro povo que só passa sabe que aqui é comunidade de Santo Antônio, aí futuramente ouve falar de Santo

¹⁰⁹ Ibidem p. 22.

Antônio, ah eu passei, eu vi, este santo esta bíblia identifica o povo que aqui residem¹¹⁰.

Sr. A. F. J. também comentou:

Dois símbolos religiosos né. Digamos assim, eu vejo com bons olhos, eu acho que é interessante, porque lá tá representando o... os católicos né. Fizeram primeiro o santo e depois no mandato do Osvaldo ele fez aquela Bíblia, então não tem problema nenhum, porque tanto um quanto o outro, tanto o católico quanto os evangélicos respeitam uns aos outros... Aqueles símbolos¹¹¹.

Dona I. P. S. assim se referiu a esses símbolos:

É o símbolo da cidade né, por ser o padroeiro, então achamos por bem que colocasse ali. E a Bíblia veio depois no mandato do seu Osvaldo por ele ser evangélico né, ele opinou em por, em ter a bíblia lá na entrada, e ficou muito bom, e foi aceito por toda a comunidade, eu mesmo falei, não ficou muito bom o trabalho de todos dois, a comunidade aceitou e a palavra de Deus sempre faz bem né, pra qualquer pessoa que passar ali¹¹².

A partir de então percebe-se nas falas o conflito, a disputa por territorialidade religiosa que gerou a construção dos dois monumentos. Conflitos esses que de acordo com as falas de nossos depoentes são bem administrados pela população.

Novas eleições foram realizadas no ano de 2004, às quais concorreram duas chapas: uma do PPB, tendo novamente o Sr. Osvaldo Santos da Silva candidato a reeleição e como vice-prefeito o Sr. Marildo Vaz Machado, a outra do PL (Partido Liberal), tendo como candidato o Sr. Lourival Vaz da Costa (ex-prefeito) e o Sr. Antônio Cardoso de Moura, saindo vencedor o Partido Liberal com o Sr. Lourival Vaz da Costa. Conforme ata de reunião no dia 01 de janeiro de 2005, os vereadores, o prefeito, seu vice tomaram posse no Ginásio de Esportes da cidade. (SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS, 2005)

Em 2006, iniciou-se a construção da creche Escolar sob o regime de execução indireta, sendo que em 2008 essa obra foi inaugurada. Neste mesmo período iniciou-se a construção de 28 casas populares, entregues em outubro de 2008.

¹¹⁰ J. Q. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 17/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 110 min.

¹¹¹ Ibidem p. 79.

¹¹² Ibidem p. 71.

Outras obras também foram iniciadas em 2006 e 2007: construção de meio-fio, calçadas de passeio nas principais ruas do Setor Central e Vila Estrela, Aterro Controlado de Resíduos Sólidos e três salas de aula na escola municipal Santa Rita.

Em 2007, comemorou-se pela primeira vez e em grande estilo o aniversário da cidade, e nos dois aniversários, comemorados, da cidade, houve show da dupla sertaneja Guto e Leo como atração principal. A respeito disso sr. Lourival Vaz da Costa, relatou:

[...]graças a Deus nós com a ajuda de nossos acessores, né os secretários realmente conseguimos fazer uma bonita festa, assim que pra todo o povo de Santo Antônio viesse e participou e foi bom, a gente inclusive promoveu o chop churrasco essas coisa toda né, já e o ano passado 2008 a gente devido a própria intervenção das igreja pediu que não fizesse se entendeu? É, esse tipo de festa fazer a festa com desfile com né, outras show e etc, mas não distribuir cerveja e etc. porque ficaria ruim e assim nós fizemos ano passado a gente não distribuiu o churrasco e nem a cerveja¹¹³.

Sobre as atrações o depoente lembrou:

Na primeira foi de Guto e Leo. E tinha outro show, não sei de quem foi os outro que vieram. Eu acho que foram só, um um grupo que tem daqui em Santo Antônio tava se lançando na época,é foi Guto e Leo e esse pessoal que é da cidade. [...] A segunda festa, foi com, a não a primeira também teve Barnabé também que participou humorista né? É também na segunda foi Guto e Leo, porque eles, o pessoal gosta muito deles né? E também o pessoal da cidade¹¹⁴.

No ano 2008, construiu-se o centro poliesportivo na Avenida Pau-Brasil no Setor Vila Florença. Também neste, iniciou-se o Cemitério Municipal, na fazenda São Domingos, Setor Sul, o qual ainda não foi inaugurado. O local que foi escolhido para a construção do cemitério, adquirido através de permuta, pois a área pública destinada a sua construção não era propícia, assim após estudos realizados pela Agência Ambiental, verificou-se que a atual área era ideal. Como o cemitério ainda não foi inaugurado devido a alguns trâmites legais, os moradores recorrem a cemitérios de Goianira, Nova Veneza, Nerópolis, Brazabrantes e Goiânia.

Neste ano, houve reformas nos monumentos da Bíblia e do Santo Antônio na Entrada da cidade. Na Bíblia realizaram nova pintura e mudaram os Salmos. Na imagem do

¹¹³ Ibidem p. 79.

¹¹⁴ Ibidem.

Santo a artista local Nazareth Freitas esculpiu os três reis magos representando a folia de reis que é uma festa de tradição da cidade.

Em 2008, realizadas novas eleições, e nessa concorreram três chapas, a saber: a primeira do PR (Partido Republicano), na qual o Sr. Lourival Vaz da Costa se candidatou pela terceira vez para prefeito, e levou como seu vice o Sr. Celmés Carneiro Machado; a segunda do PP (Partido Progressista), Antônio Queiroz como candidato a prefeito e seu vice Claudio Machado; e a terceira do PSDB, tendo como candidato para prefeito o Sr. Antônio Carlos, conhecido por Toninho do Pitdog, e seu vice Valmerir.

Sendo reeleito Sr. Lourival Vaz da Costa e seu vice, estes tomaram posse no dia 01 de janeiro de 2009. Nesta gestão foi iniciada a obra de construção do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), e está sendo construída uma nova igreja Católica.

Mais uma vez, a prefeitura realizou uma nova reforma nos monumentos do trevo da cidade e mudou novamente os versículos da Bíblia. A respeito disso, Sr. Lourival Vaz da Costa explicou

É porque cada mandato você muda alguma coisa, então quer dizer, no mandato do Osvaldo aqueles dizeres, quer dizer representaria o mandato do Osvaldo [...] por exemplo ele é evangélico entendeu, então ele colocou, eu como eu sou católico, as vezes aquela mensagem que eu estou passando, não é o que eu gostaria de passar. Então isso existe. Agora essa que tá lá hoje por exemplo nem foi eu que pedi pra mudar.¹¹⁵

4.2 Crescimento Evidente – Pontos Positivos e Negativos

A cidade escolheu seus símbolos, construiu uma identidade e constantemente amplia sua estrutura e cresce cada vez mais. Os depoentes foram unânimes em reconhecer o crescimento urbano e o quanto a cidade melhorou após sua emancipação política. Sobre isso, Sr. Lourival Vaz da Costa afirmou:

Nossa, foi ótimo muito bom, pra você ter noção hoje graças à Deus nós temos a cidade é, tudo que uma cidade pequeno precisa ter pra que nossos cidadãos

¹¹⁵ Ibidem p. 79.

santoantonienses é unisse pra sobrevivência né? Hoje nós temos saúde 24 horas por dia, hoje nós temos o coletivo, nós temos educação, a prefeitura, nós temos creches, construímos aterro sanitário na gestão passada, construímos casas populares, eu já construí, eu construí no meu mandato trinta casas mais vinte e oito casas no verão passado e tamos com um projeto pra mais cento e cinquenta casas nesse mandato de dois mil e nove, dois mil e doze. E, quer dizer então eu acho que a telefonia né, hoje nós temos telefone em todas as casas temos é o telefone móvel né, que é o celular, então a melhoria foi muito boa e eu acho que o coletivo por exemplo, é antes de Santo Antônio ser cidade nós tínhamos ônibus que vinha de Nova Veneza passava por aqui uma vez ele vinha de manhã e a tarde voltava, hoje não, hoje tem coletivo de hora em hora, então, hoje por exemplo é na educação né, temos escola boa. Temos bons professores bons profissionais, além disso nós fazemos o transporte dos universitários pra Goiânia, que se vê, antes não tinha não tinha nada disso, e eu acho que foi uma evolução muito grande né. Administração realmente é, difícil né, mas se trabalhar com seriedade com honestidade e acima de tudo com responsabilidade consegue fazer algumas coisa¹¹⁶.

Sobre o crescimento da cidade Sr. Lourival Vaz da Costa disse:

Acrescentou pouco aumentou mais o Setor São Domingos, Setor Sul e Vila Campus II, né? Que já tinha a Vila Campus agora tem a Vila Campus II. Então foi isso que, inclusive nós fizemos com que isso acontecesse, segurar esse crescimento desordenado, desorganizado, da cidade porque se percebe por exemplo Trindade, Goianira, Aparecida, é, hoje Senador Canedo é, um crescimento desorganizado e isso traz um transtorno pra administração porque você não dá conta de administrar tudo isso aí, o crescimento porque como nós estamos no entorno de Goiânia, todo loteamento que abrir vende né? Só que muita das pessoas compram pra especulação, ele compra mas não constrói e aí fica pra prefeitura zelar do lote dele né, tem que roçar tem que manter a limpeza, iluminação pública então é muito difícil. Então a gente barro com o plano diretor até dois mil e dezesseis. Então só pode criar loteamento quando habitar 85% dos lotes já existentes, e aí nós já abrimos outro espaço, nós criamos um período de expansão urbana pra condomínio né! Com lote acima de dois mil metros e com isso já surgiu mais dois condomínios na cidade, tá previsto surgir mais dois quer dizer tem dois projetos sendo já preparados e dois já foram registrados¹¹⁷.

É notável a preocupação em conter o crescimento desordenado da cidade e, por outro lado, o incentivo a implantação de condomínios. O atual prefeito falou da existência de quatro condomínios¹¹⁸ e ressaltou a importância e os benefícios trazidos por esses, ao dizer:

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ Existem quatro condomínios, sendo eles: Residencial Califórnia situado na região sul da cidade na avenida Walter Carneiro Machado, Recanto de Itália, Recanto Sonhado II e condomínio Bela Vista, os quais ficam na expansão urbana do município.

[...] Então eu acho que é o seguinte o condomínio, ele só traz benefícios pra população, pra administração. É porque ele traz o emprego, é que normalmente as pessoas que compram lote no condomínio ele não compra pra morar ele constrói pra passar o final de semana e com isso ele tem o zelador, ele tem a doméstica né, e não traz é, esse desgaste que traz um loteamento normal né, porque lá se não tem que cuidar do condomínio, cuidar das ruas, cuidar da iluminação, o condomínio é que administra então a prefeitura é bem mais fácil dá emprego né, procura trazer emprego e não tem essa dificuldade que tem esses loteamentos normais aí de setores¹¹⁹.

Digno de nota é a nova tendência no crescimento urbano de Santo Antônio de Goiás. A cidade cresce mais para a região Sul o que conseqüentemente muda o centro da cidade, tanto é que está sendo construído uma nova Igreja Católica e ao seu lado há o projeto de construir uma feira coberta.

Muitos depoentes comentaram a importância de Santo Antônio se localizar próximo a Goiânia, porém alguns falaram dos pontos negativos. Muitos pensam que essa proximidade gera um certo comodismo em relação ao desenvolvimento industrial e comercial da cidade. Muitos até definiram a cidade como sendo “dormideira”, pois a maioria dos santoantonienses trabalham e outros estudam em Goiânia. Sr. O. C. F. comentou:

Uai, relação é muito... ligada né, porque hoje na verdade a, a, aumentaram, por causa da população que são funcionário lá na, em Goiânia né, eles saem daqui cinco hora, cinco e meia, seis hora e vão trabalha lá em Goiânia, tanto as mulher, quantos os, os homem né. Grande quantidade de pessoas que vai trabalha lá¹²⁰.

Apesar de muitos reconhecerem a fragilidade do comércio, do hospital e da educação no município, eles ressaltam que atualmente só vão a Goiânia se quiserem. Assim, Sr. O. C. F. afirmou:

Não, não, hoje em dia a gente vai em Goiânia se, se quiser ir, mais nó temos padaria, temos correio, temos ônibus de hora em hora, até, até, no começo do dia até de meia em meia hora, né, tudo isso melhorou. Porque quando a gente veio pra cá num tinha nem estrada, a gente gastava o dia quase a noite pra ir em Goiânia pra comprar um quilo de sal racionado, hoje, não, hoje quem quiser ir¹²¹.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Ibidem p. 24.

¹²¹ Ibidem.

Ao citar a denominação de Santo Antônio como “cidade dormitório”, Sr. A. F. J. afirmou:

É... não, eu não concordo não, porque é muita gente daqui trabalha mesmo em Goiânia, mas muita gente também trabalha por aqui, em Santo Antônio mesmo, trabalham nessas fazendas, chácaras, agora tem o condomínio Califórnia que dá muito emprego pra muita gente daqui também, então não é praticamente uma cidade dormideira¹²².

Na visão do entrevistado, considerando a instalação de unidades fabris na cidade, tem-se o seguinte relato:

[...] eu acho que o crescimento de Santo Antônio tá aqui na cidade mesmo, devido os políticos aqui que não buscam recursos pra cidade, e não trazem empresas, porque nós vimos aí outras cidades que emanciparam na mesma época, igual... é... Senador Canedo, quer dizer, Senador Canedo, emancipou na mesma época e cresceu muito, né, uma cidade grande hoje, em vista de Santo Antônio que desenvolveu muito pouco, porque eles não trazem, os políticos daqui não trazem recursos pra Santo Antônio¹²³.

Outra questão elucidada pelos depoentes foi o fato de a cidade não ter indústrias, devido à proximidade com a capital do Estado, que abarca um considerável número de unidades fabris. As causas da não industrialização do município são identificadas no discurso do Sr. Lourival Vaz da Costa, a saber:

É porque Santo Antônio o município é pequeno, e como ele é pequeno e tem várias nascente, se entendeu? É complicado, eu por exemplo já consegui de várias empresas de vir pra cá no ano de dois mil de seis, dois mil e sete né? De dois mil e cinco, só que quando você vai locar essa empresa o próprio meio ambiente te barra porque ocê não tem uma distância da nascente, não tem, então quer dizer detalhe que é previsto na legislação e que as vezes se não tem como¹²⁴.

Entretanto, a maioria da população se sente privilegiada por morar em uma cidade que fica a 18Km de Goiânia. Dona I. P. S. pondera:

Boa, muito boa, às vezes o pessoal reclama, mas eu vejo Santo Antônio praticamente como um bairro de Goiânia, porque dependendo do bairro que morar em Goiânia, morar em Santo Antônio, somos agraciados de ser santo

¹²² Ibidem p. 79.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Ibidem p. 79.

antoniense, porque uma cidade a cerca do centro aqui em Santo Antônio tem 21 km, da avenida Goiás aqui, a gente tem coletivo toda hora, se você tá de carro próprio é 20 minuto e não precisa de você correr muito né, então nos somos agraciados de morar tão perto da capital, tem seu lado bom, mas tem também o seu lado ruim, mas o pessoal tem que conscientizar que o progresso tem seu preço, as mudanças virão junto com o progresso, a radicalização, a violência vem junto com o progresso, porque nos mora perto da capital, uma capital muito desenvolvida, porque Goiânia, ela foi planejada pra 50.000 habitante, hoje ela tem mais de 1.000.000 né, tá caminhando pra 2.000.000 de habitante e não foi planejada pra isso, como Santo Antônio também não foi, porque você pode ver o centro da cidade que praticamente o prefeito futuro de Santo Antônio e desapropriar, assim como nos temos problema com a paróquia era desapropriar os morador, mas como você desapropria uma pessoa que foi o fundador, como existe aqui pessoas que fundo, que criou sua família, como é que você vai desapropriar uma pessoa dessa, então o progresso tem seu preço mas a cidade cresce e desenvolve junto com esse progresso¹²⁵.

Porém, a depoente também citou o outro lado dessa proximidade com a capital:

Vejo, por um lado é ruim a cidade pequena ser muito perto da capital, porque você vê, cidade muito perto da capital a pessoa fala assim, não, vou comprar em Goiânia, lá é mais barato, lá tem promoção, lá tem isso, o fato também das pessoas não procurar a indústria aqui pra Santo Antônio é o fato de ser muito perto, é igual eu to te falando, tem o lado bom e tem o lado ruim, a gente ganha por um lado e perde por um outro, porque você vê cidade mais longe que Santo Antônio que tem hoje que tem indústria, você Goianira, ela tá no ranking internacional de calçado, ela tá exportando calçado pro Estado Unido, participa da maior feira nacional de calçados, é porque ela é mais longe que Santo Antônio, mas tem o lado bom que nos tamo perto, a vinculação de Santo Antônio a Goiânia é muito rápido, por um lado a gente perde, em termo de tratamento de saúde é bom, a faculdade, os alunos que estuda na faculdade, mas tem os lados que nós perdemos também¹²⁶.

Com todas as mudanças e melhorias que a cidade teve após a emancipação, ela ainda precisa melhorar a educação, ampliar o comércio e trazer indústrias. No entanto, a prefeitura tem o projeto de implantar um pólo de confecção na cidade. De acordo com as palavras do Sr. Lourival Vaz da Costa:

O que nós estamos trabalhando hoje por exemplo, é no sentido de criar um pólo de confecção porque não polui e com pequeno espaço você vai ter um monte de pequenas empresas, e se quebra uma pequena empresa, por exemplo se você tem cinquenta vai ficar quarenta e nove. Aí se você traz uma empresa grande não ficou nenhuma. Então esse é uma forma que a gente pensa e nós estamos trabalhando nesse sentido né. A assistente social preparando as mulheres até homens também que se interesse pra trabalhar na confecção, então esse é uma direção que nós estamos tendo e nós já inclusive estivemos com o secretário de

¹²⁵ Ibidem p. 71.

¹²⁶ Ibidem.

indústria e comércio já no sentido de trabalhar em cima desse pólo de confecção. Se Jaraguá deu certo porque que em Santo Antônio não pode dar?¹²⁷

Após todas essas mudanças a cidade atualmente conta com um hospital, um posto de saúde, uma escola estadual, uma escola municipal e uma escola particular. A Escola Estadual Padre Alexandre até o ano de 1980 apenas oferecia o Ensino Fundamental, porém em outubro de 1981, segundo consta nos arquivos da Unidade, o Secretário de Educação Estadual (Deputado Adjair de Lima), por meio da Portaria nº 1962/81, implantou a 2ª Fase do antigo 1º Grau, ou seja, o ensino de 5ª à 8ª Série do Ensino Fundamental de forma gradativa: 1982 – 5ª Série; 1983 – 6ª Série e assim sucessivamente.

Em 1985, Sr. Carlos Alberto Guimarães, Superintendente de Assuntos Educacionais, autorizou a implantação do curso de Ensino Médio de forma gradativa, por meio da Portaria nº 174/85. Assim em 1986, implantou-se o 1º ano, em 1987 o 2º ano e em 1988 o 3º ano. No ano de 1986, após a implantação do 1º ano do Ensino Médio na Escola, foi assinado a Lei nº 9.977/86 pelo Ex. Sr. Iris Rezende Machado (nessa época Governador do Estado), criando vários estabelecimentos de ensino, dentre elas o Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes. Nesse período foram liberados recursos para a ampliação do prédio e para contratação de mais funcionários. Conforme Borges (2005), iniciou-se a ampliação de três salas de aula, reformou as outras dependências e quatro salas. Ele afirmou:

Houve um grande avanço na área educacional de Santo Antônio, o que chamou a atenção de novos imigrantes, passando a fazer parte desta comunidade, reforçando mais a luta em defesa da educação. Os pais assistiram com entusiasmo a formatura dos primeiros alunos a concluírem o 2º Grau, do Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes. (BORGES, 2005, p. 52)

Segundo o autor em 1988, a primeira turma concluiu o antigo 2º Grau nesta escola. Por volta de 2000, o Colégio passou por uma nova reforma e ampliação, pois com o aumento populacional e a criação de projetos, cursos, a unidade escolar necessitava de novas salas, enfim, de uma nova estrutura. Borges escreveu:

Com o aumento da população estudantil e a criação de vários projetos, programas, cursos, etc., e a precária condição de funcionamento da parte física do prédio, o Exmo. Governador Marconi Perillo, se sensibilizou e autorizou a reconstrução e ampliação do Colégio, sendo inaugurado no ano de 2001. O

¹²⁷ Ibidem p. 79.

prédio passou a contar com: 09 salas de aula, biblioteca escolar, sala dos professores, diretoria, secretaria, cozinha, sanitários masculino e feminino, depósito de merenda, almoxarifado, área coberta, área descoberta, quadra simplificada, toda cercada com muro e infra-estrutura completa, campo soccer e um quadro de 48 funcionários. (BORGES, 2005, p. 53)

Durante a reforma que, segundo Borges (2005), durou quase dois anos os alunos foram deslocados para outras instituições de ensino, pois o colégio se esforçou para não prejudicar os alunos na sequência dos anos letivos. Atualmente, o Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes possui todos os recursos para atender a população santoantonense, funcionando nos três turnos regularmente.

Outra instituição de ensino público de Santo Antônio de Goiás, citado anteriormente, é a Escola Municipal Santa Rita, que após ser transferida da zona rural para a cidade em 1993 funcionou com apenas a pré-escola até 1995, quando conquistou autorização junto ao Conselho Estadual de Educação para implantar o Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série. Conforme Borges (2005), essa escola foi ampliada e reformada na Administração 1997 – 2000. Sobre isso, afirmou:

Com o crescimento da população, o aumento da procura por novas vagas e a carência de espaço físico que a escola apresentava, viu-se a necessidade de construir novas salas de aula para atender a demanda estudantil no município. Diante dessas necessidades o Prefeito Municipal na Administração 1997 – 2000, tomou a iniciativa de buscar parceria junto ao Governo Federal, recursos para a construção de uma nova unidade escolar que atendesse as necessidades. Neste mandato foi construído um prédio escolar com 08 salas de aula e demais dependência na Rua: Alves s/nº no Setor Nelson Barnabé, em uma área da Prefeitura, que veio a atender toda a carência de vagas e de espaço físico existente no município. (BORGES, 2005, p. 57)

Diante disso, percebe-se que a escola passou a funcionar em um novo endereço, ou seja, antes a escola Municipal se localizava no Setor Vila Florença, na Rua dos Angicos, atualmente se localiza no Setor Nelson Barbabé, na Rua Alves. Na administração 2001 – 2004 foi criado nessa escola o projeto EJA, bem como a construção de mais de 02 salas de aula. Atualmente a Escola Municipal Santa Rita possui 10 salas de aula e todas as dependências necessárias, oferece o Ensino Fundamental, o EJA (Educação Jovens e Adultos) e o Pré-escolar.

A escola particular existente no município oferece a educação básica nas modalidades de educação infantil e ensino fundamental até a 5ª série, sendo que essa foi

instalada em 10 de janeiro de 1997, com a denominação Gotinha Mágica, pela sua proprietária A. M. de S. tendo como primeira diretora C. P. de M. Nos aspectos físicos possui cinco salas de aulas, banheiros e dependências administrativas. Atualmente essa escola está sob a direção da professora T. X. M. dos P. e se localiza no mesmo lugar de antes Rua Rafael Vieira Qd- 6 Lt- 02.

O comércio gira em torno de cinco supermercados, panificadores, lan-houses, açougues, lojas de roupas, lojas de material de construção, restaurantes, sorveterias, bares e uma loja de móveis e eletrodomésticos. A cidade também conta com a Agência Rural, com uma Agência dos Correios, dois correspondentes bancários, um do Bradesco e um da Caixa Econômica Federal (Caixa Aqui).

Embora a cidade de Santo Antônio de Goiás tenha conquistado inúmeros benefícios tanto da parte do setor público e privado, ela ainda carece de melhoramentos tais como: rede de esgoto e cemitério público. Necessita também, de mais recursos para a área da saúde, tanto no que se refere aos recursos da estrutura física como os recursos humanos.

A cidade carece também de indústria de pequeno e grande porte para geração de empregos, pois a demanda por empregos na cidade é insuficiente tendo que a população recorrer à capital.

Na questão educacional a demanda por ensino de nível superior é grande, assim, há necessidade dessas instituições na cidade de Santo Antônio de Goiás, e também mais instituições, como a Embrapa - Arroz e Feijão, que absorvam um maior número de jovens para a escola profissionalizante (pesquisa e tecnologia), para terem ingresso no mercado de trabalho.

A cidade se desenvolveu em todos os seus aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais desde a sua formação como um povoado até os dias atuais como um município de um Estado promissor que é Goiás. Entretanto, percebe-se uma dependência da cidade em relação à Goiânia pelo fato desta situar próximo a Santo Antônio de Goiás.

De acordo com dados do IBGE o município de Santo Antônio de Goiás compreende uma área de 133 km², que corresponde a 0,04% do Estado de Goiás. Seus municípios limítrofes são: Brazabrantes, Goiânia, Goianira, Nerópolis e Nova Veneza. Localiza-se na micro-região e na meso-região centro goiano.

Ainda de acordo com os dados do IBGE no último censo realizado em 2000, a população era de 3.106, sendo 1.602 do sexo masculino e 1.504 do sexo feminino. Desse total 2.564 residem na malha urbana, sendo 1.315 homens e 1.249 mulheres. Na área rural viviam 542 habitantes, sendo 287 homens e 255 mulheres (IBGE, 2000).

Sua posição geográfica fica situada entre a latitude Sul 16°29'01" e longitude Oeste 49°18'40". Sua altitude é de 800 metros acima do nível do mar. Distância da capital do Estado 18 km.

Atualmente existem três instituições de ensino no município, sendo uma escola municipal, uma Estadual e uma escola particular. No que se refere à área de saúde existem um Hospital público e um posto de saúde. Na área de telecomunicações há uma agência dos correios, segundo dados da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - EBCT, de 2005. E de acordo com os dados da Agência Nacional de Telecomunicações em 2005 existiam 584 telefones fixos na cidade. Porém no ano de 2009 foi instalada uma torre da empresa de Telefonia Oi, para telefones móveis.

Na área da Segurança pública existe apenas uma subdelegacia com oito policiais e um subdelegado. Tendo como delegacia Jurisdirecionada à de Anápolis. No que refere ao fórum este se localiza em Goianira, portanto, a Jurisdição é da comarca de Goianira. Embora o setor de segurança pública tenha um reduzido contingente destacamento policial, a cidade não apresenta índices alarmantes de violência.

Como o cemitério da cidade ainda não foi inaugurado¹²⁸, as pessoas recorrem aos municípios mais próximos para enterrar seus mortos.

Desde 1999 existe uma ONG na cidade, denominada Casa de Solana. Sobre sua instalação Dona M. T. A. A. S. explicou:

Bom nós começamos em maio de 99, eu sempre tive vontade de fazer um trabalho social, sempre tive vontade, eu já fazia antes lá onde morávamos e não tinha dado muita oportunidade, mas eu tinha esse projeto em mente, aí foi uma época que aconteceu uma coisa muito difícil na minha vida que foi o falecimento da minha filha né, morreu atropelada e pensamos assim, este é o momento né, alguém veio nos falar sobre o seguro DPVAT e pra gente não interessava isso aí não, interessava a nossa menina né, mas aí pensei na hora e disse: "É Toim nós podemos receber esse seguro e criar qualquer coisa, fazer qualquer coisa aqui" e reuni com amigos, fiz umas propostas pra gente fazer alguma coisa que não tava bem claro o que seria né, mas alguma coisa ligada a prevenção ao alcoolismo, a

¹²⁸ Segundo o prefeito, Sr. Lourival Vaz da Costa, o cemitério não foi inaugurado porque aguarda liberação, para uso do solo, da Agência Ambiental.

gente queria trabalhar com crianças mesmo e com adolescentes aí na época pessoas dependentes de álcool, familiares de pessoas assim vieram nos procurar e eu digo parece que já tá tomando um outro rumo também dá pra gente envolver também adulto. Ficamos até o final do ano só em reuniões, discutindo a relação do alcoolismo, estudando, discutindo questões das pessoas, das disponibilidades, do local e tudo mais e no final do ano eu comecei um trabalho, mas eu comecei sozinha com quarenta crianças e não foi lá um sucesso, ficamos mais um tempo e no ano seguinte, no ano de 2000 já no segundo semestre de 2000 meu marido e eu resolvemos começar o trabalho na rua mesmo, aí fomos nas casas, visitamos as pessoas, as famílias, falamos sobre nossa proposta e começamos um processo de construção com o dinheiro do DPVAT, fizemos o alicerce, ele ficou literalmente enterrado no alicerce e o resto foi campanha, doações, as pessoas simpatizaram com o projeto, vinhas ajudas de diversas formas¹²⁹.

Segundo a depoente o trabalho social que a ONG – Casa de Solana promove com a sociedade de Santo Antônio de Goiás é voltado para a prevenção e conscientização. Em seu dizer:

É fazer a parte de prevenção, nós trabalhamos com as crianças, os valores humanos, nós somos ecumênicos não enfocamos nenhuma religião específica, nem um partido político, mas nós trabalhamos com as crianças em questão de valores humanos né, melhorando o mundo, melhorando o comportamento de cada um, melhorando o comportamento das pessoas a partir de propostas novas, propostas que já foram antigas que hoje tá fora de moda que hoje as crianças não conhecem, tipo músicas diferentes, valores diferentes, educação ambiental, educação social, a convivência com outros, então é mais essa área de prevenção mesmo¹³⁰.

A economia da cidade é impulsionada pela Agricultura e Pecuária. No entanto, não há registros de indústrias de transformação na cidade o que faz com que os empregos se restrinjam ao pequeno comércio¹³¹ na área pública e sobretudo a EMBRAPA – Arroz e Feijão. Porém os Santoantonienses superaram a escassez de trabalhos na cidade, buscando trabalho na Capital do Estado.

No que se refere aos transportes, viu-se que há uma linha de ônibus do Rápido Araguaia integrada, que vai da cidade ao Terminal da Praça “A” em Goiânia. Essas são de hora em hora, exceto nos horários de pico que tem ônibus a cada meia hora. O que facilita o trânsito de trabalhadores, estudantes à capital.

¹²⁹ M. T. A. A. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 24/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 23 min.

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ Conforme o Dossiê de Goiás, a agricultura representa 56,3% da arrecadação municipal, tendo louvaras, de milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar, mandioca, laranja, banana, tomate e café. O comércio representa 27,77% e a pecuária 10,89% da arrecadação.

Na pecuária o rebanho bovino contava em 2004, segundo dados do IBGE, com 16.845 cabeças. O rebanho suíno 1812. E o rebanho avícola com 856.600 e 1646 cabeças de vacas leiteiras. Assim a produção de leite é sumária e significativa para a região.

No que se refere aos estabelecimentos comerciais cadastrados na Secretaria da Fazenda em 2005, existem apenas sete, sendo cinco de micro porte (quatro caracterizados como sendo de produtos alimentícios e um de perfumaria, sabões e velas), e dois de pequeno porte (um imobiliário e uma perfumaria). Não há registros de distritos indústrias na região.

Viu-se nesse capítulo que Santo Antônio de Goiás após a emancipação política passou por importantes transformações sociais e econômicas. Essa emancipação redundou na rápida melhoria de infraestrutura para o município de Santo Antônio de Goiás, melhorias que foram desde o asfaltamento de vias públicas marginais até a elevação do posto de saúde em hospital municipal.

Foi instalada a escola no centro urbano a partir da transferência da escola rural. Consequentemente providenciou-se o transporte para atender as crianças residentes na região rural. A escola Padre Alexandre de Moraes também foi reformada para atender a demanda por acesso ao ensino.

Outra inovação na infraestrutura da cidade foi a instalação do posto do correio, do banco e de um posto da agência rural, quer dizer, de postos de referência para o desenvolvimento econômico, de comunicação e burocrático da cidade. Também é de crucial importância enfatizar a conclusão do asfaltamento da GO – 462, que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás e municípios limítrofes. Concomitante à instalação destes serviços foram também escolhidos os símbolos cívicos do município, como a sua bandeira. Ressalta-se também que tais símbolos louvam tanto as peculiaridades locais, como a economia baseada na agricultura e na pecuária. Neste sentido, a bandeira traz como símbolos tanto as figuras de um boi e de um ramo de arroz, quanto a própria GO – 462 destacando a importância desta via para a economia do município. Estes símbolos estão ligados a um outro elemento simbólico da fé regional que é a estrela que representa a festa folclórica da folia de Santo Reis.

Posteriormente construiu-se outros símbolos como a imagem do Santo Antônio e o monumento da Bíblia, ambos às portas da cidade que afirmam a forte influência da religiosidade na construção identitária deste povo, bem como a disputa por territorialidades.

Portanto, percebe-se, uma gradual, porém, constante tendência do município de Santo Antônio de Goiás a urbanizar-se sem, no entanto, perder os traços de uma cultura tradicional fundamentada na religiosidade que organiza, não apenas a distribuição territorial mas também os sentidos cívicos de seus habitantes. Prova desta permanência do sagrado na organização territorial e cívica da cidade, é a também simbólica mudança do templo da igreja católica para o atual centro geográfico de Santo Antônio de Goiás.

CAPÍTULO V:

AS COMUNIDADES RELIGIOSAS E SUAS TERRITORIALIDADES EM SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS

Nesse capítulo aborda-se a consolidação e a articulação dos territórios religiosos em Santo Antônio de Goiás. É analisada a presença dos evangélicos e de outras denominações religiosas em territórios marcados pela hegemonia católica.

5.1 Os Católicos e seus Espaços

De acordo com o senso comum, território se refere a um espaço qualquer, geralmente marcado e defendido, espaço de sobrevivência de um grupo ou pessoa. O território contribui, por sua vez, para a criação destas "especificidades". Serve para confortar, pelo sentimento de pertencimento. Ele ajuda na cristalização das representações coletivas e símbolos que se encarnam em altos planos de significado. De acordo com Raffestin (1993), o território pode ser definido como uma reordenação do espaço no qual a ordem está em busca dos sistemas informacionais dos quais dispõe o homem enquanto pertencente a uma cultura. O território pode ser considerado como o espaço informado pela semiosfera.

Seguindo esta linha de raciocínio o território é construído no jogo entre o material e imaterial, funcional e simbólico, ou seja, como resultado da apropriação do espaço, contudo uma valorização simbólica e identitária. Para Haesbaert (2006), o território é derivado da apropriação de um dado segmento de espaço por um grupo social que nele estabelece relações políticas de controle ou relações afetivas, identitárias de pertencimento.

Diante disso, espaço, segundo Haesbaert, é a dimensão concreta em que se desdobram os processos sociais e que proporciona uma melhor percepção da real intensidade das mudanças. Sendo assim, é por meio das relações sociais e de poder que o território se constitui, porque a partir do momento em que um “poder” escolhe e ocupa um espaço, ele o transforma em benefício próprio instituindo até seu domínio e formando e

estabelecendo seu território. Com isso percebe-se que a característica fundamental do território, e o que o diferencia do espaço é a existência, e, sobretudo, a ação de um poder de dominação sobre um espaço.

Considera-se o conceito de território¹³² a partir de uma perspectiva relacional do espaço, pois visto dessa forma, ele está inserido dentro de relações social-históricas, ou ainda de relações de poder. Entretanto, nossa noção de território não despreza sua dimensão simbólica e cultural. Sobre isso compartilha-se com Haesbaert (2006) o modo de ver e analisar o poder e suas implicações:

O poder não pode de maneira alguma ficar restrito a uma leitura materialista, com se pudesse ser devidamente localizado e “objetificado”. Num sentido também aqui relacional, o poder com relação, e não com coisa a qual possuímos ou da qual somos expropriados, envolve não apenas as relações sócias concretas, mas também as representações que elas veiculam e, de certa forma, também produzem. Assim, não há como separar o poder político num sentido mais estrito e poder simbólico. (HAESBAERT, 2006, p.93)

É com essa perspectiva que trata-se dos chamados territórios religiosos em Santo Antônio de Goiás. Em geral os grupos católicos são identificados nessa cidade por meio não só dos cultos, mas principalmente das festas religiosas, as quais são tradicionais na cidade e na sua espacialização. Essas festas são: de São Sebastião, São José, Novena de Nossa Senhora das Graças, Festa Tradicional de Santo Antônio (Alvoradas, Quermesses, Celebrações e Leilões), Festa de São Vicente de Paula, Novena de Nossa Senhora da Conceição, Novena de Natal e as Folias dos Santos Reis. Sobre essas festas religiosas que ocorrem durante o ano todo, Dona. I. P. S., explicou:

Eu começo pro cê de Janeiro e vou até Dezembro, a primeira Folia que tem aqui ela sai dia 1º de Janeiro e termina dia 06 de janeiro que é dia de Santo Reis. Aí quando termina as Folias vem as Festas de São Sebastião que é nas casas né, ela acontece assim, na primeira semana, porque é nove dias de novena, termina por volta do dia 18, dia 20 é dia de São Sebastião. Aí vem as festas de São José que é em Março, ela começa no começo do mês, dia de São Jose é dia 19 de março, aí vem maio que é o mês de Maria, a gente faz também as novenas nas casas, essa começa dia primeiro a dez de maio, aí começa junho, Santo Antônio, de 05 a 13, de 05 a 15, terminando agora o Santo Antônio, aí tem os terço tem tudo, aí vem

¹³² Utilizou-se de uma conceituação ampla, pois a utilização de uma conceituação estreita poderia excluir aspectos de importância ou distorcer os resultados, tendo em vista que a realidade pesquisada é diversa. Depois de examinar as perspectivas existentes, selecionou-se a que pareceu mais de acordo com tais objetivos.

Setembro que é a festa de São Vicente de Paula, São Vicente de Paula é dia 27 a gente faz a festa sempre pra terminar perto, aí quando termina a de São Vicente de Paula vem as novenas de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Conceição é dia 08 de dezembro a gente faz também pra terminar aí vem a novena de Natal, que a gente faz nas famílias, a gente faz arrecadando alimento, ela acontece, termina dia 23 de dezembro, aí começa a folia de dezembro, ela sai dia 25, tem outra, uma que sai dia 18, aí sai a do dia 25 e termina dia 30, e tem as festas do Benedito, a folia de São Benedito em maio, São Benedito é dia 13 de maio, então eles fazem ela pra terminar sempre perto, são as festas religiosas que a gente tem aqui em Santo Antônio¹³³.

Um dos elementos de coesão e de identificação do povo santoantoniense são as festas religiosas, as quais foram realizadas e vivenciadas pela comunidade desde os tempos da fazenda São Domingos. Essas comemorações foram incorporadas às tradições da nova cidade, fizeram e ainda fazem parte do cotidiano dos indivíduos e do calendário da cidade, pois servem como memória do presente trazendo todo um passado de valores e de normas que regulamentam em sintonia a convivência do grupo.

Então, a importância das festas religiosas para que o grupo se mantenha unido, alimentando não apenas as tradições religiosas, mas a história desse povo é muito importante, e essencial para que o grupo se identifique no tempo e no espaço como cultura única.

Outro autor que elabora uma noção integradora de território é Joel Bonnemaison o qual afirma que “o território é primeiro um valor”, e que esse está associado tanto à função social quanto à função simbólica. De tal modo, Bonnemaison não separa a idéia de cultura, traduzida em termos de espaço, da idéia de território, pois segundo ele é a partir da existência de uma cultura que se cria um território, e esse por sua vez fundamenta e exprime a relação simbólica entre a cultura e o espaço. No entanto, não exclui a função política e as relações de poder presentes no território. Sobre isso Bonnermaison comenta: “... o território responde a duas funções principais uma de ordem política – a segurança -, outra de ordem mais especificamente cultural – a identidade.” (1982, p.105).

A cidade passou por transformações sociais, culturais e econômicas ao longo do tempo, mas suas tradições religiosas foram mantidas e preservadas. As festas na cidade de Santo Antônio de Goiás são momentos de muita alegria, onde a maioria da população participa seja colaborando ou simplesmente frequentando.

¹³³ Ibidem p. 71.

Durante as festas religiosas em todo o ano, as emoções ficam afloradas em meio à multidão que louva, agradece, sorri e chora de tanta felicidade em estar comemorando mais um ano o Santo Padroeiro, os Santos Reis, dentre outros. As festas, geralmente, são simples e contam como já mencionamos com a colaboração de toda a população, que as transforma em um evento grandioso e representativo para a cidade. As festas, que ocorrem em Santo Antônio de Goiás, só atingem a dimensão que possuem por causa do povo. Dona I. P. S. afirmou:

O momento das festas é o momento de encontrar com as pessoas, de você conversar, você senta numa mesa, bate um papo com ele. Hoje, no mundo da depressão, no mundo da tristeza, no mundo de tanta coisa ruim, a pessoa vai ali para uma quermesse ele sente bem, ele dança, ele conversa¹³⁴.

Nestas palavras da depoente as festas religiosas não têm só caráter religioso, mas vêm reafirmar que os rituais como categoria do fenômeno religioso possuem significados sociais. Transmitem e reproduzem valores culturais. É através da ação de um rito e no caso em questão, o ritual das festas religiosas permite que o indivíduo ou o grupo re-elabore suas experiências sociais e culturais.

Segundo Brandão (1989), as festas religiosas são divididas em duas partes: a parte sagrada e a profana ou festiva. A segunda parte é, segundo Brandão (1989), tão importante quanto a religiosa: “o devoto, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpas a outros jogos de sedução” (Brandão, 1989, p. 13). Isso é reafirmado pela depoente:

Então por isso que a gente faz primeiro a missa, a missa visitar o Santíssimo, receber a eucaristia. Ele vai na Igreja primeiro, então eu vejo bom, tem que fazer mesmo as festas, é louvado, as pessoas tem que participar, trabalhar em cima de segurança pra que não aconteça nada de ruim. Cada dia mais vai crescendo, é porque o povo gosta¹³⁵.

¹³⁴ Ibidem.

¹³⁵ Ibidem.

As festas religiosas animam a população e ao mesmo tempo constituem a referência dos santoantonienses. A partir dessas festas o povo demonstra sua religiosidade popular. Sobre isso, J. Q. ressaltou:

O que é importante é que se percebe o povo *está se sentindo agarrado a essa religiosidade*, isso é fundamental. Considero sim um povo extremamente religioso, não porque eu possa julgar se é mais ou menos religioso, mas porque eles sentem que esses valores fazem parte do histórico de vida da comunidade, *da cidade como cidade*, mesmo que as expressões a deixem diferente. Pode ter expressão evangélica, ou expressão católica, ou expressão de outras denominações, *mas todo povo sente*, percebe que expressar, *mostrar que precisa viver*, desenvolver nesta religiosidade (Grifos da autora)¹³⁶.

As festas religiosas são muito tradicionais, na região Centro-Oeste, região em que se localiza a cidade de Santo Antônio de Goiás, cuja população é por tradição católica, e os seus rituais, rezas e louvores, permitem aos indivíduos se relacionarem entre si, praticar sua fé e, sobretudo manter sua tradição religiosa. Em geral, as festas são momentos de muita alegria, nos quais a maioria da população se envolve, colabora ou simplesmente frequenta. Nessas festas percebe-se o quanto são solidários, humildes, alegres e perseverantes diante das dificuldades do dia-a-dia. Durante essas festas ocorre a celebração da vida, ou seja, uma forma de superar as dores, pois a vida constantemente impõe experiências dolorosas, mortes e perdas. Nesse sentido, quando se pode celebrar a vida e comemorar as superações, faz-se festa junto a comunidade. Essas festas também demonstram a influência da religiosidade na constituição do povo santoantoniense. A partir dessas práticas apreende-se os valores, os gostos e as crenças que imprimem uma marca.

5.2 Festa Tradicional do Santo Padroeiro

É tradição na religião Católica do indivíduo ter o santo ou santa de sua preferência ou devoção .

Nas cidades há um santo que se destaca, é o santo padroeiro. No Estado de Goiás muitas festividades são realizadas em homenagem aos santos e santas. Das festas

¹³⁶ Ibidem p. 109.

religiosas que acontecem em Santo Antônio de Goiás, duas movimentam e mobilizam não só a comunidade local, mas pessoas de Goiânia, Nova Veneza, Brazabrantes, entre outras cidades : A festa do Santo Padroeiro e as folias.

A festa do santo padroeiro da cidade acontece no início do mês de Junho e dura cerca de 9 a 10 dias. Quando essa festa se iniciou havia apenas missas e leilões e no último dia ocorria o baile. Posteriormente incluíram-se nela as alvoradas e as quermesses. À medida que a população foi aumentando a festa foi sendo melhorada e ampliada, o que foi confirmado pelas palavras da Dona I. C. da S., uma pioneira na cidade e nas festas: “Muita gente fala assim, ah! Aquela época era bom, mas eu acho agora melhor. Eu acho, o povo muito animado, todo mundo ajuda, todo mundo participa. Antigamente todo mundo participava, mas ajudar a fazer a festa era pouca gente né!¹³⁷,”

Diante disso, percebe-se que, à medida que a população se mobiliza e se compromete a ajudar na organização da festa, esta tende a melhorar e atingir maior número de participantes. Sobre a inclusão da Alvorada como parte dos festejos ao santo padroeiro, dona I. C. da S., explicou:

Colocou a alvorada assim, é eu fui festeira sabe, da festa de Santo Antônio, eu e o Lourival que é prefeito hoje. Aí, eu falei, vamos fazer uma alvorada, ele falou, vamos! Aí eu falei, mas a minha alvorada eu quero quatro horas da manhã, viu. O meu menino era pequeno, aí eu falei assim, tinha um porquinho onde era, de frente a praça, mas não tinha aquelas casas não, aí ele falou assim, nós vamos embora amanhã, aí eu falei assim, não vai não, tinha acabado a festa de maio, eu falei, não vai não, eu vou ser a festeira e eu queria acordar cedo, pra vocês me acordar quatro horas e eu quero quatro horas tá, então nós vamos ficar. Aí eles ficaram, aí quando foi no outro dia quatro horas da manhã levantei com meu menino e falei, vamos por um foguete ali, aí nós colocamos um foguete no pau, lá fora e corremos pra dentro, porque eu tenho medo. Aí soltou esse foguete, aí a Maria, disse que falou, vai Loro, aí ele, não vai deixar a madrinha Iulina sozinha. Aí eu fui mais o Alvaci pra Igreja e ninguém, abri a Igreja peguei o Santo e falei, Alvaci você vai levando a cruz e eu vou rezando, saí com ele e com a vela, um tanto de vela na mão, mas só com uma acesa, quando nós saímos na porta da Igreja cantando, aí o rapaz ligou o auto-falante e falou que a procissão estava saindo da Igreja, mas só eu e ele, mas aí quando chegou ali mais embaixo, ali onde é a praça já estava assim de gente, o povo veio todo mundo e foi bonito menina. Aí começou essa alvorada assim, e as quermesses foi quando eu fui festeira com o seu Divino Malaquias, aí eu falei, seu Divino vamos fazer uma quermesse, só que se tiver a quermesse não vai ter alvorada, eu não dou conta dos dois, de levantar cedo e a noite né. Aí começou a quermesse, aí pronto começou a quermesse dessa época e a alvorada também foi essa época¹³⁸.

¹³⁷ Ibidem 26.

¹³⁸ Ibidem.

Atualmente a festa do padroeiro é organizada pela comunidade sob a coordenação da Igreja. O festeiro que era o responsável tanto pela organização como pela realização da mesma conta agora com a colaboração de uma comissão, eleita pela Igreja. J. Q. forneceu mais detalhes:

Foi uma decisão, uma escolha anterior a minha chegada, mas eu divido todos os motivos. De fato a presença de um festeiro sobrecarga uma família e acaba se tornando diante do olhar do povo, acaba se tornando a festa do fulano, a festa do festeiro fulano e perde um pouco o sentido da festa do povo, da festa da comunidade, quando se tem um grupo de, uma comissão de articuladores, de coordenadores da festa, de festeiros vistos como equipes, como comissão. Dum lado é bem mais prático repartir os papéis, as tarefas, os compromissos que acompanham a festa e do outro lado é bem mais fácil repassar esta idéia de festa. Que a festa não é o festeiro, a festa não é comissão, a festa que faz de fato é o povo que sente a necessidade de encontrar, que sinta a beleza de partilhar, que sente a urgência de se apresentar com fé ao próprio Deus, ao próprio Santo e partilhar também a parte de sustentação da própria Igreja. Isso eu acho que esse ano está sendo analisado neste sentido, quem faz a festa não é nem a comissão e nem o festeiro, a prova é que a própria comissão que é a mesma que organizou a festa ano passado, no ano passado deu menos movimento, menos resultado econômico do que este ano, mas este ano o povo que participou que é eles que fazem a festa, se sentiu mais motivado por vários motivos, a construção da nova igreja, a chegada do novo padre, vários motivos concorreram para que o povo participasse, então a mesma comissão não conseguiu alcançar esse nível ano passado porque de fato não tinham esses motivos e hoje com esses motivos o povo mais motivado produziu uma festa mais participativa, mais resultado do ponto de vista celebrativo e do ponto de vista econômico¹³⁹.

Sobre essas transformações, o depoente completou:

A tradição que vem se perpetuando e que vem na medida do possível mantida é a tradição da festa, o que se perdeu é que no começo a festa das nossas cidades, das nossas comunidades, em nome do padroeiro, festa popular, alguém assumiu o serviço de coordenar o povo para que tudo de fato pudesse ser celebrado e aproveitado, as condições né, a participação de todos. O que se perdeu é que aos poucos o festeiro acabou se sobressaindo como imagem sobre a tradição da festa popular, então originalmente a festa era popular, o festeiro, acabou se tornando, por isso que o povo tá achando que tirar o festeiro e tirar a tradição, não. Tirar a tradição seria tirar o povo, mas o povo garantindo espaço, garantindo tempo, para o povo participar, para o povo se... pro povo fazer festa, é garantia de manutenção de tradição, ao contrário no nível que tinha chegado e que em muitas cidades chegou, o festeiro acaba se tornando o foco da festa e o foco da festa é o povo, a prova é que algumas cidades, em algumas cidades o próprio festeiro acha que com o dinheiro arrecadado ele pode determinar mais ou menos ou orientar pra onde será usado, a favor ou contra a comunidade e às vezes nem sempre as duas coisas combina, pensando essa é a festa do fulano, não, esta não é a festa de

¹³⁹ Ibidem p. 109.

ninguém, nem do padre, esta é a festa do povo que gosta do padroeiro, é a festa do povo que gosta de fazer festa¹⁴⁰.

Apesar das mudanças que a festa de Santo Antônio sofreu, os rituais possibilitam a repetição do passado, facultam à comunidade a manutenção da tradição, que é importante para a perpetuação da mesma. Ao ser indagado sobre os motivos da festa, o depoente explicou:

A festa todo ano se repita, a novena, com a festa e as quermesses é também uma tradição popular, interessante, o povo precisa, gosta e precisa de fato se encontrar, fazer festa. Celebrar a vida apesar das dificuldades, do desemprego, dos problemas que assolam a nossa sociedade, da droga, da violência, do medo, talvez mais ainda por isso também o povo precisa um pouco de se encontrar e celebrar festivamente tudo que é a própria vida, então de toda forma, a novena, a festa, as quermesses tem uma forma de celebrar a vida com um intuito de alegria, de felicidade, de juntar o que se tem de bom, nós juntamos como sempre nas festa este ano, demos alguns... coordenamos juntos com a comissão da festa, com a comunidade, com todos os grupos da comunidade, nós tentamos coordenar um pouco essa celebração de vida, não separando mas incluindo e incentivando bastante as celebrações religiosas, missa toda noite, dando temas em foco muito humanos e populares, rezamos, encontramos e celebramos a família, os jovens, os idosos, os doentes, foi bonito encher a igreja de doentes, de pessoas que foi, a comunidade foi convidada a suas casas para receber o santo óleo, para receber a benção, receber a benção não oração, na nossa solidariedade com eles, assim teve a noite também da juventude, da família, agora eu não vou me lembrar de todas, mas cada noite tem um tema, isso o povo sentiu que era importante apresentar a Deus e celebrar as vitórias e até as derrotas nos diferentes âmbitos que foram lembrados e celebrados¹⁴¹.

Sobre o conjunto de elementos e simbologias contidos nas festas, o depoente afirmou que todos os elementos celebrativos estão ligados e que constituem a festa do Santo Padroeiro. Em seu dizer:

Tem um grande, uma grande...uma grande conexão de todos esses elementos celebrativos. A festa começa às 05:00h quando se levanta, às 05:30h para participar da alvorada e vai até às 02:00h, 03:00h da madrugada. E tudo isso é um conjunto de elementos que constituem a Festa de Santo Antônio ou dos Padroeiros das outras cidades. Acabei de falar um pouco, só que mais da alvorada, do significado da alvorada, esta alvorada no fundo, chamada até procissão de penitência é um sair de noite, carregando nossas dores, por nossos parentes doentes, por nossos desempregados, os nossos problemas, carrega mas repito, acordando o povo não para chorar em cima do que tá, mas para olhar pra

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ Ibidem.

frente, e ali pra frente nos encontramos a noite as nossas celebrações, família que se olha pra frente, que se constrói, aí teve a missa dos jovens, a missa dos idosos tudo orientado, quer dizer, de manhã nós carregamos as dores, fazemos penitência, a dor da família, a dor dos doentes, a dor dos parentes, a dor do desemprego, a dor disso e daquilo, agora a noite nós celebramos a perspectiva e o compromisso futuro e nós descobrimos que isso é alegria, isso é vida, carregar as dores, é... celebrar o compromisso pra reconstruir os nossos dias, a nossa comunidade, o nosso município da missa e aí fazer festa, isso nos da alegria, aí tem festa até as 02:00 da madrugada, a perspectiva, dor... dor na alvorada, mas uma dor já orientada para a luz da ressurreição da vida, a missa que é justamente o compromisso com a ressurreição de Cristo, o alimento que nos fortaleça para construir e o festivo, a nossa vida é bonita, a nossa vida é alegria, mesmo tomando uma cervejinha nos no fundo estamos expressando isso. Então pra quem participa dos três elementos, alvorada, acorda povo que o nosso sofrimento pode ter solução, carrega a noite, enxerga o dia, celebra o dia que é Jesus Cristo na missa, na nossa comunidade, que é uma comunidade que se compromete com todos esses valores, com todos estes setores, com todos ambientes, hospitais... aí se for isso se formos autênticos, sinceros em celebrar, carregar as dores, celebrar a vida, aí celebramos, aí é alegria, vamos tomar uma cervejinha juntos, vamos confraternizar juntos, deixa a cervejinha, cancela a cervejinha, bota refrigerante, se não faz propaganda para a cerveja, vamos confraternizar juntos isso é bom. Aí você recomença um dia, nove dias assim, cada dia focalizando alguns aspectos fundamentais que mais necessitam de nosso compromisso, isso dá sentido à festa, esta minha, estou tentando expressar agora empolgação, esta minha consciência é o que o povo viveu, por isso que você percebeu que o povo chegou no final da festa fora de limite de alegria, sentindo que nunca houve uma festa assim, talvez porque percebeu que foi o conjunto todo que nos ajudou a entender vamos pra frente, tem muita coisa pra fazer¹⁴².

A festa tem momentos que transitam entre o sagrado (Igrejas – Missas, Alvoradas) e o Profano (Quermesses e Leilões). Ela se inicia com a alvorada (Procissão de penitência) e termina com a missa e a procissão.

A festa do Santo Padroeiro possui três momentos: a alvorada, a missa e a quermesse. Conforme o depoente, as alvoradas são importantes, pois acolhem o dia e isso tem alto teor bíblico e teológico. Ele expressou:

Senti algo da importância dessa alvorada, primeiro acolher o dia, é muito bíblico, muito teólogo, o dia, o amanhecer do dia é comparável ao amanhecer, ao ressurgir Jesus Cristo, Jesus Cristo é que passa da morte para a vida, celebrar essa vida que nasce e Cristo a ressurreição de Cristo cada dia de manhã na alvorada, porque nós comunidade precisamos renascer, precisamos ter na nossa frente um dia que se abre luminoso e é bonito durante a caminhada, porque começando assim também é escuro às 6:30 termina mais ou menos, e às 6:30 o sol já esta espontando, mas já é dia, então todo dia percebi que andamos, mas que nossa vida que está a frente e que lá na frente nos espera uma jornada bonita de sol, de luz. Este é o primeiro sentido que eu te expresso, um sentido, com sentido comparação a ressurreição de Cristo, que o povo não iria te dizer...mas

¹⁴² Ibidem.

no fundo te expressa isso, é vida, é... se abrir. Um outro sentido é que de fato nos não podemos caminhar sozinhos, nós precisamos unir, é... incluir toda a castidade, toda comunidade, não sei se você percebeu nos dias que você participou, cada dia ruas diferentes, foram feitas todas as ruas, passamos em todas as ruas, dentro de um raio acessível para caminhada de manhã dentro de uma hora, mas foi todas, só não chegamos no Califórnia porque é longe demais, mas até a Califórnia aquelas ruas passaram todas, até a viela onde inclusive a gente mora, e é costume todo ano passa, e é uma viela chega, não tem saída, tem que ir e voltar, foram e voltaram porque não podia deixar de visitar, de passar, de acordar, chamar para a vida, chamar para uma nova realidade todas as famílias da comunidade, isto é fundamental, tudo isso é expresso, né... se expressando de uma forma extremamente simples, popular, lá não tem padre que começa a missa em nome das... não lá é o povo que reza Ave Maria, que reza pelo meu parente, ontem fiquei sabendo que meu tio ficou doente, minha avó... quero aproveitar e rezar uma Ave Maria desta dezena... o povo é vida mesmo que é celebrado naquilo... é claro que a participação é limitada sobretudo a mulheres e relativamente poucas mulheres, digo quem já tem que sair às 05:00 horas da madrugada e nós encontrávamos o povo aqui esperando o ônibus às 05:00 da manhã, que sai às 05:00 da manhã não tem como participar, quem não participou no fundo representou aqueles que já estão no serviço que já estão na jornadas dele, aquilo foi muito... aquilo me conquistou, no fundo é até porque fiz questão de não perder uma, estão dimensão teológica traduzida numa prática, e tem também uma dimensão comunitária, chamar todo o povo a acordar, no fundo acaba se tornando um elemento religioso, solta o foguete enquanto reza Ave Maria, porque estamos acordando porque o dia bonito está nos esperando¹⁴³.

O costume é reunirem na porta da Igreja e depois saírem em caminhada. Há um roteiro diferenciado para cada dia da festa. No primeiro dia seguem até o trevo, rezam aos pés da imagem de Santo Antônio e depois circundam a Igreja. A caminhada é encerrada com um belo café da manhã. Neste ritual é que se reafirma e delinea o território religioso.

No segundo momento são realizadas as missas. Estas se iniciam às 20h e terminaram às 21h30min, sendo que cada dia um tema diferente é abordado com os seus respectivos símbolos. No primeiro dia: 05/08/2008, a “Missa da Comunidade”, com o Tema: “Discípulos e Missionários na Comunidade”. No segundo, foi celebração de “Maria, nossa mãe”, com o tema: Discípulos (as) com Maria. No terceiro, a “Missa dos Jovens”, com o tema: “Jovens em Missão”: Construindo o Novo. No quarto dia, a “Missa dos Enfermos” com o tema: Da cruz para a Ressurreição. No sexto dia, a “Missa Sertaneja”, teve como tema: Missionários na nossa Cultura. No sétimo celebrou-se o “Vicariato”, cujo tema era: Missionários em comunhão. No oitavo dia, a “Missa da Terceira Idade”, o tema abordado foi: Uma vida de fidelidade. No nono e último foi celebrada a “Missa Solene de Santo Antônio”, com o tema: Discípulos e Missionários com Santo Antônio.

¹⁴³ Ibidem.

Durante as celebrações foram enfatizados todos os grupos da comunidade de Santo Antônio de Goiás. Sobre tais temas e simbologias o depoente explicou:

Nós colocamos cada noite um tema, junto com o tema nós convidamos os grupos, as equipes de liturgia, os grupos de canto, a visibilidade também do tema através destes símbolos apresentados. Estes símbolos ajudam muito o povo a captar e lembrar a mensagem que a própria liturgia propõe através das leituras etc. As leituras bíblicas ou a explicação que o padre oferecer destas leituras são coisas que às vezes cai rapidamente no esquecido se é que às vezes o povo consegue acompanhar, muitas vezes não tá... não tão conseguindo entender a mensagem, essa mensagem bíblica traduzida em símbolos, em gesto, em danças etc, isso serviu sem dúvida, o povo achou interessante porque serviu para traduzir na prática os ensinamentos, os conteúdos mais profundos da liturgia, da bíblia, das leituras, etc, então teve por exemplo a noite que foi apresentado, os jovens apresentaram a construção de uma casa, comunidade, identificando nisso a comunidade, foi comparada com a maquete da igreja que também tava em exposição da nova igreja, aí o povo entendeu que era mais importante construir a comunidade feita de justiça, de valores, de paz, de entendimento, de diálogo, de solidariedade antes de pensar que com uma construção de uma maquete, a realização prática de uma maquete ou a construção de uma igreja possa nos ajudar a crescer, a igreja um dia construída será uma igreja sem valor, vazia sem nós, tudo isso falado, eles viram na fé, na maquete, pois não é isso que Deus quer por falado, não é a igreja que Deus quer, mas Deus quer a comunidade, essa comunidade vai trabalhar muito mais, lá é cimento, faz a campanha do cimento e arrecada, aqui tem que trabalhar em cima das pessoas, tem que trabalhar em cima do nosso caráter, tem que trabalhar na nossa formação, o povo identificou porque viu lá dois símbolos, o símbolo da igreja nova, e o símbolo da construção tijolo por tijolo da comunidade¹⁴⁴.

Após as missas iniciam-se as Quermesses que são realizadas na praça da igreja em uma tenda. Em volta da Praça também são instalados parques de diversões, barracas de bebidas e comidas. Durante as quermesses os jovens, assim como as crianças apresentam quadrilhas. São apresentados também shows de duplas sertanejas. Concomitante a esses eventos são realizados os leilões com o intuito de angariar fundos para a igreja.

As quermesses são realizadas do primeiro ao nono dia da festa. A observada por esta autora foi no ano de 2008. No sábado houve um show baile com a banda realce. No domingo o leilão acompanhado de um almoço foi realizado na chácara do Sr. E. e Dona C. da família Cardoso de Moura, onde se leiloaram diversos bezerros e vacas. À noite a Missa iniciou-se às 19h e no final a comunidade saiu em Procissão em louvor a Santo Antônio. A Procissão que começa na porta da Igreja percorre as avenidas principais da cidade. Durante a procissão o padre realizou comentários sobre os locais onde percorreu. Ele comentou:

¹⁴⁴ Ibidem.

A própria procissão que se encerrou, esta parte religiosa foi bonita, foi preparada para se ter algumas... paradas dentro da procissão, na frente da prefeitura lembrando o dever do poder público e atender nossas necessidades, na frente do hospital lembrando o compromisso de oferecer saúde a todos nossos doentes, junto com a parte religiosa nós encaminhamos também esse momento festivo, de confraternização, de encontro, é... se divertir mesmo, e isso também, visando um terceiro aspecto, visando também uma arrecadação em vista, com um objetivo específico, visando a construção de uma nova igreja porque a atual igreja não pode ser ampliada porque a situação logística, geográfica ao qual esta colocada e é pequena atualmente para atender as pessoas que participa, então estamos pensando em construir uma nova igreja e essa arrecadação vinda das quermesses, da festa de Santo Antônio será justamente orientada para o começo da construção dessa igreja¹⁴⁵.

A procissão, ao passar em frente a uma Igreja Evangélica, fez uma parada onde o padre que a dirigia pediu para que todos os fieis ali presentes rezassem pelos irmãos evangélicos e que esses fossem fieis na sua crença. Esta atitude do representante da religião católica vem reafirmar os conceitos dos autores analisados sobre a territorialidade, onde esta nada mais é que a reafirmação do poder e/ou da tentativa da mesma em continuar dominando através de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos para controlar um dado território. Ao pedir que os fieis rezassem pelos evangélicos utilizou uma estratégia de controle que é sempre vinculada ao contexto social na qual se insere.

Sobre as paradas J. Q., afirmou:

Nós fizemos também além de visitar a cidade como um todo, simbolicamente, em algumas vias e vielas e avenidas que passamos, além disto escolhemos alguns momentos, momentos na praça, demos uma parada na praça onde iremos construir a igreja e nos comprometemos a trabalhar conjuntamente, a construção da igreja e a construção da comunidade, foi um momento marcante, o povo percebeu que lá é o futuro nosso, construir uma nova igreja, bonita que possa ser, o nosso futuro é fortalecer a comunidade, aí passamos em frente a prefeitura, fizemos uma parada, não para criticar como muitas vezes fizemos, não para denunciar nosso... a nossa política, contrariedade ou afinidade, fomos lá dizer que Deus nos ajude a formar os nossos políticos, as pessoas públicas que de fato sejam capazes de orientar, de resolver os problemas da nossa cidade, aí paramos na entrada da cidade, onde tem a estátua como foi lembrado antes, estátua de Santo Antônio para que de fato, nos lembrar que santo Antônio acolhe, recebe quem entra na cidade, nós também sejamos acolhedores, um povo acolhedor, um povo que não recusa a ninguém, um povo que acolhe, simbolicamente uma entrada para acolher aqueles que durante o ano vão nos visitar, presentear com a

¹⁴⁵ Ibidem.

sua presença, ainda paramos na frente do colégio, na frente de um colégio que combinamos passar com a procissão, lembrando a fundamental importância da educação da nossa cidade e logo em seguida ali perto, paramos no hospital, na frente do hospital, tem poucos doentes e tal, mas o símbolo um pouco desse nosso compromisso de solidariedade, nós precisamos dizer como Jesus dizia aos doentes, “Levante, anda, a tua doença não existe mais, está curado”, nós que precisamos, com os instrumentos que temos ao nosso dispor que a ciência nos oferece e que as condições econômicas nos proporciona, nós precisamos dizer a mesma coisa aos nossos doentes. “Levanta-te, você não é mais doente”, e com os meios que temos, com o conhecimento que temos, com os médicos que temos, com a estrutura que devemos ter eu te digo, “Levanta-te, está curado, anda, vive, agradeça a Deus por isso, e no final, encerramos, ultima etapa evidente, terminamos na frente da igreja, não entramos porque era muito numeroso, mas na frente da igreja aí, para agradecer a tudo que aconteceu nessa festa, seja nas celebrações litúrgicas, seja nas quermesses, seja nos momentos de confraternização, de trabalho e de crescimento comunitário¹⁴⁶.

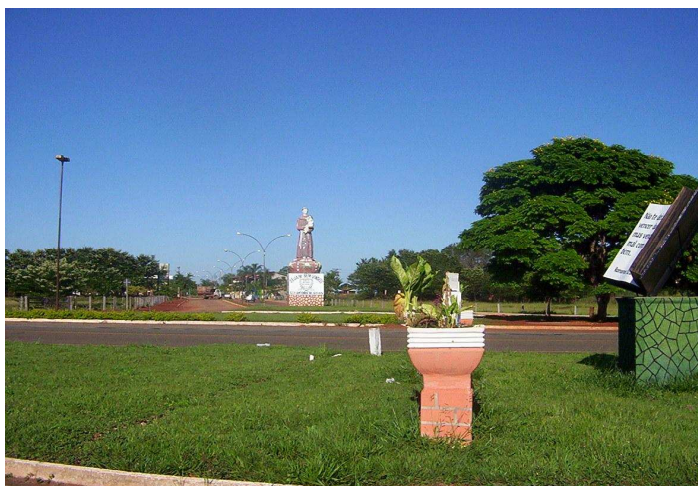


Figura 17: símbolos que constituem um cenário logo na entrada da cidade.
Fonte: acervo particular, Daiane Tonaco.

É por intermédio de seus geo-símbolos que a religião de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território religioso. Este conceito pode ser encontrado também nas ações do representante da igreja como pelos fiéis ao fazerem também uma parada no local da Nova Igreja Católica, onde a multidão estendeu as mãos pedindo bênçãos ao novo território. O território ajuda na cristalização das representações coletivas e símbolos que se encarnam em altos planos de significado. Este território é também um espaço de sobrevivência de um grupo.

¹⁴⁶ Ibidem.

5.3 As Folias

As folias são formadas por grupos de pessoas que se vestem de forma peculiar e saem cantando alegremente pedindo esmolas para os Santos Reis. Os foliões que percorrem regiões rurais e urbanas buscam donativos e outros objetos para serem leiloados durante as novenas.

Nesse sentido, outra tradição religiosa da cidade de Santo Antônio de Goiás é a Folia de Reis, ela é juntamente com a festa do padroeiro uma das mais celebradas na cidade. Referindo-se à importância da folia de reis o Sr. A. A. M. disse:

As tradições populares, a mais forte de Santo Antônio, eu falo assim, é a Folia de Reis. A Folia de Reis é uma das tradições mais fortes aqui. Eu acho interessante que muitos não vão na Igreja, mas vem na Folia de Reis. Não sabem da importância de uma Missa, não sabem a importância o que é ser igreja, mas é falta de catequese, evangelização. Então Folia de Reis é o Talismã, não é que a gente fala que tá entrando na idolatria, mas é como tivesse né, tem todo aquele culto, beijar a bandeira, ajoelhar, mas é... Entende porque é folclórica né. É devoção popular, é eles demonstrar esse carinho, talvez, até pra Deus mesmo, mas desse jeito, desse estilo né, na festa popular¹⁴⁷.

Existem três Folias de Reis em Santo Antônio de Goiás, a saber: a Folia dos Meninos¹⁴⁸ que gira do dia 18 a 23 de dezembro; a Folia dos Meninos de Dezembro que gira do dia 25 e vai até dia 30 de dezembro; e a terceira, a Folia de Janeiro o Folia dos Adultos que sai no dia primeiro e vai até o dia 06 de janeiro. Essas folias atraem um grande número de visitantes, bem como abarcam um grande número de participantes. Além disso essa festa é motivo de orgulho para os santoantonienses. Durante as festas há muita alegria que é privilegiada com a atuação dos palhaços, figuras importantes que completam o arsenal folclórico dessa festa.

¹⁴⁷ A. A. M. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 22/01/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 67 min.

¹⁴⁸ Mais sobre o assunto ler: PEREIRA, Ivone Aparecida. *Em Nome dos Santos Reis: Uma História de Protagonismo e Mediações em Santo Antônio de Goiás*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Departamento de filosofia e teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

Segundo Pereira (2005), a Folia de Reis e a devoção aos santos magos do Oriente figuram também como um elemento identificador entre os crentes peregrinos. Assim, a autora afirma que ser folião significa partilhar de um sentimento comum, de uma mesma crença, de uma mesma paixão que é fortalecida anualmente por meio do rito. Sobre isso a autora completou: “A Folia de Reis é um tempo e espaço para se fazer memória de fatos passados, de ensinamentos que estão adormecidos, mas são despertados pela coletividade e atualizados na vida de cada um”. (PEREIRA, 2005, p.147).

As folias de Santos Reis movimentam muito a cidade e é motivo de orgulho para a comunidade, a qual realiza essas festas independente da Igreja Católica. Segundo Dona I. P. S. as folias são feitas pelos festeiros de cada ano e com a ajuda do povo. Em seu dizer:

A folia tem o festeiro né. O folião que é o responsável , a folia sai da casa desse folião e tem o festeiro que ajuda na ... a festeira, e tem a festeira que o dia da entrega é na casa dela, aí a folia sai seis dias de casa em casa . No último dia vai na casa da festeira, entrega, ela passa a coroa para o festeiro do outro ano, cada um passa seu... o folião passa seu ramallete, o outro festeiro passa a coroa pro outro, aí vai seguindo desse jeito¹⁴⁹.

Sobre a saída da Folia a depoente completou:

È o almoço né, na casa do folião. Aí reza o terço, aí sai e o palhaços , as vezes as pessoas fazem as promessas de dar roupa pro palhaço, outro dá o boné, eu mesmo fiz e dei o boné sete anos, todo ano eu fazia o bonezinho e dava pros folião, sete anos, aí parou, agora o folião é responsável pela roupa do palhaço, pelo boné, por tudo, ele que é o responsável, tem que dar tudo, *mas ganha muita ajuda, o povo ajuda demais*¹⁵⁰. (Grifos da autora)

Percebe-se muito entusiasmo e orgulho dos santoantonienses ao falar e participar dessa festa. Sendo assim, agora se transcrevem alguns depoimentos. Assim Dona. I. P. S. explicou:

Eu sou filha de folião, em Santo Antônio hoje é uma das melhores festas né, não desprezando a de Santo Antonio que é a festa do padroeiro, mas é uma festa que engloba praticamente quase que o Estado inteiro, bem divulgada pela televisão, e em janeiro aqui em Santo Antonio, você não consegue idelizar quantas pessoas que passam, e hoje em Santo Antonio ta com 3 folias de reis e encaminhando pra

¹⁴⁹ Ibidem p. 71.

¹⁵⁰ Ibidem.

4, *a comunidade apóia, a comunidade gosta*, Santo Antônio já deveria ter um galpão, já deveria ter... ta faltando um pouco de vontade da comunidade para que essa folia cresça mais, mas uma das maiores festa que tem em Santo Antonio é a folia de reis¹⁵¹. (Grifos da autora)

Senhor J. Q. também explicou:

É uma tradição não só de Santo Antônio, é uma tradição do centro-oeste, Goiás em especial, tradição interessante de expressão de religiosidade popular que mistura algumas crenças com fundamentos também, até bíblicos e religiosos, a folia dos reis muito presente aqui, tem mais de um grupo, tem dois ou três grupos aqui em Santo Antonio, dois grupos de adultos e um de adolescentes e crianças e é uma forma interessante de manter uma tradição religiosa, popular, mantê-la viva, porque nós não podemos viver só de elementos teológicos, de reflexões profundas, temos que viver no que nós nos criamos e é essa religiosidade que veio formar gerações inteiras de pessoas, por nossos pais digamos, e que precisa ser mantidas, é interessante, uma espiritualidade um pouco diferente do que a nossa comunidade católica, comunidade católica que espera os fieis virem pra igreja, nos domingos nas celebrações, nos sacramentos, nos encontros, na formação, digamos que a comunidade convoca, convida, convoca e o pessoal é convidado pra vir pra igreja, como ser a casa de todos, a casa de Deus, aqui nestas expressões populares de religiosidade, interessante que é o contrario, é a própria, o próprio grupo que faz a proposta de espiritualidade, que visita família por família, tem um Deus, traduzindo agora em termos teológicos, um Deus que visita a família, por isso, o povo gosta dessas expressões religiosas, das folias, porque não é um Deus que ta esperando, quase te julgando se você não quiser ele, ao contrário, é um Deus que te visita, através dos reis magos, através da folia do menino Jesus, e não precisa eu sair, mas tenho a honra de receber a sua própria visita naquela bandeira que é introduzida em todas as famílias que aceitarem¹⁵².

5.4 Inserção da Comunidade Evangélica em Santo Antônio de Goiás: Novos Territórios Religiosos

As práticas religiosas das comunidades evangélicas servem para aplicar estratégias e consolidar seu território, no qual é disputado com a comunidade católica. Que por sua vez, detêm a hegemonia. Entende-se que as relações sociais e culturais que determinado grupo mantêm com seu território é que determinam as territorialidades. Nesse sentido, Claude Raffestin (1993) salientou que a territorialidade é, antes de tudo, uma

¹⁵¹ Ibidem.

¹⁵² Ibidem p. 109.

relação com a alteridade. Mais um motivo para essa ser resultado das relações internas e externas ao território.

As territorialidades, deste modo, são definidas a partir das estratégias que os grupos realizam para se fixarem em um território, e ao mesmo tempo se locomoverem no espaço. Essas estratégias são desenvolvidas por meio de processo funcional e simbólico nas relações com seus territórios, dependendo da dinâmica de poder e das medidas utilizadas.

Em síntese, “a territorialidade, como um componente de poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado”. (HAESBAERT, 2006, p.93)

As territorialidades são as formas múltiplas com a qual se manifestam a pluralidade de esferas que integram o território, constituem, assim, as territorialidades um símbolo de um território, e existem enquanto uma estratégia político-cultural. Conceituar território e territorialidades, torna-se, portanto, um exercício de poder no seu sentido político e simbólico.

Segundo os depoentes, a Igreja Assembléia de Deus – Ministério Fama foi fundada por volta de 1975 na Rua Antônio Gertrudes de Freitas, onde se localiza até os dias de hoje. Conforme a depoente D. M. C., o primeiro pastor se chamava Oscar Santana, sendo que ele e a esposa vieram para o então Distrito de Santo Antônio e iniciaram cultos em uma pequena sala na Avenida Walter Carneiro Machado, próximo à Praça Matriz, a qual foi alugada pela Dona. I.C.S., assim a depoente lembrou:

Aí, eu vinha sempre aqui na casa da minha mãe e eu via eles dirigindo culto onde mora o Avaci, filho da dona Iulina, a dona Iulina tinha uma lojinha ali, aí ela fez a loja mais pra cima e alugou lá pros crentes, aí eles dirigia os cultos lá, passava lá eles tava orando, mas não entendia nada, sabia nem o que eles tavam falando, nem dava credo, só olhava pra lá e passava, foi ali que eles começo. Aí depois me falaram, me contaram que foi o Vicente Pedro que doou o lote lá em cima da Igreja. Esse casal de crente disse que foi assim, ele morava, não sei se foi em Goiânia e eles teve uma revelação a noite que Deus ia mandar eles pra um lugar e era pra eles levantar uma tenda naquele lugar, era um lote que tinha um pé de lobeira. Ai, eles vieram pra cá e foi andando, andando aí, quando eles chegaram lá, Deus mostrou pra eles que era naquele lugar que tinha o pé de lobeira e que era pra plantar o trabalho aqui. Ali naquele tempo eu não sei se era do Vicente

Pedro ou se foi o Vicente Pedro que comprou e doou pra Igreja, lá eles levantou um rancho lá¹⁵³.

A comunidade evangélica iniciou seu trabalho em uma sala alugada e posteriormente iniciou a construção do templo. Sr. D. F. S. confirmou:

Eu lembro, ela começou em 1976, naquele mesmo lugar, só que não era aquela Igreja não, foi feito uma casinha de adobo, uma Igrejinha de adobo, uma casinha no fundo...Um barracázim... O primeiro pastor chamava Oscar e a muié dele chamava Celma, com dois filhos, Silas e Sales, Sale...Sal. E daí começou o trabalho, ele trabalhou dois anos e depois veio o irmão Angelino, segundo pastor em 70... No meio de 76. No dia 20 de setembro de 76 eu aceitei o Evangelho¹⁵⁴.

Na época do Sr. A., se construiu a nova Igreja, substituindo a de adobe. Assim se referiu Sr. D. F. S.: “É, começou com uma de adobo, depois o irmão A. fez outra maior de tijolo, aí depois em 2000... 1996, 97 por aí. Aí o pastor V. fez aquela Igreja ali, aquela Igreja ali é nova tem uns quatro ou cinco anos mais ou menos¹⁵⁵”.

Segundo os entrevistados, vários pastores estiveram na presidência da Igreja Assembléia de Deus, pois de acordo com a instituição, os pastores não têm local fixo e são encaminhados de acordo com as necessidades, sobre isso Borges afirmou:

Muitos foram os pastores que por ela passaram e que juntamente com seus fiéis contribuíram, no direcionamento do progresso de Santo Antônio de Goiás: Pastor Oscar Santana, Angelino da Costa Gomes, Adão Aires, Osvaldo dos Santos, João Aguiar, Pedro Vieira, Lázaro, Vilmar, Orácio Santos e Pastor Misac (BORGES, 2005, p.67).

Reafirmando Borges (2005), Sr. D. F. S. relembrou:

Primeiro foi o Oscar, o segundo Angelino, o terceiro Adão, o quarto o irmão Osvaldo que faleceu esse ano, o quinto foi João Grandão, o sexto foi o Félix, o sétimo foi Pedro Vieira, o oitavo Lázaro, o nono Osnei, o décimo esse pastor Vilmar, o pastor passou 7 anos e 7 meses e 7 dias. Aí saiu ele e veio o pastor Orácio, o pastor Orácio passou quase três anos, aí veio um tal de pastor Misaque, passou seis meses. Aí veio o Mané Missias o décimo segundo... Décimo terceiro e o décimo quarto é esse que tá agora, é o José Ramos Mendonça¹⁵⁶.

¹⁵³ D.M.C. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 24/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 17 min.

¹⁵⁴ D. F. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 29/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 31 min.

¹⁵⁵ Ibidem.

¹⁵⁶ Ibidem.

Atualmente a Igreja Assembléia de Deus – Ministério Fama possui quantitativo de fieis, representativo, que participam diariamente dos cultos, das Aulas Dominicais e das comemorações festivas que são realizadas no interior da Igreja e na cantina que fica ao lado da mesma. O Sr. J. R., explicou:

Ali é uma cantina, onde nós fazemos nossos eventos, nossos almoços, os salgados para aquelas pessoas que ainda não jantaram, após o culto tem direito de lanche, facilitando a vida para os irmãos [...] Nós temos o costume de...90 em 90 dias fazer um culto direcionado aos amigos, que nós chamamos operação André, então isso é o culto do amigo, esse é uma forma que nós temos de amigos nos prestigiar com sua presença, de 90 em 90 dias¹⁵⁷.

Sobre as práticas religiosas da comunidade evangélica Sr. A. F. J. afirmou:

A prática dos evangélicos é no dia-a-dia, a gente procura viver assim, a religião a cada dia né, a cada instante, porque nós temos ensinamentos da Bíblia, temos o culto de ensino às terça-feira, tem a Escola Bíblica Dominical, a qual sou professor, e, então a gente procura viver cada dia o Evangelho¹⁵⁸.

Sobre as aulas na Escola Bíblica Dominical o depoente explicou:

Eu ministro essas aulas desde... Já faz... desde 83, quer eu ministro aulas na Igreja, ministrava assim, como leigo, depois fiz o curso teológico, como eu disse, e... nós temos na Igreja também um Ensino Teológico, algumas pessoas fazem o Curso Teológico, eu ministro também nessas aulas¹⁵⁹.

A estrutura hierárquica da Igreja Assembléia de Deus é outro ponto muito importante para a comunidade evangélica. Segundo o Sr. J. R. a escala hierárquica da Igreja se classifica: Pastor, Evangelista, Presbítero, Diácono e/ou Diaconisa. Sobre suas respectivas funções, ele disse:

A função do pastor é de estar ministrando a palavra, ensinando a Bíblia Sagrada a todos, ou seja, conduzindo a ovelha ao lugar...certo. A função do Evangelista é estar auxiliando o pastor, direcionando as pessoas a Cristo, a função do Presbítero

¹⁵⁷ J. R. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 25/06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 25 min.

¹⁵⁸ Ibidem p. 79.

¹⁵⁹ Ibidem.

é aquele homem que ora, é aquele homem que põe a mão sobre os enfermos e os declara libertos...¹⁶⁰

Além das práticas religiosas, a comunidade evangélica participa ativamente da política, sendo que seus dirigentes sempre atuam em partidos políticos como candidatos e por vezes como o caso do Sr. O. S., que já foi prefeito do município de Santo Antônio de Goiás e antes disso foi vereador por Goianira, como também lutou pela emancipação da cidade. Entretanto, a fé segundo os depoentes vem primeiro lugar, mas a participação política também é importante. O Sr. A. F. J. assim se referiu:

Antigamente a Igreja Evangélica de modo geral ela não participava né, do governo, não importava com política, tinha uma certa aversão a política né. E de uns tempos pra cá a consciência dos evangélicos mudaram e eles estão participando e é o caso aqui de Santo Antônio, que aconteceu isso. O Osvaldo por exemplo, que foi pastor e ex-prefeito, ele foi vereador quando ainda pertencia a Goianira e foi um dos... das pessoas que emanciparam Santo Antônio, porque na época eram três políticos na emancipação e aí, era o Osvaldo né, o Zezé que também foi prefeito e o Lorival que é o atual prefeito, foram os três que participaram da emancipação. Mas o Osvaldo teve uma atuação muito grande na emancipação, porque foi feita a emancipação depois derrubaram e aí ele lutou novamente e aí conseguiu emancipar. Ele foi lá no Rio de Janeiro pra pegar assinaturas de autoridades e então ele teve uma participação muito grande né. Como evangélico né, participando na emancipação e depois foi prefeito por quatro anos, e tinha vereadores que foram eleitos do lado dele¹⁶¹.

Sr. J. R. também tem a mesma teoria ao reafirmar que a política deve ter seu lugar nos templos, pois esta oferece o desenvolvimento e o crescimento tanto pessoal como comunitário. Sobre isso ele falou:

[...] em primeiro que as Escrituras nos mostra que é o nosso dever estar orando em favor dos nossos governantes, em favor das autoridades tanto eclesiásticas como todos os tipos de autoridades e o nosso maior representante no município é o nosso prefeito, então nós procuramos estar sempre orando para ele ter uma boa administração, e uma vez ele tendo uma boa administração, ele vai ta beneficiando toda a população¹⁶².

A participação na política favorece também o poder e representatividade, sendo assim, a participação dos evangélicos na política segundo o nosso depoente, Sr. A. F. J.,

¹⁶⁰ Ibidem p. 139.

¹⁶¹ Ibidem p. 78.

¹⁶² Ibidem p. 139

lhes confere representatividade, aceitação, respeito enquanto comunidade religiosa. Assim se referiu:

Tem uma representatividade porque o pessoal parece que passa a respeitar né. Considerar mais a Igreja Evangélica, porque antes, antes, eu disse agora pouco que nós temos uma harmonia, mas antes nós éramos perseguidos, quando era Igreja bem pequenininha os evangélicos eram discriminados aqui. Mas agora mudou muito, a mentalidade mudou, a cidade foi crescendo e desenvolvendo e houve uma grande mudança de mentalidade. Então melhorou bastante.¹⁶³

No que se refere à não aceitação dos evangélicos no início, Sr. A. F. J. explicou:

Quem perseguia a gente não sabe, o que acontece era o seguinte, quando a gente tava no culto eles tocavam pedra em cima da Igreja né. E discriminava a gente assim pra... O modo assim de olhar, a gente já via que estava sendo discriminados, num aproximava, agente não tinha contato assim, então não tinha amizade, aquele relacionamento. Mas hoje mudou tudo, hoje somos todos amigos e até mesmo na política não tem, não tem inimizades entre os grupos, porque nós chamamos de grupo, o grupo que estão com o Antônio Sucuri, que tá com o Lourival e o grupo que tá com o Tonim do Pit-dog, então não existe essa rivalidade entre as pessoas¹⁶⁴.

Nota-se aí, que no início a comunidade evangélica passou por dificuldades até conquistar seu espaço e consolidar seu território, e a participação na política partidária foi um dos mecanismos encontrados por esta religião para conquistar e consolidar seu o território religioso. Seguindo essa linha de raciocínio a comunidade evangélica utiliza de estratégias não religiosas para consolidar seu território, o que vem demonstrar ainda a hierocracia católica, a qual é mantida por meio de suas práticas religiosas.

Com o passar do tempo novas Igrejas Evangélicas foram sendo formadas. Uma delas foi formada após uma cisão ocorrida na própria Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério Fama, na qual um de seus pastores saiu e abriu um novo Ministério: Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério São Bernardo do Campo, que se localiza no Setor Vila Florença, na Rua dos Angicos, esquina com a Av. Walter Carneiro Machado.

¹⁶³ Ibidem p. 78.

¹⁶⁴ Ibidem.

Sobre essa dissidência o Sr. A. F. J. explicou: “foi o pastor. Lazaro, que eu já falei o nome dele, que abriu esse trabalho, essa outra Igreja São Bernardo do Campo e na época saíram com ele 22 pessoas, eu era um dessas pessoas que saímos¹⁶⁵”.

Conforme Sr. A. F. J., o motivo dessa divisão foi que a Igreja Sede, seguindo suas leis e costumes, transferiu o pastor Sr. L. T. para outra Igreja, em outra cidade, e esse, por sua vez, não aceitou e abriu uma nova Igreja Evangélica em Santo Antônio de Goiás. Em seu dizer:

O motivo porque a Igreja Sede, ela tem o costume de transferir os pastores de tempo em tempo e aí transferiu, e ele não aceitou a transferência e alegando também algumas diferenças entre os irmãos sobre doutrina e usos e costumes. Então foi esse o motivo que saímos. Mas eu já voltei pro Ministério Fama, faz um a no. e a Igreja São Bernardo do Campo ela continua, eles construíram a Igreja¹⁶⁶.

Relembrando o dia em que ocorreu a saída do pastor L. T. do Ministério Fama, Sr. A. F. J. relatou:

Não houve nenhuma reunião formal, mas ele foi conversando com as pessoas nos lares e foi formando assim essa opinião né. E depois no dia que o Pastor Presidente veio para transferi-lo ele levantou e falou que ia sair e ia abrir uma outra Igreja, um outro Ministério e as pessoas que fosse com ele era pra se manifestar ficando em pé e foi assim que aconteceu¹⁶⁷.

Esse fato gerou uma situação de conflito e de constrangimento entre essas Igrejas, porém, segundo o depoente, tudo isso foi esquecido e superado com o tempo. Ele disse:

Ah!, gerou um constrangimento neste dia e perdurou alguns anos, mas hoje não, hoje tá tudo bem, tudo normal. Há um bom relacionamento entre as Igrejas [...] É ficou assim, uma coisa difícil, porque não tinha um relacionamento normal, igual era né. Mas com o passar do tempo foi acabando e hoje tá normal¹⁶⁸.

À medida que a cidade foi crescendo e a população aumentando, foram também, por outro lado, construindo-se novas Igrejas Evangélicas, Batistas, Pentecostais e

¹⁶⁵ Ibidem p. 78.

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ Ibidem.

Neopentecostais. Portanto, a Comunidade Evangélica foi crescendo e aumentando seu número, tanto de fiéis como de Templos. Onde antes havia apenas uma Capela, depois Igreja Católica na Praça Matriz, foram sendo construídas Igrejas Evangélicas ao seu redor.

Segundo levantamento da autora, atualmente existem 11 (onze) Igrejas Protestantes em Santo Antônio de Goiás, sendo elas: Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério Fama; Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério São Bernardo do Campo; Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério de Anápolis; Igreja Ev. Assembléia de Deus – Ministério Fazendo Missões – Convenção CIADMFM; Igreja Ev. Assembléia de Deus – Assembléia de Deus – CIADSETA; Igreja Pentecostal “Jesus é o Rei”; Igreja de Cristo; Igreja Pentecostal Deus é Amor; Congregação Cristã no Brasil; Igreja Universal do Reino de Deus – IURD ; Igreja Batista – Vida Nova, filiada a CIBRA (Convenção das Igrejas Batistas Renovadas na América - USA).

Referente à abertura dessas outras Igrejas, Sr. A. F. J. expôs:

[...] porque é uma coisa que acontece assim, pessoa pensa em abrir uma Igreja e vem, vai pra determinado lugar e abre a Igreja e não tem como assim, explicar isso aí. Porque a gente obedece um mandamento de Jesus, Ele diz: “Ide por todo mundo, pregai o Evangelho a toda criatura”; então a gente coloca isso em prática, por causa disso que abre várias Igrejas, vários Ministérios¹⁶⁹.

Com essa diversidade de Igrejas Evangélicas, a Comunidade Evangélica se torna cada vez mais representativa em uma cidade que antes era em sua maioria católica. Sr. O. L. G. lembrou:

[...] agora existia muitas festas religiosas como festa de São João, Santo Antônio, São Pedro certo. E isso aí era quase toda a cidade, pra falar a verdade só tinha um evangélico ali no Ministério e um espírita, o resto era tudo católico certo. O evangélico na época chamava protestante, chamava Sr. Ambrósio Tavares e o Sr. Teodoro Moreira era espírita, as duas coisas que tem, o restante eram todos católicos, então [...] Simplesmente viviam em perfeita harmonia¹⁷⁰.

Sobre isso Sr. O. L. G. completou: “e hoje tem muito mais evangélicos do que católicos, hoje deixa eu ver aqui, nós temos uma Igreja Católica e parece que tem oito ou nove Igrejas Evangélicas¹⁷¹”.

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ Ibidem p. 23.

¹⁷¹ Ibidem.

O fortalecimento da comunidade evangélica na cidade pode ser percebido não só pelo número de igrejas e contingente de fiéis, mas também no trevo da entrada principal da cidade que é representada pelo monumento na forma da Bíblia.

O conceito de território, portanto, é utilizado para enfatizar a dimensão política do sagrado. A partir de então, reconhece-se o caráter político, social e cultural do território e concorda-se quando Bonnemaïson (2002) diz que é por intermédio da paisagem cultural, impregnada dos seus geo-símbolos, que a cultura se inscreve no espaço. Sendo assim, a religião também possui seus símbolos e constitui um campo simbólico nas palavras de Pierre Bourdieu¹⁷². Esses símbolos formam marcas que servem para delimitar, identificar e consolidar seu território religioso, o qual é forte e possui funções e formas espaciais que constituem os meios em que o território realiza os papéis a ele atribuídos.

Os dois segmentos religiosos são reconhecidos por meio dos símbolos, dos templos e igrejas, bem como pelos seus cultos. A relação entre a comunidade Católica e Evangélica se pode considerar como relação, é tolerada. Ambas reconhecem o papel e o trabalho uma da outra e respeitam o território alheio. O conflito, portanto, é velado e ambas tentam dominar o território religioso por meio de suas práticas. Senhor J. Q. afirmou:

Digamos assim que nem sempre, percebi em outras cidades pelas quais passei como padre, percebi assim, um conflito, falamos mesmo de conflito, disputa de fiéis, uma certa concorrência e pouco diálogo, pouca sensibilidade ecumênica entre as Igrejas, no interior sobretudo. É mínima quase nula a sensibilidade a nível de articulação, de celebração e de profissão de fé. Agora aqui em Santo Antônio a gente não percebeu isso, no fundo e não senti nesses nove meses que estive aqui a disputa de espaço, disputa de imagem ou de fiéis, não percebi isso, percebi que tem outras igrejas evidentemente, conheço também algumas, mas parece mais tranqüilo, infelizmente não se tem nenhum momento, não percebi até agora isso, não tem nenhum momento de encontro, de diálogo, de verdadeiro processo espiritual, religioso, ecumênico, na realidade cada um trilha o seu caminho, cada

¹⁷² Pierre Bourdieu (2001), ao estudar o campo religioso elaborou conceitos como capital simbólico, mercado de bens simbólicos, poder simbólico e empresas de bens de salvação. Esses conceitos tratam da estrutura do campo religioso, o qual segundo ele é permeado pelas lutas simbólicas. Assim, Pierre Bourdieu expõe que a religião se apresenta como um sistema de símbolos “fechado” e “autônomo” cuja integridade parece estar contida na hierarquia alegórica que propõe. De acordo com esse autor, o campo religioso possui uma organização e uma gestão, que é assumida por profissionais religiosos que garantem o bom funcionamento do mercado de bens de salvação e aumentam o capital religioso. Baseado nisso, ele explica que as diferentes instâncias religiosas, ou instituições, tem e podem utilizar do capital religioso na concorrência pelo controle da gestão dos bens de salvação e do exercício do poder religioso, o qual modifica as representações e as práticas dos “fiéis” inculcando-lhes uma vivência ou um costume religioso. Mais sobre o tema em apreço, ver: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 59-60. WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília. 2000.

um cuida do seu pastoreio se dá pra dizer, usando uma imagem católica, cuidando das suas ovelhas, cada um do seu rebanho, cada um por si, talvez Deus pra todos ou pra ninguém não sei, esta é um pouco a realidade, construir um diálogo talvez seja um desafio pra nós católicos, seja um desafio para as igrejas evangélicas, a superação das diferenças que podem nos identificar, levando em conta os muitos aspectos que nos identificam... como todos cristãos, então acreditando na mesma mensagem de Cristo, no mesmo evangelho, na mesma bíblia, mas às vezes um pouco diferente na organização¹⁷³.

A presença da Comunidade Evangélica em uma cidade que antes era composta por uma maioria católica transformou a cidade, suas práticas religiosas e seus costumes. Sobre isso, Senhor A. A. M., que é filho de Santo Antônio de Goiás, disse:

[...] Mas aqui é interessante, uma das coisas que aqui então nesse período que eu falei que tem essa diferença de religião, católicos e evangélicos, é bem definido mesmo. Então, uma Igreja só, os evangélicos uma Igreja só, um templo quer dizer né. Então com isso era fácil trabalhar, as festas que nós fazíamos aqui, a festa de Santo Antônio, o povo arrebatava foguete, chamava alvorada cinco da manhã, tinha a missa, então, os evangélicos tavam aí. Não reclamavam, hoje fazer isso reclamam né. Hoje já não pode fazer nada como antigamente, tinha aquela alvorada né, tinha festa de cidade do interior mesmo né. Alvorada, tocar o sino, soltar foguete, as mulheres saíam pela procissão da penitência da manhã pelas ruas de Santo Antônio, pedindo a intercessão de Santo Antônio pra que abençoe as famílias, para que proteja a todos, a cidade. Então tinha esse carinho, o compromisso, as pessoas hoje que, a maioria já delas né, que eram mais antigas já faleceram, que deixou essa parte também para nós na história, para nós dar continuidade.¹⁷⁴

Apesar da Comunidade Evangélica reclamar dos foguetes, das alvoradas, do barulho dos rituais e das festas católicas, estas ainda acontecem e perduram ao longo do tempo.

Muitos dos pioneiros da cidade ainda dão continuidade a essas tradições, as gerações mais novas são empenhadas em aprender e representam seus pais, que já se foram. Portanto, as festas religiosas de Santo Antônio de Goiás que são passadas de geração a geração, podem ser vistas nos seus rituais de passagem.

Nas festas religiosas segundo Brandão, estão presentes os modos mais simbolicamente profundos através dos quais as pessoas procuram estabelecer formas rituais de comunicação entre si e com os seus santos (Brandão, 1989, p. 10).

¹⁷³ Ibidem p. 109.

¹⁷⁴ Ibidem p. 134.

As festas religiosas católicas, tais como: Folias dos Santos Reis, a Festa de Santo Padroeiro e Novenas são denominadas de religiosidade e/ou catolicismo popular. Ao indagar, sobre o catolicismo popular ao atual padre da cidade, ele definiu a religiosidade do povo de Santo Antônio como popular. Em seu dizer:

Considero que sim, no sentido que nós padres às vezes a instituição católica como instituição quer elevar o nível do debate, do fundamento, do crescimento, da nossa religião e colocar no nível de teologia ortodoxa de compreensão bíblica da palavra de Deus, mas o povo vive lá embaixo, vive sua religiosidade, não se fala de Trindade, vive cabeça comunhão da família ou a desunião da família, ele sente quando Deus está ao seu lado, ele sente quando Deus está longe, ele sente quando Deus, pode tocar em Deus, e sente às vezes um Deus que tá fugindo, que não tá perto, são outras expressões, é outro nível de conteúdo, mas é muito conteúdo humano, popular, histórico que faz parte de fato do dia a dia vida do povo, nossa igreja, as vezes nos colocamos num outro nível, no nível de uma igreja que tem o conhecimento da verdade e que tem que defender a Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo e vai teologicamente divulgando, precisaríamos muitas vezes tecer mais na vida, na convivência e na expressão de vida do nosso povo que vive a sua proximidade, que no fundo a religiosidade é isso, alguém que sinta próximo de uma divindade, próximo de uma... de um Deus, eles tem muito mais essa proximidade talvez do que nós que temos o conteúdo teológico e explicativo para oferecer¹⁷⁵.

No geral, nas comunidades de Santo Antônio de Goiás, todos vivem sua fé, sua religiosidade, de um lado temos os católicos com suas práticas populares que sustentam, demarcam território, e os consolidam enquanto grupo. Do outro a Comunidade Evangélica com seus cultos, e de outro lado os espíritas com suas obras sociais, e apesar de ser em minoria, também estão presentes nesta comunidade.

5.4 Grupos Espiritualistas

A Comunidade Evangélica e a Católica são presentes, consolidadas e ao mesmo tempo representadas por meio de símbolos, práticas e condutas. Assim, percebe-se uma disputa entre ambas pelo domínio do território religioso e, em contrapartida a presença tímida, encoberta de religiões espíritas. A grande maioria de nossos entrevistados, da população de Santo Antônio de Goiás, falou da existência, na cidade, de apenas um Centro Espírita, que é o Centro Espírita Batuíra, o qual é kardecista e está situado na Rua José

¹⁷⁵ Ibidem p. 109.

Moreira dos Santos Qd. E Lt's 1 e 2 – Setor Central. Já outros falaram que havia outro, porém não informaram nada sobre, apenas o nome. No entanto, há dois centros espíritas em Santo Antônio de Goiás, o primeiro que já foi aqui citado e o segundo, Centro Espírita Cristão Vale do Amanhecer, tem por base o ecumenismo, pois o próprio nome já evidencia isso pela presença do termo “cristão” ao lado do termo “espírita”.

O centro espírita Batuira tem como presidente o Sr. D. X. C., o qual iniciou seu trabalho espiritual por volta de 1945 quando se mudou para a fazenda do Sr. João Navega situada próximo ao então povoado de Santo Antônio. Nessa fazenda o Sr. D. X. C. trabalhou como carpinteiro para o Sr. J. N. que, segundo ele, era espírita Kardecista e incentivou desde o início a construção de um centro dentro de sua propriedade.

Conforme Sr. D. X. C. o centro espírita foi construído neste mesmo ano e foi denominado de Centro Bitencourt Sampaio, nome do mentor espiritual da casa. Ainda, segundo ele o trabalho espiritual foi desenvolvido neste local no período em que ele trabalhou na fazenda do Sr. J. N. e depois trabalhou na fazenda do Sr. L. B. A participação de pessoas no centro era escassa desde o início, mas depois foi aumentando chegando a atingir um número de 20 pessoas.

Em 1987, o Sr. D. X. C. parou de trabalhar nas fazendas e foi para o povoado onde deu continuidade ao seu trabalho espiritual em uma casa alugada do Sr. C., situada na av. Walter Carneiro Machado. Nesta casa permaneceu por três anos. A partir de então adquiriu dois lotes para a construção do centro. Com a ajuda do Sr. U., o Sr. D. X. C. pagou os lotes os quais se situam no centro da cidade nos fundos do Colégio Estadual Padre Alexandre. Neste local foi então instalado o Centro Espírita Batuira por volta de 1990. O nome do centro é escolhido de acordo com o mentor espiritual da casa. Segundo o Sr. D. X. C. a participação da população no centro é tímida e escassa, sendo que o número de participantes variam entre 10 a 15 pessoas. Sobre a localização do centro espírita Sr. D. X. C. afirmou: “ Eu acho que eu to num lugar que precisa de ser, to no lugar certo”¹⁷⁶.

O centro espírita Batuira foi reconhecido pela sociedade, que apesar de pouco frequentar afirma sua existência. Ao ser indagado sobre a aceitação do espírita na cidade Sr. D. X. C. explicou:

¹⁷⁶ Ibidem p. 53.

Eles acha que porque a doutrina espírita, eles acha que a gente conversa com o demônio, muita gente fala isso, é o Divino conversa lá com o diabo, o demônio, bom cada um pensa dum jeito né. Eu num acho que eu converso com o demônio, eu converso com um irmão meu que passou pro outro lado da vida. Então eu converso com ele através duma pessoa que nois fala médium, através dum médium desenvolvido, um espírito as veis, vem pega o aparei daquela pessoa e conversa comigo e eu converso com ele, eu doutrino ele na medida que eu sei, o que eu posso fazer eu faço com muito carinho, porque eu num posso fica bravo, porque ele é um irmão meu, tem que trata eles muito bem¹⁷⁷.

Sobre seu ponto de vista em relação a esses comentários Sr. D. X. C. explicou:

Eu num fico fico com raiva... num fico com raiva,num posso ter raiva, eu tenho que... as veis sai um comentário eu falo gente invés da gente fica com raiva vamo faze uma oração pra aquela pessoa, a pessoa as veis num sabe nem o que ta falando, porque o negócio é esse, eu falo duma igreja, a igreja do fulano de tal, a igreja tal num presta, mais eu nunca fui lá, como que eu vo falar de uma coisa que eu num vi?¹⁷⁸

Percebe-se que o preconceito em relação ao espiritismo é explicito, porém o centro espírita Batuira é afirmado e aceito pela sociedade pelo fato de ser espírita kardecista. Enquanto o outro centro poucos falam de sua existência e quando falam não dizem nada sobre. Sobre isso Dona I.P.S. explicou:

Tem o renascer lá no setor Campos II, que eu não... acho que não é nem renascer o nome, acho que é Vale do Amanhecer, que tem ele em Brasília, e fundaram ele aqui, mas eu não sei qual é o trabalho deles, não posso falar uma coisa que eu não conheço, vejo pessoas lá, vejo as porta aberta, e se a comunidade, os vizim, então certamente que não esta acontecendo nada estranho, porque se não certamente tinham denunciado né. [...] Eu falo assim, a gente não fala de algo que não conhece né, eu não posso falar que conheço, eu nunca visitei, mas deve ser pessoas de bem, que veio pra cá pra somar né, então temos que respeitar, agora o seu Divino não, eu conheço a muitos anos, nos fomos vizinhos na fazenda, eu conheço ele desde que eu me conheço por gente né¹⁷⁹.

Sr. D. X. C. sobre o Centro espírita Cristão Vale do Amanhecer não quis falar, mas enfatizou a diferença existente entre seu centro e o vale do Amanhecer. Em seu dizer:

O meu aqui num é os caboco, eu aqui tenho... o nosso modo de trabalhá é diferente do deles, eu vô lá e assisto lá o trabaio mais nois num comenta, num comenta não, o meu tipo de trabaia aqui é um e o deles é outro, mas nois num

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ Ibidem.

¹⁷⁹ Ibidem p. 71.

imprica um com o outro também, aqui nois trabaia com a linha Alan Cardec e eles num trabaia com o kardec¹⁸⁰.

O centro espírita Cristão Vale do Amanhecer - Santo Antônio de Goiás¹⁸¹ se instalou na cidade por volta de 2002 e tem como presidente Sr. S. G. F. Sobre isso ele afirmou:

...Nós chegamos aqui por intermédio de uma família simples, conhecendo um membro dessa família né. Então a gente já começou logo com nosso trabalho e não temos assim, conhecimento da sociedade. Mas na época, como sempre eu vinha aqui representando a doutrina pra trazer aqui esse pronto socorro, então eu fui procurar naturalmente a autoridade maior da cidade que era o prefeito nessa época o Osvaldo que hoje é... ate já desencarnou, e ele nos recebeu muito bem e eu disse pra ele nos recebeu muito bem e eu disse pra ele qual a finalidade, o que que é essa doutrina, e ele na época aceitou. Então nós chegamos aqui não assim né. É com respeito as autoridades e ao povo, é um dever nosso chegar e dizer e como eles nos aceitaram nós estamos muito felizes aqui realizando nosso trabalho¹⁸².

Sobre a construção do templo e do local em que foi instalado, ele explicou:

Deve ser o mesmo processo né, ai é claro que eu vou falar do meu ministro ne, do meu guia vamos chamar assim, do abajoro, porque a gente não conhecia o lugar como eu te falei, então a gente precisava de arrumar um terreno, o prefeito Osvaldo na época disse “olha eu não posso doar o terreno apesar de achar muito bom vocês virem pra aqui, eu tenho muita gente que precisa de terreno, então vocês vejam ai um lugar, vocês vão precisar de adquirir, ai juntamos um grupo, hoje Maria Helena também ne ta com a gente e para adquirir o terreno e saímos aqui, ai vem a família, volta na família, tem um membro dos mais jovens que é o Luciano que é primo do pessoal do loteamento então a coisa encaminha é assim, então eu falando com o Luciano ai ele me disse assim “ah eu conheço o menino dono do loteamento, vamos ver se algum lote vago ali?” eu disse “vamo”, ai a rua era arrumadinha de terra ne ah uns quatro anos atrás, ai eu cheguei ali e falei “olha que lugar legal, com esse mato aqui por baixo, que lugar hein se desse aqui” ai ele disse “vamo ver”, chegamo ali no escritório do rapaz la do Eussonei e a menina era Vanessa ai eles falaram assim “ah tem uns lotes na esquina ali que uma pessoa da Embrapa mandou reservar, mas eu não sei” ai eu disse “oh é pra isso, isso e isso, porque eu já fui na prefeitura”, ai ele interesse de repente ai ele falou “ah vai ser muito bom pra gente” eu não sei onde ele arrumou isso mas ele disse ne, “não, mas vamos fazer de toda maneira”, também a gente não tem condição de comprar porque como eu te falei as coisas são difíceis, pois o rapaz ele conseguiu pra nós esse terreno e ainda parcelou a entrada, menina você nem

¹⁸⁰ Ibidem p. 53.

¹⁸¹ Esse templo é apenas mais um dos vários templos que existem no Brasil e que surgiram após a criação do Vale do Amanhecer que é uma instituição Espiritualista Cristã, sem fins lucrativos, que visa a recuperação do espírito encarnado e desencarnado, promove o equilíbrio do homem e o prepara para o terceiro milênio. As Obras sociais tiveram início em 1958, na cidade de Satélite do Núcleo Bandeirante, local onde residia Neiva Chaves Zelaya, conhecida mundialmente como tia Neiva, tudo teve início por meio de sua clarividência.

¹⁸² S. G. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco em 07/07/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 95 min.

imagina as ajuda e nós não temos assim nenhuma vidência, não deve nem ser bom ser vidente mas realmente dessa entradinha aqui que você conhece da rua a gente olhou assim e “ah...” aí veio uma idéia assim de como seria e essas coisinhas simples que você tá vendo que tá construído aqui, começando... não tem projeto, tá tudo dentro dum... eu falei “ gente vamo puxar essa parede ali...?” e tal, então ela vai sendo desenvolvida assim¹⁸³.

O centro espírita cristão Vale do Amanhecer está localizado no setor Vila Campos I, próximo às chácaras e fazendas. Sobre a escolha do local¹⁸⁴ Sr. S. G. F. afirmou:

O local como nós iniciamos aqui ele não foi nem bem escolhido por a gente né, então é uma coisa muito assim natural eu acredito que se fosse pra ser num lugar assim tinha encaminhado de alguma maneira, agora dentro de cidade assim no centro tem algumas coisas que não são positivas, incomoda as pessoas né, você não tem aquela área de acesso, nós fizemos uma pequena área para trabalho externo é o abata, eu não sei se você já assistiu mas realiza né então isso não seria muito bom né, mas se não tivesse outro jeito a espiritualidade ia arrumar um jeito de colocar mas acho com certeza que tudo vem dos planos espirituais, tudo muito bem arrumado, ali vai dar certo, por isso e por isso¹⁸⁵.

Outro ponto interessante é a formação da doutrina, que tem por base o ecumenismo uma vez que tem a junção de raízes católicas, africanas e ameríndias. Sobre isso o depoente explicou:

A doutrina a meu modo de ver nós todos somos de raízes né, católica toda vida, então eu acho que a doutrina a meu modo de ver é o espiritismo de modo geral desde que Kardec trouxe e codificou, passou por todas suas dificuldades, no meu modo de ver com pouca experiência que eu tenho de outras doutrinas né, que temos que respeitar, que todas são maravilhosas, a nossa é só um pouco diferente, mas eu acho que a doutrina espírita pra mim hoje é a que mais que vê, que explica as coisas com mais exatidão e que *não tem nada que precise ser encoberto, não oferece nada que não possa ser... resolvido, não promete, não cobra, a nossa doutrina ela não cobra nada, é tudo doado, o que nos recebemos, por isso que eu particularmente to feliz de ser um espírita e da doutrina do Vale do Amanhecer por causa do pilar dela que é o nosso senhor Jesus Cristo, mas um evangelho que é revivido que é praticado e não denunciado certo tipos de propaganda...* não é isso e nós também trabalhamos assim, por isso que acho muito interessante a doutrina espírita de desobsessiva né, como é a finalidade da nossa doutrina, ela é puramente desobsessiva, então me dei bem, to muito feliz, os mentores, nós trabalhamos com muitos espíritas grandiosos que vem, que são espíritos de alta hierarquia mas que vem com umas roupagens simples né, que

¹⁸³ Ibidem.

¹⁸⁴ Ao escolher o local todos seguidores dessa doutrina seguem a intuição mediúnica, pois assim como Tia Neiva recebeu orientação das entidades para a escolha do local que foi instalado o primeiro templo, eles também acreditam ter recebido essa orientação.

¹⁸⁵ Ibidem p. 148.

são nossos pretos velhos e tudo e nessa hierarquia a gente acabou sendo colocado numa posição de representante e eu to muito feliz e acho que a doutrina é isso. (Grifos da autora)¹⁸⁶

Portanto percebe-se o ecumenismo de forma clara e como marca dessa doutrina, a qual está aberta a visitas e como o depoente enfatizou não pretende encobrir ou esconder, não promete e não cobra nada, apenas procura trazer aos seus seguidores tolerância, fé e esclarecimento acerca de suas vivências. No dizer do depoente:

Baseado no que nós sempre falamos ne e nos ensinamentos do nosso senhor Jesus Cristo, ele veio exatamente pra unificar as coisas, então em alguma época num dava... eu sei as coisas assim superficial, chegaram a queimar não sei se foi na França, livros... e aí... mas precisava que isso fosse ne, e com a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, os espíritos que nós sempre falamos ne, os espíritos que eram contrários a isso, então eles foram desencarnando e foram reencarnando e foram mexendo até que chegou a doutrina por exemplo do vale que de repente ela é um pouco ecumênica ne, mas ela aproveitou tudo que podia, porque, porque se for discriminar tal raiz ela não vai ter seguidor, mas precisava que esse espírito entrasse ali também porque já tinha algum espírito reencarnado ali que tava precisando dessa ajuda, então quando você chega no vale do amanhecer, quando você chegou aqui ninguém te perguntou da onde que você é, como é que você chama, o que você faz, você veio aqui e o preto velho te atendeu “oh minha filha que alegria”, não foi? E ficou feliz, o ministro Abajor ta felicíssimo de você ta aqui com a gente, então é isso, quem sabe de onde você vem, porque você ta aqui ne, que raiz, de onde você veio¹⁸⁷.

Diante disso percebe-se que a diversidade de cultos e/ou raízes é explicada pelo presidente do templo devido à própria diversidade encontrada na formação do povo brasileiro. Em Santo Antônio de Goiás, o templo está em seu início, portanto, é denominado por eles como um Pronto Socorro, o qual tem apenas alguns setores de trabalhos, uma vez que a estrutura ou espaço físico é pequeno e o número de médiuns também. Sendo assim, esse Pronto Socorro possui os seguintes setores: a mesa evangélica, que é o local onde se dá “passagem” para espíritos sofredores que estão próximos ao Plano Físico para outro setor no espaço, por meio da doutrinação que os ajuda a prosseguir em suas jornadas evolutivas, sala de cura, onde estão os “médicos do espaço” que são entidades médicas especialmente direcionadas à cura espiritual e física, formadas em falanges¹⁸⁸

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ De acordo com a Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer existem dois tipos de falanges, uma são grupos de espíritos que ajudam na cura desobsessiva do paciente, outras obsediam o paciente essas dependem dos espíritos que a compõem.

dirigidas por um médico chefe, como exemplo Dr. Fritz, Dr. Bezerra de Menezes, linha de passes com os doutrinadores¹⁸⁹, os tronos, em que ficam os pretos velhos que são falanges de espíritos de alta hierarquia “príncipes e princesas”, em ação desobsessiva, e a sala de passes e consultas com os caboclos, os quais são espíritos de grande poder que se apresentam na roupagem de índios e índias, que manipulam poderosas forças desintegradoras de correntes negativas. Segundo Sr. S. G. F. o principal objetivo do Vale do Amanhecer é a cura desobsessiva dos homens. Em seu dizer: “A cura desobsessiva do corpo físico e do espírito só, porque se o homem está aqui liberto ele tem o poder de resolver tudo sem preocupação¹⁹⁰”.

A Doutrina busca o equilíbrio espiritual por meio do esclarecimento, entendimento e aceitação das intempéries que o homem passa no seu dia a dia. Seguindo essa linha de raciocínio todos são considerados “pacientes” e todos os templos funcionam como “Hospitais” espirituais. Assim quando chega um paciente ele passa primeiro pelos tronos para consultar com os pretos velhos, que por sua vez indicarão o tratamento adequado para ele.¹⁹¹

A comunidade espírita apesar de ter poucos seguidores na cidade e de não aparecer no conjunto sociocultural da sociedade também possui relevância neste contexto, principalmente o Centro Espírita Cristão do Vale Amanhecer - Santo Antônio de Goiás que tem uma forte representatividade, uma vez que é reconhecido nacionalmente, pois pertence à Comunidade Vale do Amanhecer, situada em Planaltina DF, fundado pela clarividente Neiva Chaves Zelaya, mais conhecida como tia Neiva. O templo existente em Santo Antônio de Goiás é apenas mais um templo vinculado ao templo Mãe.

De acordo com Zeny Rosendahl (1999), as divisões territoriais e a organização hierárquica de religiões institucionalizadas são estratégias políticas adotadas com o objetivo de assegurar o controle, a vivência e a vigilância dos fiéis frente à crescente mobilidade dos homens e a fatos históricos relevantes. Com isso, o território favorece o exercício da fé e da identidade do devoto. Baseando-se nisso pode-se concluir que territorialidade religiosa

¹⁸⁹ Médiuns que não incorporam, sendo assim existem os médiuns que incorporam e esses são denominados de Aparas.

¹⁹⁰ Ibidem p. 148.

¹⁹¹ Essa doutrina possui vários rituais, simbologias, cores e significados, os quais carecem de muita pesquisa e dedicação para ser explicado. Por não ser esse o nosso enfoque não será aqui aprofundado, porém não era justo deixá-lo de fora deste trabalho, pois o centro espírita cristão Vale do Amanhecer – Santo Antônio de Goiás já faz parte dessa história.

significa o conjunto de práticas desenvolvidas por instituições ou grupos no sentido de controlar um determinado território. Nesse sentido, a territorialidade engloba ao mesmo tempo, as relações que o grupo mantém com o lugar sagrado e os itinerários que constituem seu território.

Viu-se nesse capítulo as transformações ocorridas na territorialidade da cidade. Os desdobramentos ocorridos nos territórios religiosos. Apresentam-se a diversidade destes territórios, a hegemonia católica e evangélica em relação as outras religiões, os conflitos e compromissos entre as diferentes comunidades religiosas.

Nesse sentido a cidade se irradiou de um núcleo católico e como já foi discutido o crescimento geográfico foi organizado ao redor da igreja, mais tarde com o desenvolvimento da cidade e sua emancipação a igreja católica consolidou e reafirmou o papel de destaque na constituição da identidade política do município, sendo palco, por exemplo, das cerimônias de empossamento dos representantes realizadas no salão paroquial. Portanto, território religioso se constituiu a partir desses eventos.

Por outro lado, uma outra territorialidade notada se evidenciou por parte da comunidade evangélica na região. Essa comunidade se constituiu por volta de 1975, segundo depoimentos, ano em que a cidade presenciava crescimento urbano motivado pela crescente onda de migração de novos habitantes. Esse período que se estendeu até a década de 1980 quando a EMBRAPA foi instalada no município. Com os novos habitantes a presença da comunidade evangélica foi ampliada o que repercutiu também na esfera política santoantoniense, através, por exemplo, da eleição de representantes na câmara de vereadores de Goianira e posteriormente também da cidade. Com o crescente aumento populacional surgiu a necessidade de novas denominações evangélicas em pontos diversos do território religioso em Santo Antônio de Goiás.

Vislumbra-se, portanto, a transformação do território religioso santoantoniense em área de conflito entre as diferentes comunidades religiosas, que produzem significados e representações em busca pela legitimidade e pela hegemonia do território religioso e suas respectivas territorialidades. Apesar da crescente participação da comunidade evangélica na vida cívica e comercial de Santo Antônio de Goiás, ilustrada claramente pela construção do monumento da Bíblia ao lado da imagem de Santo Antônio na entrada do município, a igreja católica manteve sua hegemonia cultural e política no território, o que pode ser visto

por meio da centralidade da cultura fundamentada nas festas religiosas católicas que movimentam simbólica e economicamente a cidade durante todo o ano.

A expansão do centro urbano de Santo Antônio de Goiás propiciou a instalação do centro espírita, por volta de 1945, em uma sala comercial alugada por um dos membros mais atingidos do município que já coordenava os trabalhos em uma das fazendas nos arredores de Santo Antônio de Goiás.

Em 1987 havia uma efervescência política na cidade, causada pela promulgação da primeira emancipação e em seguida pela volta à condição de distrito de Goianira. Também por causa das mudanças territoriais e simbólicas das construções, como do estádio, do posto militar e do posto telefônico que seguiram na luta pela aquisição de condições para efetivar a emancipação. Essa situação propiciou a abertura para o florescimento de novas religiosidades no território religioso santoantoniense, como a comunidade espírita Cristã Vale do Amanhecer. Estas transformações foram significativas para a ampliação da disputa no território religioso, mas que, no entanto, não influem significativamente na luta pela hegemonia como no caso da introdução dos evangélicos que representam uma ameaça à hegemonia católica na cidade.

Em suma, quando se verifica os depoimentos prestados sobre a vida religiosa do povo santoantoniense nota-se a marcante presença da religiosidade como elemento da formação identitária expressa tanto em eventos festivos e monumentos cívicos quanto na territorialidade dessa cidade. A vida religiosa que se desenvolveu ali, plural e aguçada, manifesta através da diversidade religiosa é sentida pelo povo e declarada pelos depoentes como a marca mais fundamental da vida de Santo Antônio de Goiás. Compreender a organização espacial e simbólica do município, é desta forma compreender a organização e autocompreensão de seus habitantes.

Considerações Finais

A formação de Santo Antônio de Goiás se relaciona ao espírito desbravador de seus primeiros habitantes, à busca de terras férteis e principalmente a uma localização privilegiada. A abundância de recursos naturais, tais como água, foi um dos principais motivos da escolha do local para o início do povoado.

Entretanto, não se pode analisar a formação de uma cidade apenas levando-se em consideração seu substrato físico, pois a cidade é constituída tanto por um conjunto de técnicas construtivas que vão delineando e formando o espaço urbano como também pelas vivências sociais e individuais específicas de cada sociedade. Assim, ao se analisar o processo de formação de Santo Antônio de Goiás, viu-se que a cidade é algo que deve ser estudada como um fenômeno que exige abordagens interdisciplinares.

Na construção do núcleo urbano de Santo Antônio de Goiás, considerou-se o elemento humano (as pessoas que viriam habitá-la), em consequência disso, a base material da cidade que é apresentada na atual forma permitiu compreender em que medida ela corresponde a uma subjetividade coletiva. Esta relação dos habitantes de Santo Antônio de Goiás com a cidade permitiu reconstruir a história da mesma e o entendimento que ambos possuem partindo de seus significados relacionais.

A atual forma da cidade partiu do esforço coletivo dos migrantes, que para ali foram e construíram a cidade a partir de suas concepções, suas crenças, seus valores, enfim suas visões de mundo.

O modo de vida dos pioneiros, construtores do novo núcleo, pôde ser analisado a partir do lugar que habitavam, pois eles desenvolveram culturalmente e cognitivamente com o lugar de sua existência, bairros rurais. Assim identificou-se os primeiros habitantes como camponeses, que levavam o modo de vida rural caracterizados no movimento denominado frente de expansão, que se assemelham profundamente aos caipiras paulistas descritos por Antonio Candido (1979). Verifica-se que as concepções e modos de vidas dos primeiros habitantes da região que viria a ser a cidade de Santo Antônio de Goiás, embora sejam de diferentes partes do Brasil, possuíam os mesmos valores, tipicamente caipiras.

Os pioneiros desenvolveram também sua religiosidade e, conseqüentemente sentiram a necessidade de um local sagrado, não só para reverenciar seus santos e divindades ou manifestar sua fé, mas sobretudo para reavivar seus valores e tradições culturais. Desde a sua origem a cidade de Santo Antônio de Goiás é marcada por elementos sagrados, tanto sagrado materializado nas estátuas e monumentos, e mais que isso, ela está representada e permeada pela religiosidade, pelos vários princípios morais, éticos, e filosóficos da sua comunidade. Portanto, a construção do espaço urbano apresentou traços fortemente marcados pela religiosidade desde o princípio.

Nesse contexto, Santo Antônio de Goiás se desenvolveu nos arredores da Igreja, sem praticamente nenhum planejamento urbano, o espaço urbano de Santo Antônio de Goiás foi ocupado à medida em que os migrantes chegaram e se instalaram. Existem peculiaridades na formação do núcleo urbano. Este surgiu inicialmente como um posto comercial, ao se projetar a partir de uma “venda”, às margens de uma estrada. O conjunto urbano foi formado a partir da necessidade das pessoas que para ali migraram, tendo primeiro a venda, que posteriormente foi transformada em um supermercado. Em seguida construiu-se a capela para reverenciar suas divindades e as moradias que aumentaram em torno da mesma.

As correntes migratórias, portanto, também tiveram um papel fundamental na origem, formação e desenvolvimento da cidade de Santo Antônio de Goiás. No entanto, esta migração foi impulsionada com a Marcha para o Oeste após a implantação na região do Ministério da Agricultura, e posteriormente com a implantação da EMBRAPA – Arroz e Feijão no lugar deste. A instalação desses órgãos públicos incentivou uma leva de migrantes que somada à população existente na região deu origem à cidade de Santo Antônio de Goiás. Cabe ressaltar também que a configuração do espaço, que se tornou a cidade, foi resultado do trabalho de uma coletividade, que se concretizou com o desejo, esforço e vontade de um grupo de pessoas simples, empenhadas em construir um novo lugar para viver nos moldes tradicionais.

Constituído primeiramente como um povoado, depois elevado a Distrito de Goianira, a chegada da EMBRAPA – Arroz e Feijão, que veio substituir o Ministério da Agricultura que não só propiciou nova leva de migrantes para a região como o

desenvolvimento tanto no setor econômico, político e social, gerou empregos e benefícios sociais como a lavoura comunitária.

Analisando o desenvolvimento da região pelas correntes migratórias, outro fator que estimulou e tem estimulado a migração para esta região é a sua localização geográfica estratégica próxima à capital, propiciando aos cidadãos santoantonienses residir na cidade e trabalhar e/ou estudar em Goiânia.

Ficou evidenciado ainda que ações políticas também contribuíram para o crescimento e desenvolvimento da cidade. A cidade foi elevada à categoria de município graças a seus moradores que como candidatos a cargos políticos reivindicaram melhorias para esta. Mas foi a partir da constituição de 1988, que com sua política de descentralização propiciou a emancipação política da cidade e de outros municípios. Nesse contexto a cidade pôde se desenvolver e sofreu mudanças mais significativas. Com a emancipação a cidade passou a receber inúmeros benefícios públicos para o bem estar da população. Como percebeu-se mudanças ocorreram tanto na infraestrutura, como nos setores social e cultural da cidade.

Entretanto, mesmo com essas transformações que trouxeram para o município novos valores, as tradições culturais e religiosas do povo santoantoniense foram mantidas e preservadas. Ainda hoje em Santo Antônio de Goiás acontecem as festas populares religiosas. Essas são muitas e acontecem o ano todo, entretanto, a mais tradicional e que se agrega um grande contingente de fieis é a festa do Santo Padroeiro, isto é, a festa do Santo Antônio, que deu origem ao nome da cidade. Essas festas religiosas são elementos de coesão e consolidação da comunidade católica, bem como elemento que constitui a identidade desse povo.

Mesmo a cidade tendo a marcante presença da igreja católica na sua origem e desenvolvimento, e tendo como signo Santo Antônio, religiões protestantes e espíritas foram instaladas na cidade mais recentemente, ocorrendo, portanto, a divisão de territorialidades. A partir disso percebeu-se que a comunidade católica e a comunidade evangélica disputam o domínio do território religioso por meio das práticas e construções materiais, como exemplo os monumentos que representam ambas logo na entrada da cidade, também pela luta por representatividade política que conferiu à comunidade evangélica o seu estabelecimento efetivo nessa disputa. Essa divisão de territorialidades

entre ambas comunidades evidencia o encobrimento de outras comunidades religiosas, ou seja, o centro espírita Batuíra e o centro espírita cristão Vale do Amanhecer. Apesar da comunidade evangélica disputar o domínio do território religioso com a comunidade católica, essa se mantém hegemônica.

A cidade de Santo Antônio de Goiás, portanto, demonstra como a religiosidade imprimiu, desenhou o espaço urbano e suas territorialidades. Presencia-se o crescimento urbano e em consequência disso a mudança do centro geográfico e nesse sentido a igreja católica acompanha essas transformações por meio da construção de um novo templo. Tais transformações denotam a dimensão religiosa na formação do espaço urbano em Santo Antônio de Goiás.

Portanto, a identidade cultural do povo santoantoniense pode, ser representada a partir de tal territorialidade, a qual é desenhada por meio dos símbolos das práticas religiosas, dos grupos religiosos que a compõem. Estes grupos por sua vez, produzem material e imaterialmente suas marcas que imprimem a situação de conflito, de negociação e de disputa pelo domínio do território religioso em Santo Antônio de Goiás. Evidencia-se também que os símbolos e as práticas transitam pelas diferentes esferas que preenchem o espaço geográfico desta cidade dando sentido por meio das manifestações e ressignificações da fé que são produzidas e reproduzidas pelos indivíduos que cruzam os limites territoriais e promovem tanto a difusão desses sentidos quanto a intensificação das disputas pela legitimidade e hegemonia no território e sua íntima relação com a religiosidade ali desenvolvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. In: *Revista da ANPEGE*. ANPEGE, ano 1, nº 1, Curitiba-PR, 2003.

BERTAZZO, Giuseppe. *De Veneza a Nova Veneza: Imigração italiana em Goiás, 1912. 1992. 133f.* Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1992.

BONNEMAISON, Joel. Viagem Em Torno Do Território. In: *Geografia cultural: Um século*. Rio de Janeiro: EdVERJ, 2002.

BORGES, Antônio Gonçalves. *História do município de Santo Antônio de Goiás*. Goiânia: Keops, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O Poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia*. São Paulo: Papirus, 1976.

_____. *A cultura na rua*. São Paulo: Papirus, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.

CHAUL, N.F. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia: UFG, 1988.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da “Decadência” aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

COULANGES, Fustel. *A Cidade antiga*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1984.

_____. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral – Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Lys Elizabeth Amorim Melo. A marcha para o oeste e a criação da colônia agrícola nacional de Goiás. In: *Sociedade e Cultura*. Goiânia, Ed. UFG, v.2, n.1, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Goiás – Santo Antônio de Goiás. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/municipios/tabelas.php?codmun=1973&uf=52&descricao=Santo%20Ant%C3%B4nio%20de%20Goi%C3%A1s>> . Acessado em: 14 set. 2009.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Imagens e símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O Sagrado e o profano: A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESTEVAM, L. *O Tempo da transformação – Estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia: Ed. Cegraf/UFG, 1998.

FAISSOL, S. *O Mato Grosso de Goiás*. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

FERREIRA, Amauri C. & GROSSI, Yonne. *Dos lugares: Cidade e imaginário religioso*. Belo Horizonte, (EDITORA), 2005.

FRANÇA, Maria de Souza. *Povoamento do sul de Goiás: 1872-1900*. Estudo da dinâmica da ocupação espacial. 1975. 170f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1975.

GANDARA, Gercinair. Silvério. *Uruaçu: Cidade-beira, cidade-fronteira (1910-1960)*. Goiânia: Ed. Mestrado em História da Universidade Federal de Goiás, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, G. M.; MAC DOWELL, M. C. *Descentralização política, federalismo fiscal e criação de municípios: o que é mau para o econômico nem sempre é bom para o social*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Brasília, (texto para discussão) n. 706, p. 1-27, fev. 2000. Disponível em:

<<http://www.google.com/search?q=Descentraliza%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtica%20federalismo%20fiscal%20e%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20munic%C3%ADpios%3A%20o%20que%20%C3%A9%20mau%20para%20o%20econ%C3%B4mico%20nem%20sempre%20%C3%A9%20bom%20para%20o%20social&sa=N&hl=pt-BR&tab=sw>>. Acesso em: 14 set. 2009.

_____. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

HAESBAERT, Rogerio. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LENHARO, Alcir. A civilização vai ao campo: sindicalismo e cooperativismo rural a partir da década de 30. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 34, p.07-19,1985.

_____. Estado Novo, Estado Velho: Novas direções historiográficas. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 35, p. 07-13,1986-1987.

_____. A Marcha para o azul. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 33, p. 07-19, 1984.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril, 1978.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARX, Murillo. *Cidade brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

MIGNOLLO, Walter. *Histórias Locais/ Projetos Globais*. colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MORAES, Antônio Carlos R. *Ratzel: Geografia*. São Paulo: Ática, 1990.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: Suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *A cultura das cidades*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

OMEGNA, Nelson. *A cidade colonial*. Brasil: Ebrasa, 1971.

PALACIN, Luis. Os Três povoamentos de Goiás. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia:, n. 8, 1979.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano. In: *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1973.

PEREIRA, Ivone Aparecida. *Em Nome dos Santos Reis: Uma história de protagonismo e mediações em Santo Antônio de Goiás*. 2005, Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Imaginário da cidade: Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRJ, 1999.

PINHEIRO, Antônio César Caldas. *Os tempos míticos das cidades goianas: Mitos de origem e invenção de tradições*. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

POLONIAL, Juscelino Martins. *A estrada de ferro Goiás e o processo de urbanização de Anápolis (1907-1935)*. 1994.145f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1994.

PORTO, Mauricio Rodrigues. Ministério da Agricultura. In: *Agricultura de Goiás: Análise e Dinâmica*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004, .

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução urbana do Brasil*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1968.

ROCHA, L. M. *A marcha para o oeste e os índios do xingu*. Série Índios do Brasil, Brasília, v. 2, 1992.

_____. *A política indigenista no Brasil 1930-1967*. 01. ed. Goiania: Editora da UFG, 2003. v. 01. 264 p.

ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto L. (Orgs). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdERJ, 1999.

_____. (Orgs). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. Difusão e territórios diocesanos no Brasil: 1551-1930. In: *Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, v. X, nº 218 (65), Universidade de Barcelona, ago, 2006.

_____. Espaço, cultura e religião: Dimensões de análise. In: *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Espaço e religião: Uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. O povoamento de Goiás (1736-1980). In: *Revista do ICHL*. Goiânia: UFG, v.I. n. I, 1981.

SASSI, Mário. *Sob os olhos da clarividente*. Brasília, DF: Ed. Ordem Espiritualista Cristã, 2000.

SCHIMDT, João Pedro. *O que pensam os jovens hoje* – imaginário social dos estudantes dos vales do rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul: publicação própria, v. 1, 1996, p. 1 - 144.

SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa (Orgs). *Sociologia das adesões: Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro, editora Garamond, 2003.

SILVA, Antônio Moreira da. Dossiê de Goiás - Enciclopédia Regional: Um Compêndio de informações sobre Goiás, sua história e sua gente. Goiânia: Master Publicidade, 2001. 658 p. (Série II).

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *A Expansão do povoamento em Goiás: Século XIX*. 1991.137f. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1991.

TOMIO, Fabricio Ricardo de Limas. A criação de municípios após a Constituição de 1988A Criação de municípios após a Constituição de 1988. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 17, n. 48, Fev. 2002 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 14 set. 2009.

VELHO, Otávio Guilherme. *Frentes de expansão e estrutura agrária: Estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica*. Rio de Janeiro: Ed. ZAHAR, 1972.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília, editora UnB, 2009, p. 30-35.

ZELAYA, Neiva Chaves. *Tia Neiva: autobiografia missionária*. Brasília, DF: Editora Indepente, 1992.

Fontes:

A. C. M. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 02/ 05/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 26 min.

J.R. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 25/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 25 min.

D.F.S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 29/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 31 min.

O. M. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 22/ 09/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 18 min.

J.Q. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 17/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 110 min.

I. P. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 23/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 42 min.

I. C. da S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 23/ 04/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 51 min.

A. A. M. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 22/ 01/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 27 min.

L. A. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 14/ 09/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 65 min.

T. M. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 18/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 33 min.

A. F. J. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 29/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 120 min.

O. L. G. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 02/ 05/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 105 min.

O. C. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 30/ 04/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 30 min.

R. P. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 20/ 05/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 30 min.

S. G. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 07/ 07/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 95 min.

R. A. F. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 14/ 09/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 64 min.

R. M. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 02/ 05/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 26 min.

D. M C. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 24/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 17 min.

A. F. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 08/ 01/09. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 27 min.

L. V. C. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 30/ 03/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 95 min.

V. A. S. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 06/ 05/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 35 min.

J. S. L. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 23/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 34 min.

M. T. Entrevista concedida à Daiane Aparecida Tonaco. em 24/ 06/08. Santo Antônio de Goiás – GO. Cd-Rom, 23 min.

Documentos Avulsos:

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. Decreto-lei nº 2363, de 9 de dezembro de 1958. Cria o município de Goianira e dá outras providências, 1958.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. Decreto-Lei n 08, de 01.04.1961 – Confirmado a construção de prédio para grupo escolar no povoado de Santo Antônio, Município de Goianira, 1961.

BRASIL. Decreto-Lei nº 10.653 de 26 de setembro de 1968. Diário Oficial [do] Estado de Goiás, Poder Executivo, Goiânia, GO, 4 de nov. 1968, p. 1.

BRASIL. Decreto-Lei nº 16.103 de dezembro de 1990. Diário Oficial [do] Estado de Goiás, Poder Executivo, Goiânia, GO. Constituição do distrito sede de Santo Antônio de Goiás.

BRASIL. Estado de Goiás. *Escritura pública de compra e venda*. Registro de Imóveis e Tabelionato 1º de Notas. Comarca de Goianira. Livro: 48, fls. 193/194, 27 de nov. de 2000.

CAMÂRA MUNICIPAL DE SANTO DE SANTO ANTONIO DE GOIÁS. Lei orgânica do município de Santo Antonio de Goiás.

GOIÁS. Lei nº 10.507 de maio de 1988. Cria o município de Santo Antônio de Goiás.

GOIÁS. Lei nº 11.360 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a criação do município de Santo Antônio de Goiás.

GOIANIRA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. Decreto-lei nº 589/89, de 8 de fevereiro de 1993. Cria as sub-prefeituras, cargos e da outras providências, 1989.

GOIANIRA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. Decreto-lei nº 674/92, de 7 de dezembro de 1992. Desafeta área e autoriza a doar área. – Confirmando a doação de uma área para a construção de uma igreja evangélica no Município, 1992.

GOIANIRA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. Decreto-lei nº 684/93, de 8 de fevereiro de 1993. Autoriza a doação de bens públicos e dá outras providências, 1993.

GOIANIRA, PREFEITURA MUNICIPAL DE. Projeto de lei nº 054/93, de 19 de novembro de 1993. Institui a bandeira do município de Santo Antônio de Goiás. – Cria a bandeira do Município de Santo Antônio de Goiás, 1992.

Ginásio de Esportes De Santo Antônio de Goiás. Santo Antônio de Goiás. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de jan. 2005, p. 11.

Ginásio de Esportes De Santo Antônio de Goiás. Santo Antônio de Goiás. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de jan. 2005, p. 12.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito e do Vice – Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1961.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1961.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1966.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1970.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1970.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito do Município de Goianira*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1970.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse da Mesa Diretora da Câmara Municipípaç de Goianira*, sessão realizada no dia 01 de jan. 1991.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1973.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1973.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse dos Vereadores*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1973.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse dos Vereadores*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1977.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito*, sessão realizada no dia 31 de jan. 1977.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Vice - Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de fev. 1983.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse dos Vereadores*, sessão realizada no dia 01 de fev. 1983.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de jan. 1989.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse dos Vereadores*, sessão realizada no dia 01 de jan. 1989.

Plenário da Câmara Municipal. Goianira. Goiás. *Ata do Termo de Posse de Vereador Eventual* de sr. João Gonçalves Filho, sessão realizada no dia 01 de out. 1991, p. 5.

Salão Paroquial Dom Fernando Gomes dos Santos. Santo Antônio de Goiás. *Sessão Solene de Instalação do Município e da Legislatura 1993 – 1996*, Santo Antônio de Goiás. Ata do Termo de Posse do Prefeito, sessão realizada no dia 01 de jan. 1993, p. 2.

Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas. Projeto Aberem. Goiânia, 2005. Disponível em: <http://www.cieaa.ueg.br/downloads/documentos/projeto-aberem.pdf> Acessado em: 22 fev de 2010.

Salão Paroquial Dom Fernando Gomes dos Santos. Santo Antônio de Goiás. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de jan. 1997, p. 5.

Salão Paroquial Dom Fernando Gomes dos Santos. Santo Antônio de Goiás. Goiás. *Ata do Termo de Posse do Prefeito*, sessão realizada no dia 01 de jan. 2001, p. 8.

SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. Decreto-Lei n 367/2006, de 22.12.2006 – Sobre Política Urbana, Plano Diretor e o Processo de Planejamento do Município de Santo Antônio de Goiás.

Documento particular

BRASIL. Estado de Goiás. *Escritura pública de doação pura e simples*. Registro de Imóveis e Tabelionato 1º de Notas. Comarca de Goiânia. Livro: 275, fls. 101/103, 09 de mai. de 1961.

SOYER, Luiz Alberto; BRITO, Vilmar, Alves de. *Termo de inventariante*. Goianira, 12 de fev. 1980, fls. 02 – 07.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. *Atividades do Ministério da Agricultura em 1951*. Rio de Janeiro, 1952.

Fotografia:

EMBRAPA - Arroz e Feijão. *Estrada que liga Santo Antônio de Goiás à Goiânia, antes de sua pavimentação*. 1 fotografia.

EMBRAPA-ARROZ E FEIJÃO. *Capela da colônia de trabalhadores*. 1 fotografia

EMBRAPA-ARROZ E FEIJÃO. *Pavimentação do trecho da GO-462 que liga Goiânia a Santo Antônio de Goiás*. 1 fotografia

PREFEITURA DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. *1954 começaram a surgir as primeiras casas de alvenaria de forma desordenada*. 1998, 1 fotografia.

PREFEITURA DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. *Construção da igreja católica*. 1998, 1 fotografia.

PREFEITURA DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. *Escola Municipal Santa Rita*. 1998, 1 fotografia.

PREFEITURA DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. *Bandeira do município de Santo Antônio de Goiás*. 1998, 1 fotografia.

PREFEITURA DE SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS. *Grupo escolar João Brasil*, 1 fotografia.

TONACO, Daiane Aparecida. *Traçado do primeiro loteamento feito no então povoado de Santo Antônio de Goiás realizado por Antônio Genoveva*. (projeção de memória). 2008, Originais em papel vegetal.

TONACO, Daiane Aparecida. *Traçado da estrada que ligava Nova Veneza (Antiga Goianáz) a Campinas* (projeção de memória). 2008, Originais em papel vegetal.

TONACO, Daiane Aparecida. *Colégio Estadual Padre Alexandre de Moraes*. 2008, 1 fotografia.

TONACO, Daiane Aparecida. *Hospital Municipal de Santo Antônio de Goiás*. 2008, 1 fotografia.

TONACO, Daiane Aparecida. *Imagem do padroeiro da cidade, entrada de Santo Antônio de Goiás*. 2008, 1 fotografia.

TONACO, Daiane Aparecida. *Entrada da cidade*. 2008, 1 fotografia.

TONACO, Daiane Aparecida. *Símbolos que constituem um cenário logo na entrada da cidade*. 2008, 1 fotografia.

Jornais

Resumo Histórico de Santo Antônio de Goiás. Informativo Santo Antônio de Goiás, p. 1.

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO E DO DESENVOLVIMENTO. Anuário Estatístico do Estado de Goiás – 2005. Goiânia: SEPLAN, 2005, 823p.

Mapa

Laboratório de processamento de imagens e geoprocessamento. (Elaine Barbosa da Silva), Goiânia, GO. *Hidrografia do município de Santo Antônio de Goiás*. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2007, Escala 1:1000.000.

Laboratório de processamento de imagens e geoprocessamento. (Elaine Barbosa da Silva), Goiânia, GO. *Mapa dos limites geográficos de Santo Antônio de Goiás*. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2007, Escala 1:1000.000.

Demonstrativos:

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. *EMBRAPA Arroz e feijão conheça a EMBRAPA arroz e feijão*.1999, Santo Antônio de Goiás, GO, ACE Comunicação Empresarial, 1 folder.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista. Roteiro para M. T. A. A. S.

Nome:

Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

Quando o sr.^o. (sr.^a.) veio para a cidade? onde morava antes?

Quando chegou qual foi a impressão que teve da cidade?

Quais foram as transformações que a senhora percebeu ao longo de sua estada na cidade?

Quais foram os motivos que a trouxeram para a cidade?

O que a senhora acha da população de Santo Antônio de Goiás?

Como se deu a construção da O.N.G.? Da sua sede e da formação da O.N.G. em si?

Como é a participação da população em sua O.N.G.?

Como a O.N.G. se envolve nos problemas sociais? Qual o protocolo seguido?

Quais os projetos sociais que a senhora implementou até hoje e quais pretende ainda implementar?

Como se deu a escolha do local para instalar a O.N.G.?

Como a senhora faz para a população participar e ajudar na organização do O.N.G.?

A senhora é a presidente da O.N.G.? Como a senhora delega as tarefas entre os outros membros?

Quais são os recursos que a O.N.G. recebe?

Há algum envolvimento da igreja com a O.N.G.?

A morte da sua filha foi o que motivou a criação da Casa de Solano?

Há algum vínculo entre a Casa de Solano e o projeto Lavoura Comunitária?

Qual o número de voluntários que trabalham com a senhora? E funcionários?

Há algo que a senhora queira acrescentar com a O.N.G.?

A senhora acredita o governo municipal poderia contribuir em algo para a O.N.G.? Ou considera que este já esteja fazendo papel significativo?

As igrejas e os centros espíritas já realizaram alguma ação efetiva para auxiliar a O.N.G.?

Roteiro de entrevista. Roteiro para os pioneiros da cidade:

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr^o. (sr^a.) veio para a cidade? onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia/ por que e quando se mudou para Sto. Antônio de Goiás?
5. O que existia aqui quando o sr^o. (sr^a.) chegou? Como era o lugar?
6. E as pessoas, haviam quantas famílias, aproximadamente, nas chácaras? Quantas chácaras haviam?
7. Havia comércio ou “vendas”? quantas?
8. Quais produtos eram mais vendidos (comercializados) na época?
9. Quais eram as principais dificuldades, que o sr^o. (sr^a.) se lembra, enfrentadas nesse período, (perguntar sobre dificuldades econômicas, locomoção e comunicação)?
10. Quando o sr^o. (sr^a.) se lembra de ter iniciado a cidade? Primeiros anos?
11. Quais foram as primeiras construções da cidade? (igrejas; comércio; vendas de alvenarias) Quando e como foram construídas?

Sobre a política e as instituições:

12. Quando começaram os grupos políticos? Quem participou?
13. Onde eles se reuniam? Quais eram os principais objetivos? Objetivos das reuniões? (distrito de Goianira).

Proximidade de Goiânia.

14. Como é a relação da cidade de Santo Antônio de Goiás com Goiânia?
15. A proximidade com Goiânia é benéfica?
16. Quais são os lugares mais importantes da cidade para o sr^o. (sr^a.)

17. Qual o lugar da cidade que o srº. (srª.) considera mais importante como lugar de construção da cidade ou formação da cidade?
18. A cidade, é tranquila? Os problemas são de que ordem?

Ministério da Agricultura.

19. Quando a Embrapa chegou? (perguntar sobre a colônia)
20. Qual a sua importância para a cidade?
21. Quem trabalhou?
22. Quais foram às mudanças que o srº. (srª.) percebeu na vida do povo daqui?
23. Há uma lavoura comunitária próxima a Embrapa, o srº. (srª.) pode falar um pouco a esse respeito? Quem foi responsável? Como funciona a distribuição dos alimentos? Os beneficiários? E sua opinião?

Sobre a religiosidade

24. O srº. (srª.) é devoto de que santo? Qual é a importância dele ou desse fato para o srº. (srª.)? por que o srº. (srª.) é devoto desse santo?
25. Por que a cidade tem o nome do Santo Antônio?
26. Qual o significado da estátua de Santo Antônio e a Bíblia na entrada da cidade?
27. O srº. (srª.) acha que elas fazem uma boa apresentação a respeito do que a cidade é / ou representa ser?
28. O povo da cidade é muito religioso?
29. E as outras igrejas ? há um bom convívio entre as religiões, ou entre os religiosos de diferentes religiões?
30. Quando essas igrejas surgiram? Qual a importância delas construção das cidades? Elas atraem muitas pessoas?
31. Quantas igrejas há hoje? O que acha disso?
32. Quem realiza as festas religiosas (folias, quermeces, festa do padroeiro)? Sociedade (povo), prefeitura, igreja. Quem as organiza?
33. Há centros espíritas aqui? Onde? O que o srº. (srª.) acha dessa religião?

34. Quando foi construído a estátua de Santo Antônio? Quem construiu? Foi um grupo de famílias, a igreja católica ou a prefeitura?
35. E o arquétipo da Bíblia? Foi a igreja evangélica ou a católica?
36. O que essas imagens representam para a cidade? E para o sr°. (srª.)?
37. Qual a importância da religião na cidade?
38. Como o sr°. (srª.) e a população vive a religião aqui em Santo Antônio de Goiás?

Roteiro de entrevista. Roteiro para os pioneiros da cidade: Roteiro específico para senhor O L. G.

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr^o. (sr^a.) veio para a cidade? onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia/ por que e quando se mudou para Sto. Antônio de Goiás?
5. O que existia aqui quando o sr^o. (sr^a.) chegou? Como era o lugar?
6. E as pessoas, haviam quantas famílias, aproximadamente, nas chácaras? Quantas chácaras haviam?
7. Havia comércio ou “vendas”? quantas?
8. Quais produtos eram mais vendidos (comercializados) na época?
9. Quais eram as principais dificuldades, que o sr^o. (sr^a.) se lembra, enfrentadas nesse período, (perguntar sobre dificuldades econômicas, locomoção e comunicação)?
10. Quando o sr^o. (sr^a.) se lembra de ter iniciado a cidade? Primeiros anos?
11. Quais foram as primeiras construções da cidade? (igrejas; comércio; vendas de alvenarias) Quando e como foram construídas?

Sobre a política e as instituições:

12. Quando começaram os grupos políticos? Quem participou?
13. Onde eles se reuniam? Quais eram os principais objetivos? Objetivos das reuniões? (distrito de Goianira).

Proximidade de Goiânia.

14. Como é a relação da cidade de Santo Antônio de Goiás com Goiânia?
15. A proximidade com Goiânia é benéfica?
16. Quais são os lugares mais importantes da cidade para o sr^o. (sr^a.)
17. Qual o lugar da cidade que o sr^o. (sr^a.) considera mais importante como lugar de construção da cidade ou formação da cidade?

18. A cidade, é tranquila? Os problemas são de que ordem?

Ministério da Agricultura.

19. Quando a Embrapa chegou? (perguntar sobre a colônia)

20. Qual a sua importância para a cidade?

21. Quem trabalhou?

22. Quais foram as mudanças que o srº. (srª.) percebeu na vida do povo daqui?

23. Há uma lavoura comunitária próxima a Embrapa, o srº. (srª.) pode falar um pouco a esse respeito? Quem foi responsável? Como funciona a distribuição dos alimentos? Os beneficiários? E sua opinião?

Sobre a religiosidade

24. O srº. (srª.) é devoto de que santo? Qual é a importância dele ou desse fato para o srº. (srª.)? por que o srº. (srª.) é devoto desse santo?

25. Por que a cidade tem o nome do Santo Antônio?

26. Qual o significado da estátua de Santo Antônio e a Bíblia na entrada da cidade?

27. O srº. (srª.) acha que elas fazem uma boa apresentação a respeito do que a cidade é / ou representa ser?

28. O povo da cidade é muito religioso?

29. E as outras igrejas ? há um bom convívio entre as religiões, ou entre os religiosos de diferentes religiões?

30. Quando essas igrejas surgiram? Qual a importância delas construção das cidades? Elas atraem muitas pessoas?

31. Quantas igrejas há hoje? O que acha disso?

32. Quem realiza as festas religiosas (folias, quermeces, festa do padroeiro)? Sociedade (povo), prefeitura, igreja. Quem as organiza?

33. Há centros espíritas aqui? Onde? O que o srº. (srª.) acha dessa religião?

34. Quando foi construído a estátua de Santo Antônio? Quem construiu? Foi um grupo de famílias, a igreja católica ou a prefeitura?

35. E o arquétipo da Bíblia? Foi a igreja evangélica ou a católica?

36. O que essas imagens representam para a cidade? E para o srº. (srª.)?

37. Qual a importância da religião na cidade?

38. Como o sr^o. (sr^a.) e a população vive a religião aqui em Santo Antônio de Goiás?

Perguntas específicas para o sr. O. L. G.:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Em se tratando de melhorias e sobre o desenvolvimento de Santo Antônio de Goiás, o que o sr. considera importante para que o município se desenvolva?• Qual o principal ponto que a política em Santo Antônio de Goiás deveria priorizar? O que o povo precisa?• A população reivindica essas necessidades?• Durante os seus três mandatos o que foi realizado no município? |
|---|

Roteiro de entrevista. Roteiro para funcionário da EMBRAPA arroz - feijão:

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr. (sr^a.) veio para a cidade? onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia/ por que e quando se mudou para Sto. Antônio de Goiás?
5. O que existia aqui quando o sr. (sr^a.) chegou? Como era o lugar?
6. Quando o sr. se instalou na cidade, foi para trabalhar diretamente na EMBRAPA?
7. Qual é a relação da EMBRAPA com o crescimento e desenvolvimento da cidade de Santo Antônio de Goiás? Relacione isso com as esferas, econômica, política, social e cultural.
8. Sabe-se que há uma colônia de trabalhadores na EMBRAPA. Como é o funcionamento dessa?
9. Qual a relação dos moradores da colônia com a cidade?
10. Há quantos anos o sr. trabalha na EMBRAPA?
11. A respeito dos colonos o sr. vê alguma diferença dos moradores da colônia com os moradores da cidade?
12. E a vida cotidiana entre eles? Há alguma distinção?
13. O que existe dentro da colônia (igreja, comércio)?
14. O sr. saberia informar se existem evangélicos residindo lá?
15. Dentro da colônia existe alguma reunião, formalizada, de cunho evangélico?
16. Existe o projeto da lavoura comunitária vinculada a prefeitura de Santo Antônio de Goiás, como funciona este projeto?
17. Quais foram os órgãos incentivadores deste projeto? Quem coordena o projeto?
18. A EMBRAPA se alia alguns projetos desenvolvidos na cidade além da lavoura comunitária?
19. A estrada, GO – 462, foi concluída na década de 1990, a EMBRAPA também acelerou este processo?
20. Qual a participação da EMBRAPA na implantação do transporte de Goiânia para Santo Antônio de Goiás?
21. No que se refere à educação, há algum curso oferecido pela EMBRAPA para a população santoantoniense?

Roteiro de entrevista. Roteiro para J. Q.:

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr.^o. (sr.^a.) veio para a cidade? Onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia / por que e quando se mudou para Santo Antônio de Goiás?
5. O que o senhor achou da cidade?
6. O senhor sabe me falar a respeito da construção da igreja católica aqui na cidade?
7. Há uma lavoura comunitária próximo a Embrapa, o senhor pode falar um pouco a esse respeito?
8. Qual é a opinião do senhor a respeito das imagens que compõe o trevo, na entrada da cidade, o senhor acha que elas fazem uma boa apresentação da cidade, ou ainda o que a cidade representa ser?
9. O senhor sabe me informar porque a cidade tem o nome de Santo Antonio? O senhor já ouviu falar algumas histórias a respeito do apelido quiabo assado?
10. Quais são os lugares mais importantes da cidade pro senhor, qual o lugar que o senhor considera mais importante como lugar de construção da cidade ou formação da cidade?
11. Quais são os lugares que não pode deixar de visitar?
12. Existem folias na cidade a bastante tempo, e essa é uma tradição popular, o senhor sabe me falar a respeito?
13. Porque a igreja não participa ativamente da folia, na organização, no desenvolvimento da própria festa?
14. Em relação as quermesses, ou a festa do padroeiro da cidade, qual foi o principal motivo durante a festa, do senhor como um pároco e da igreja em geral?
15. O senhor considera a população de Santo Antonio muito religiosa?
16. O catolicismo aqui é popular?
17. Qual é a meta da construção da nova paróquia, quando vai entregar? Dentro dessa meta, desse objetivo de construir a igreja, a festa foi satisfatória?
18. Qual o objetivo das alvoradas durante a festa do santo padroeiro?
19. A festa é um processo, ao qual se inicia com a alvorada e termina com a missa e com a procissão, qual é o significado desse ritual? Esse ritual tem relação com a missa, com a alvorada, tem uma relação de todo esse grande arsenal religioso, de práticas religiosas?
20. Existem temas específicos durante a celebração, qual é o critério de escolha desse tema? A comunidade participa e influencia nas escolhas e na elaboração desses temas?
21. Qual a importância dos leilões durante a festa?

22. Como o senhor vê a relação entre o sagrado e o profano durante as relação festas?
23. Como o senhor visualiza a participação da comunidade na festa, pois há pessoas que só vão as festas e outras vão tanto nas missas quanto nas festas, o senhor acredita que as festas podem trazer os fieis para a igreja?
24. As novenas de Nossa Senhora era uma grande festa quanto a festa do padroeiro e a dois anos ela deixou de ocorrer da forma tradicional, por que?
25. Era tradição cultural na cidade há muitas décadas haver festeiros durante as quermesses e as novenas de nossa senhora, e depois, como isso foi mudado, porque passou para o domínio de uma comissão de doze ou mais pessoas da igreja, o por que disso?
26. Como a igreja se insere na comunidade, ou é o contrário?
27. Qual a ideologia que o senhor segue dentro da igreja católica?
28. Qual é a relação da igreja com o governo municipal?
29. Quais são os projetos sociais que a igreja desenvolve aqui na cidade de Santo Antonio de Goiás, se caso não houver, pretende implementá-los?
30. Alguns relatos demonstram que há um descaso com a praça matriz por parte do poder público ou ainda do poder executivo, em decorrência ao impedimento da igreja em relação à reforma da mesma por que, por que há esse descaso, falta de reforma, qual que é o motivo?
31. A respeito de outras religiões, saberia informar se existem centros espíritas?
32. O senhor sabe me dizer se houve uma perda substancial de membros católicos para igrejas evangélicas e para centros espíritas?
33. Qual é a relação da igreja católica com as outras igrejas e com os centros espíritas, como a igreja vê estas outras instituições? Em relação ao espiritismo, o senhor vê a relação da mesma forma, tanto na base quanto em relação à comunidade?
34. A mudança de local da igreja, vai gerar um certo? Uma diferenciação na estrutura da cidade?
35. Então no caso vai ter uma mudança de território religioso?

Roteiro de entrevista. Roteiro para a comunidade evangélica

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr^o. (sr^a.) veio para a cidade? onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia/ por que e quando se mudou para Santo Antônio de Goiás?
5. O que existia aqui quando o sr^o. chegou? Como era o lugar?
6. Quais foram as primeiras construções aqui da cidade, o senhor sabe me dizer?
7. Qual foi o motivo que o trouxe para essa vila?
8. Qual era a atividade econômica que o senhor realizava?
9. O senhor sabe me falar um pouco da Embrapa, quando ela chegou? Antes era Ministério da Agricultura, sendo assim o senhor sabe me contar dessa transição?
10. O senhor considera a importância da Embrapa grande para Santo Antônio?
11. Como você vê a relação de Goiânia com Santo Antonio?
12. Se Goiânia fosse mais longe, a cidade cresceria mais, economicamente, traria mais formas de trabalho para população?
13. Em se tratando de religião, qual é a sua religião?
14. O senhor sempre foi dessa religião?
15. Se não, Porque o senhor mudou de religião?
16. O que realmente tocou, ou despertou nessa religião para que o senhor decidisse mudar, que te chamou a atenção?
17. O que tem na religião evangélica que falta nas outras?
18. O senhor frequenta qual igreja evangélica?
19. O senhor sempre frequentou essa igreja Ministério Fama, aqui em Santo Antônio?
20. Como se deu, a inserção da comunidade evangélica na cidade? Neste sentido o senhor saberia informar como que se deu a construção da igreja do Ministério Fama na cidade? Quando o senhor chegou quem era o pastor?
21. Sobre a segunda igreja evangélica, o senhor sabe me dizer como essa se instalou? Em relação as demais, como foi o processo de instalação?
22. Qual é a participação do senhor na igreja?
23. Qual é o envolvimento da igreja evangélica com o governo municipal? Enfim com a política?

24. O que a igreja Assembléia de Deus busca ao apoiar candidatos durante as eleições ao pleito eleitoral?
25. Vocês fazem algumas reivindicações aos candidatos?
26. Tem algum membro da igreja que é presidente de algum partido?
27. O senhor apóia algum candidato, participa ativamente da política?
28. Existem membros da igreja que estão se candidatando para esse pleito que vai ocorrer agora a vereador?
29. A igreja está unida no que se refere a candidatos que vão apoiar, ou tem algumas divergências?
30. Esses prefeitos, vereadores que foram eleitos em Santo Antonio, que eram da igreja, tem alguma representatividade para igreja na câmara?
31. Como era a relação da igreja com a prefeitura na época em que o sr. O. S. foi prefeito?
32. Como o senhor vê as duas imagens, ou ainda as duas representações existentes na entrada da cidade? O senhor vê como uma demarcação de território de ambas comunidades religiosas?
33. A igreja realiza algum projeto social, ou ela fica meramente cuidando do desenvolvimento espiritual dos fiéis?
34. Existem algumas festividades católicas. E a igreja evangélica? Se, sim. Qual é o objetivo dessas festas?
35. Das festas católicas, o que o senhor acha?
36. Quais os lugares da cidade que o senhor considera mais importante?
37. Qual o lugar da cidade que o senhor considera um lugar de construção da cidade?
38. Há uma diversidade de igrejas aqui na cidade, o senhor vê isso como uma relação de conflito, de disputa?
39. Há centros espíritas aqui na cidade? O que o senhor acha dessas religiões?
40. Qual a importância da religião na cidade de Santo Antonio de Goiás?
41. O senhor ouviu dizer por que a cidade tem o nome de Santo Antônio? E o apelido quiabo assado, o senhor sabe, alguma história?
42. Como a população vive a religião na cidade? Tanto a religião evangélica, quanto a católica, quais são as praticas aqui que distinguem uma religião da outra?
43. E a igreja evangélica, qual é a prática que caracteriza os evangélicos?
44. Há algo mais que o senhor queira acrescentar?

Roteiro de entrevista. Roteiro para a comunidade espírita Cristão Vale do Amanhecer

1. Nome:
2. Idade? Em que ano nasceu?

Como se deu a construção da cidade:

3. Quando o sr^o. (sr^a.) veio para a cidade? onde morava antes?
4. Onde nasceu? O que fazia/ por que e quando se mudou para Santo Antônio de Goiás?
5. O que existia aqui quando o sr^o. (sr^a.) chegou? Como era o lugar?
6. Qual é a impressão, ou ainda a primeira impressão da cidade de Santo Antônio de Goiás?
7. O fato de o senhor ser espírita gera alguns problemas com outras pessoas, especificamente pessoas de outras religiões? Como o espírita é visto pela sociedade?
8. A sociedade de Santo Antônio de Goiás, como recebe e vê o Centro Espírita Cristão Vale do Amanhecer?
9. Qual a importância da religião na cidade de Santo Antônio de Goiás?
10. Aqui na cidade tem muitas festas religiosas, como o senhor vê esse fato?
11. Quais são as comemorações da doutrina espírita cristã Vale do Amanhecer?
12. Como se deu a escolha da cidade para instituir mais um templo do Vale do Amanhecer? Como se deu a escolha da cidade para instituir mais esse pronto socorro?
13. Como o senhor define a doutrina Vale do Amanhecer?
14. Da doutrina, da concepção da doutrina, qual é o comportamento que caracteriza a conduta do vale do amanhecer?
15. O livro da Tia Neiva fala de termos como vida iniciativa, cores berrantes e seus poderes, partindo disso eu fiz a seguinte questão: O que é a vida iniciativa com as cores berrantes e seus poderes?
16. O que seria os falsos preconceitos sociais que a senhora do espaço ou mãe Yara fala a vários ensinamentos a Tia Neiva?
17. O senhor falou de uma família que conhecia na cidade do outro centro que o senhor participava antes, quem é essa família?
18. Já é sabido que tem várias manifestações de preconceitos contra as religiões espíritas e de outras religiões de matrizes africanas, como o senhor vê isso, ou melhor como explica esse fato? Há vários preconceitos em torno da religião espírita.
19. Como o senhor explica isso? É... trazendo esse preconceito que é muito grande em todo o Brasil, em outras cidades, traz aqui para Santo Antônio de Goiás, qual é o nível de preconceito que o senhor vê aqui, como é a reação dos membros do centro, o senhor falando em nome de todos, diante desse preconceito?

20. A dona A. que é uma membro do Vale falou que na outra cidade que ela estava, e frequentava outro centro, outro templo, eles tinham o costume de já sair vestido com o uniforme e ir para o centro, e um dia o neto dela falou quando eles já estavam aqui em Santo Antonio de Goiás, “vó eu já posso ir vestido com o uniforme da doutrina para o Vale”, diante disso ela respondeu: “não, não aqui não pode”, sendo assim como o senhor explica isso? Isso já é o medo da reação da sociedade daqui da cidade?
21. Vocês se sentem totalmente a vontade pra expor e viver sua religião?
22. Eu posso dizer que esse preconceito se dá pelo fato de a religião espírita envolver muitos mistérios, porque tem algumas questões que não é aberta para todo mundo. Nós percebemos que há uma certa necessidade e há isso na doutrina do amanhecer, um costume de não mostrar para todos as suas práticas, ou seja, tem algumas regras que traz o conhecimento por parte de quem interessa saber e aprender toda essa doutrina, qual é o motivo de acontecer isso?
23. Na entrada da cidade tem um cenário construído com dois símbolos, de um lado Santo Antônio e do outro a Bíblia, como o senhor vê esse cenário?
24. Então digamos que lá tem uma representação da igreja católica e de outro lado da religião evangélica, o fato de não ter a representatividade do espiritismo gera alguma confusão para o senhor?
25. Quais são as raízes ou ancestrais que estão presentes na doutrina do Vale do Amanhecer, quais são as raízes que forma a doutrina?
26. O senhor poderia explicar melhor a passagem de pai seta branca como índio?
27. Essas várias concepções que a doutrina une para atender a todos, como se dá a passagem no Vale do Amanhecer de uma doutrina para outra, porque percebeu-se na própria estrutura do vale que tem setores e dentro desses setores tem as Raízes digamos assim, como se dá a passagem dessas concepções nos rituais?
28. Como se deu a conciliação de concepções, de deuses tão distintos, como dos incas, maias, astecas, africanas, com o cristianismo?
29. Quais são os passos que o homem tem que percorrer para chegar no ponto de equilíbrio?
30. Qual é a diferença da doutrina do amanhecer com as outras religiões?
31. Por que o Vale do Amanhecer de Santo Antônio de Goiás não tem todos os setores, estágios, ou seja, como se dá a passagem de um estágio para o outro, porque tem o templo mãe, qual é a relação desses estágios, como se dá a passagem?
32. Como é a constituição da doutrina, qual é o corpo que constitui a doutrina?
33. O senhor mostrou outro dia o diploma do senhor, como que é o processo de formação até o recebimento desse diploma?
34. Como se formou o nome da doutrina, como escolheu o nome da doutrina, Vale do Amanhecer?
35. Eu falei da escolha, perguntei o senhor sobre o nome da doutrina Vale do Amanhecer, agora vou perguntar para o senhor, como eu já perguntei sobre a construção da cidade. Enfim como se deu à escolha do local, do local na cidade, deste local que hoje é construído o centro, porque quando a tia Neiva entendeu qual era a missão dela ela recebeu também uma mensagem da escolha do local, onde era a UESB e posteriormente do Vale e aqui em Santo Antônio de Goiás como se deu a escolha desse local?
36. Quem é o Jeová Negro que a Tia Neiva cita no livro?

37. Qual é a idade do Vale do Amanhecer de Santo Antônio de Goiás?
38. Tem algumas simbologias que o Vale do Amanhecer lida né, trabalha, o que elas representam na doutrina?
39. Quais são os projetos sociais implementados pelo Vale do Amanhecer?
40. Aqui é uma região mais afastada do centro da cidade, se por exemplo surgisse um outro local, local no centro da cidade, o senhor construiria o Vale do Amanhecer no centro ou o senhor preferia esse local mais próximo das fazendas, das chácaras?
41. Então fica um pouco escondido do movimento da sociedade, eu poderia dizer que isso é uma forma de camuflar e impedir a rejeição dos outros?
42. Porque as igrejas preferem o centro, já os centros espíritas preferem regiões mais afastadas do centro, como que eu posso ver isso, essa relação no espaço?
43. Então o fato de ser um lugar mais tranquilo e menos acessível é uma forma de controlar quem vem aqui, vem com o intuito de querer vir e participar, e não simplesmente por ser um local que transita várias pessoas?
44. Poderia dizer também que um local mais afastado, mais tranquilo também, impede de certa forma a exposição da religião espírita, porque assim, a gente sabe que tem algumas questões que envolve preconceito e um local mais tranquilo, mais afastado, de certa forma impede que isso fique exposto, poderia, portanto ver dessa forma?

Roteiro de entrevista. T. M. S.

1. Nome:
2. Idade? Qual é a sua data de nascimento?
3. Quando o sr°. veio para a cidade? Onde morava antes?
4. O que vocês produziam? Como funcionava a produção?
5. Havia uma ligação entre as fazendas, havia um processo de ajuda mútua, compartilhamento entre as famílias?
6. Quando o sr°. chegou não tinha quase nada na cidade, e assim como não tinha igreja, como as pessoas manifestavam sua religiosidade, ou seja, como vocês faziam rezas, novenas, etc.?
7. Como vocês se reuniam para fazer as orações, festividades?
8. O processo de tomada de terras, quando aconteceu? Fale sobre o que lembra?
9. Pessoas envolvidas, quantas propriedades foram tomadas? O sr°. lembra o nome das famílias que passaram por esse processo?
10. Se utilizou da força, da violência, para expulsar vocês? Quem fez? Por quê?
11. Houve momento de acordo?
12. Depois que vocês saíram, qual foi o rumo que elas tomaram? Havia alguma escritura que provava a propriedade da terra por parte de vocês?
13. Se havia as escrituras, então por que houve essa expulsão? Qual foi a justificativa dos policiais quando vieram lhes expulsar? Havia pessoas que não estavam envolvidas diretamente, qual a participação delas nesse fato?
14. Como ficaram as famílias, e a sua família, depois de tudo isso? Há alguma marca dessa época que persiste até os dias de hoje, como, por exemplo, alguma família lhes vê com certa diferença por ter ocorrido isso no passado?

Roteiro de entrevista. Entrevista de L. V. C.

Entrevista realizada somente em 30/03/2009 devido as eleições ocorridas em 2008 e o entrevistado participar concorrendo em seu 3º pleito.

1. Nome?
2. Idade? Qual a sua data de nascimento?
3. O senhor sabe dizer como se deu o povoamento dessa região, que hoje é o município de Santo Antônio de Goiás? Foi compra, aqui era uma fazenda? Enfim, como se deu esse processo?
4. Há registros escritos sobre essa questão?
5. De qual família o senhor é? Uma vez que temos algumas famílias tradicionais aqui na cidade.
6. Essa mistura de famílias é um traço característico daqui de Santo Antônio de Goiás? O senhor pode comentar sobre isso.
7. Qual é a característica mais forte dessas primeiras famílias que aqui chegaram e formaram o então povoado de Santo Antônio de Goiás?
8. Quando a sua família veio para a cidade?
9. O que eles faziam na cidade onde moravam? E depois, quando chegaram aqui, o que aconteceu? Quando eles chegaram já havia cidade?
10. Por que eles mudaram para essa região? O que existia aqui quando o senhor ou eles chegaram? Como era o lugar? Havia quantas famílias nas fazendas, ou ainda nas chácaras?
11. Havia comércio ou “vendas”? Quantas? Onde? Quais eram os produtos mais vendidos ou comercializados nessa época?
12. Quais eram as dificuldades enfrentadas nesse período, o que o srº. pode citar? Sobre as dificuldades econômicas, de comunicação e de locomoção?
13. Quando a cidade foi iniciada, o processo de urbanização? Quais foram as primeiras construções da cidade? Quando e como foram construídas?
14. Em relação à política do, então, povoado. Quando começaram os grupos políticos? Quais foram as primeiras pessoas a participar a política?
15. Onde ocorriam as primeiras reuniões? Qual era o principal objetivo dessas reuniões?
16. Como foi o processo de anexação do povoado à cidade de Goianira, ou seja, como o povoado se tornou distrito de Goianira? E a emancipação?
17. Como se deu o processo de transição de distrito para município?
18. O senhor sempre participou ativamente da política daqui do município?
19. Qual foi a influência exercida pelo Ministério da Agricultura na construção da cidade?
20. Falamos do Ministério, e depois a passagem para a EMBRAPA, quais foram as transformações ocorridas após a chegada desse órgão (do ministério)? Qual a importância dele para a cidade?

21. Há muitos moradores que trabalham lá? Há uma lavoura comunitária próxima a EMBRAPA, o sr. pode falar um pouco a esse respeito? Como surgiu? Quem foi o idealizador ou os idealizadores desse projeto? Como funciona a distribuição dos alimentos? Os beneficiários? E a sua opinião?
22. Quais forma as mudanças que o sr. percebeu na cidade desde os primórdios até a atualidade? (falar da vida política dele)

Religiosidade

23. O senhor é devoto de algum santo? Por que se tornou devoto desse santo? Qual a importância desse fato para o senhor? E para cidade?
24. Saberria dizer como se deu a escolha do nome da cidade?
25. Qual o significado da estátua de Santo Antônio e da Bíblia na entrada da cidade? O sr. acha que esses monumentos representam bem o que é a cidade ou o que representa a cidade?
26. O povo da cidade é muito religioso?
27. Algo a complementar?
28. Obrigada.